

Filogônio Barbosa de Aguiar



A bola do juízo

Bom humor e trabalho resolvem
dificuldades e prolongam a vida



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

GOVERNADOR
José Renato Casagrande

VICE-GOVERNADOR
Givaldo Vieira da Silva

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Maurício José da Silva

SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Joelson Fernandes

GERENTE DE AÇÃO CULTURAL
Rita Sarmento

GERENTE DO SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS
Nádia Alcure Campos da Costa

SUPERVISORA EDITORIAL: Márcia Selvátice Tourinho

INSTITUTO SINCADES

PRESIDENTE
Idalberto Moro

GERENTE EXECUTIVO
Dorval Uliana

COORDENADORA DE PROGRAMAS E PROJETOS
Ivete Paganini

COORDENADORA DE PROJETOS
Lívia Caetano Brunoro

GESTORA DE PROJETOS
Davina Rezende

JORNALISTA
Silvana Sarmento

ASSISTENTES DE PROJETOS
Bruna Casoli
Patrícia Soares da Silva

Filogônio Barbosa de Aguiar

A
bola
do
juízo

Bom humor e trabalho resolvem
dificuldades e prolongam a vida

Secult
Vitória-ES
2014

Copyright © 2014 - SECULT
GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Estado da Cultura
Todos os direitos reservados

ILUSTRAÇÕES: do autor
REVISÃO: SummerHouse
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Bios
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Diário Oficial

1ª EDIÇÃO

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Pública do Espírito Santo

A283b Aguilar, Filogônio Barbosa de
A bola do juízo: bom humor e trabalho resolvem dificuldades e
prolongam a vida/Filogônio Barbosa de Aguilar. – Vitória : SECULT, 2014.

252 p.

1. Literatura brasileira – Conto. I. Título

CDD: B869.301

Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult desde 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infanto-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado, é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. Este lançamento, por exemplo, realizado em sinergia com a política

cultural de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel – que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente –, e a Biblioteca Transcol, que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

Maurício José da Silva | *Secretário de Estado da Cultura*

A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história”.

Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas. Em cinco anos, algumas dezenas de publicações, as mais diversas, permitiram ao leitor conhecer obras inéditas, gratuitamente.

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual tem sido profícua. O acesso gratuito às obras, a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratiza e incentiva o saudável hábito da leitura. Amplia o conhecimento de nossa produção literária, valoriza nossos autores e aproxima o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É uma nova contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

Idalberto Moro | Presidente do Instituto Sincades

Apresentação

Subida honra e indescritível alegria foram os sentimentos que se apossaram de mim quando o privilégio de ler, em primeira mão, mais um retumbante trabalho do mestre Filogônio Barbosa de Aguiar, se fez presente. E essa honra e essa alegria se dobraram em intensidade se levarmos em conta ser esta a segunda obra, em sequência, cuja apresentação me enche, ao mesmo tempo, de justo júbilo e de enorme responsabilidade.

Mas falar de Filogônio e sua arte é muito fácil, porquanto, nele, a criatividade e a perfeição são dignas de nota. Nesta obra, inédita na sua concepção e execução, o grande mestre alia a sua veia de grande escritor à de inigualável artista plástico.

Deliciei-me com os trinta e cinco contos de A BOLA DO JUÍZO, que me fizeram esquecer alguns momentos de preocupação e de tristeza. A leitura suscita várias pausas para que analisemos e aplaudamos as tiradas jocosas e inventivas do querido escritor, a partir das ilustrações que precedem cada um dos contos, todas elas da incrível lavra do artista. A tendência mesmo é a de ler o conto e retomar a ilustração para que se constate a pertinência e a exatidão do registro. E os personagens? E os nomes dos personagens? Filogônio tem esse fantástico dom de hilarizar, já por mim detectado quando da apresentação do seu último e belíssimo romance – Cinderela dos Cafezais –, de conseguir esse maravilhoso casamento de personagem e nome. Quanto à fala dos

personagens, o seu impressionante poder de retratar com absoluta fidelidade o linguajar dos incultos é algo realmente digno de registro.

Acrescente-se a tudo isso o invejável poder narrativo do Autor, homem de inquestionável cultura, tanto nas letras como nas artes plásticas e na dramaturgia, cuja obra (esta é a sua sexta obra publicada) há muito já deveria ter ultrapassado os limites da nossa região para, em se firmando de vez no cenário nacional, fazer justiça a esse simples e bravo homem, que deve sempre receber loas ao seu profícuo trabalho e a consagração literária a que tem direito.

Deliciem-se, pois, caros leitores, com as gostosas e divertidas histórias de A BOLA DO JUÍZO.

Olney Braga | Professor

Agradecimentos especiais

A João Guerino Balestrassi, Prefeito Emérito de Colatina, pelo constante apoio à cultura desta cidade e pertinente publicação deste livro.

Ao Toninho Marista pelo resgate de tantas destas “Bolas” há tempos extraviadas das velhas caças-pas esquecidas.

Ao Professor Olney Braga pela meticulosa revisão e decifrações gramaticais desta obra, desafio que encucaria qualquer Champolion.

Ao amigo Junior da Atlas Papelaria e Comunicação Visual pelo exaustivo trabalho de digitação.

A Rosiane Cristina Perinni Gatti, grande amiga e incentivadora das artes.

Ao povo colatinense do qual me orgulho de ser irmão adotivo.

Briga de cachorro grande

Essa nos foi narrada pelo finado Heródoto de Halicarnasso, com muita justiça cognominado “O Pai da História”:

Consoante Pitágoras, o Grego, uma cidade ideal seria aquela cuja quantidade de doidos fosse diretamente proporcional ao seu número de habitantes.

Arquimedes de Siracusa, entretanto, contesta, veemente, tal parâmetro e requer, em juízo, a impugnação de tamanho disparate.

Na contramão da estapafúrdia ideia, o patenteado inventor, fabricante e distribuidor das famosas alavancas “Levanta-mundo” entende que, muito pelo contrário, ideal seria aquela cidade cuja população fosse, inversamente, proporcional ao montante de seus malucos.

E vá a gente entender determinados filósofos.

Mas isso são coisas das quais nos fala o tal Heródoto. Emite-nos, ainda o historiador, vários cachos de peripécias protagonizadas por filósofos gregos.

Reportando-se, por exemplo, ao homem da alavanca, tal instrumento não surgiu, assim, por acaso. Vendo que o pobre do gigante Atlas, cumprindo dura penitência imposta por Zeus, transportava o Mundo às costas, levando-o não se sabe para onde, e ainda, ouvindo gozações dos desocupados: – “ Ei, peão! Aonde levas este trambolho?” com isso, Arquimedes até que não se surpreendia. O gigante tinha a força de centenas de manadas de minotauros; o problema, certamente, teria sido levantar tamanho peso. Daí, então, surgiu a ideia da alavanca, cujo uso, com a ajuda de um ponto de apoio, facilitaria, sem o menor esforço, o levantamento de quaisquer milhares de toneladas.

Já o outro, o Pitágoras, analista de sistema da época, de tanto procurar rumos novos para suas estatísticas, acabou alvejado, propositalmente, pela bala perdida de algum sátrapa (ou sacatrapa) descontente, enquanto ele bolava mais um de seus intrincados teoremas numa prainha deserta do mar Egeu.

E aquele outro? Um tal de Diógenes? Era o rei do comodismo. Para não ter de pagar aluguel, condomínio, imposto predial e ainda ter que arrumar casa todo dia, passou a morar dentro de um barril abandonado ao final da rua mais sossegada de Atenas, onde, em determinada manhã de sol raiado, teve sua privacidade estuprada pela inesperada visita do grande Alexandre, o Grande, cuja sombra grandalhona roubava-lhe a benesse matinal dos salutares raios do sol.

Recusando, intransigente, as melhorias de vida que lhe eram oferecidas, ele teria dito ao grande conquistador: – “Ofereces-me tanto e tiras-me o mínimo que não me podes dar? Te arranca, cabra da peste! Deixa-me em paz com minhas elucubrações. Escafedam-se da porta do meu barril, tu e tua maldita sombra.

Com tal arrogância, teria ele perdido, no mínimo, o Ministério das Sapiências, um dos mais atraentes itens que engrossavam o farto pacote de ofertas apresentado pelo grande helenizador.

E tem mais doido na linha:

Sócrates! Não o Sócrates, famoso camisa 8 da seleção de 82, o qual foi um filósofo da bola. Evoquemos o outro Sócrates: o da cicuta.

Acusado pelos comerciantes da época de estar subvertendo e desencaminhando a juventude ateniense, introduzindo-a a se afastar dos computadores, que negligenciavam a filosofia helenística, sabe o que fez o mentecapto? Dirigiu-se à hortinha caseira no fundo do seu quintal, onde mantinha uma bela touceira de cicuta, adubada e bem conservada para possíveis emergências; arrancou, com talos, raízes e tudo, as folhas mais suculentas, mergulhando-as em infusão de três dias dentro de uma velha lata de azeitonas vazia, que também lhe servia de caneca e, circunstancialmente, de penico; aguardou, pacientemente, a fermentação da erva mortífera e, diante de seus consternados discípulos, num brinde sinistro, ergueu a caneca fatal e... chapou!

Foi uma golada só. Não deu nem pra sentir o gosto.

E pasmem-se com esta; só mais esta:

Platão, o Troglodita Iluminado, levava vida de morcego. Como todo fiel e legítimo quiróptero dotado de boas antenas, ele adorava cavernas. Instalava-se, confortavelmente dentro delas e, dali, por uma fresta luminosa, ele pesquisava e bisbilhotava as fraquezas humanas captadas pela telinha do seu radar.

Acontece que nem tudo era paz e sossego no retiro do filósofo. Muitas vezes, ele largava suas abstrações, interrompido pelas bagunças de um tal de seu Hefestos, ferreiro profissional elevado à categoria de semideus, do segundo escalão, mas também, uma potestade revestida de inúmeros poderes, inclusive com o dom de fabricar toda espécie de fogo e brincar com brasas sem se queimar. Era fogo o seu Hefestos: fabricava tantos raios, curiscos e trovões que, certa vez, ao descavernar o coitado do Platão, ele foi, severamente, advertido por Zeus:

– Manera homem! – disse-lhe o deus-chefe. – Tomas os teus gorós e queres atear fogo no mundo? Cuidas que não te percebo? Faze-te de besta. Não é a toa que, ultimamente, tens andado com aquele romano pervertido, o tal do Baco, uma raposa devassa e beberrona, um gambá fora da lei, pingüço e sem moral. É só isso que nos dão as más companhias. Acalma o seu furor, porque já estás provocando o meu. Manera, ou casso-te os poderes e te ponho em confinamento entre focas geladas e ursos teófagos lá no Polo Norte. Já pensou se um desses teus torpedos cair sobre a cabeça de algum troiano? Tu vais tifu, meu chapa! Tifu...!

Só com tais escovadelas, seu Hefestos, deus do raio e do trovão, abrandaria a sua fúria. Assim mesmo, até hoje, aproveitando-se da caduquice e dos cochilos do deus-chefe, ele, às vezes, se emputece: toma umas caipirinhas, lasca o martelo em sua bigorna incandescente e lança sobre a Terra seus alucinantes raios e coriscos misturados com ensurdecadores trovões e devastadores tsunames.

Assim nos fala Heródoto de Halicarnasso em suas célebres “Focas da Hélade Perdida”, Prêmio Centauro de Literatura dos anos tantos que nem sabemos quantos.

O autor

Sumário

| |
|----------------------------------|
| A bola do juízo, 19 |
| O equinocídio, 37 |
| O pescador pescado, 43 |
| Pedido de casamento, 49 |
| O joelho do Polidório, 55 |
| O turco e o papagaio, 63 |
| O ovo misterioso, 69 |
| O astronauta, 73 |
| A raiz milagrosa, 81 |
| O rival do diabo, 85 |
| O achado, 95 |
| El Sabadin de Las Taquaras, 101 |
| A carta e a vaca, 107 |
| O demagogo, 115 |
| O retrato da onça, 119 |
| Um fantasma no guarda-roupa, 125 |
| O enxoval da noiva, 133 |
| O pregador, 137 |

O beijinho doce, 143
O cliente, 149
A arapuca, 155
O azar do Azarino, 159
Chiquita Bacana, 165
O repentista, 171
Procura-se o avião, 175
A viagem espacial, 181
A empresa, 187
O interrogatório, 193
Caifás Século XX, 201
O improviso, 207
Cão *versus* cachorro, 217
O apito de ouro, 223
A raposa encantada, 235
O pescador de tatu, 239
Faltava um João, 245
Epílogo, 251

A bola do juízo



Filosofia
2009

...e, da noite para o dia, o outrora próspero Distrito do Arrasta Couro, bem como suas adjacências deram de se aperrengarem, devastados que foram todos os seus rebanhos bovinos, os quais desfilavam gordos e pachorrentos pelos verdes tapetes de suas suculentas pastarias.

Poderia ter sido até a tal “Moléstia da vaca louca”, se os fazendeiros do lugar não houvessem burlado as pesquisas científicas e antecipado nomes e causas de tão devastadora epidemia:

- Tá babano, é fitosa!
- Se tá mancando, é gabarro.
- Ou mal dos quarto.
- Aí, num anda mais.
- E contramina os outro tudo.

Nos desencontros dos diagnósticos, quem mais se aproximou da verdadeira causa, mesmo sem querer, foi o vaqueiro Chiquim Macabeu: – Se num foi ofindida de cobra, se num tinha nenhuma caixa de marimbondo por perto, e saiu desimbestada, quebrando cerca, mode cair morta, mais adiente, essa vaca só podia mesmo é tá doida. Vaca louca! É isso.

– Vaca louca!? Doida? Eu nunca vi. Cachorro e gente, eu sei que tem muito por aí.

A verdade foi que a catástrofe acabou obrigando muitos fazendeiros ricos e bravos peões a buscarem novos climas, enquanto outros, saudosistas, sedentários, continuariam por ali, palitando boas lem-

branças dos tempos das vacas gordas, alimentados, ainda, por inarredável otimismo:

- Num há de ser nada. Deus tira, Deus adevorve.
- Num dia a gente botemo esse lugar pra frente outra vez.
- É só contratá piãozada disposta.

E foi, exatamente, no lombo desse raciocínio, que o maior inimigo do trabalho, um tal de Dufim Xexéu, saiu à procura do velhote Nonô Fuçanha, safadíssimo embromador e notabilíssimo fuçador de vida alheia; o qual, de há muito, havia aportado no distrito, sem a ninguém dar ciência de onde, nem por que vinha, e, muito menos, para onde ia.

Ele estava ali, no Arrasta-Couro e, dali, nunca sairia, já que uma boa e duvidosa aposentadoria lhe estava garantindo vida tranquila, ainda que a vaca fosse pro brejo. Ficaria ali; comendo, bebendo, dormindo por conta do Governo e, nos íterins da agiotagem, devorando sabenças nas páginas do Almanaque do Capivarol.

Com tantas sabenças, no entanto, o que ele ainda não sabia era que, além da delegada, Licobrina Taveirós, boa parte da população já andava de olho nele.

Embora não muito contraditórias, duas correntes se divergiam a respeito de sua misteriosa pessoa: para uns, ele não passava de uma velha raposa diplomada, astuta e solerte. Injusta, também, não era a ala contrária, que, além de outras pechas e vitupérios, só faltava, mesmo, outorgar-lhe o pomposo título de “Ratazana Honoris Causa”.

E foi diante das sabenças desse erudito que o Dufim Xexéu abriu o secreto baú de sua predileção pela preguiça:

– Já tão inspaiano por aí qui eles vai contratá piãozada, seu Fuçanha. Isso de trabaiaí num combina cum minha natureza. Num bate com minhas idéia. Se eu arrumasse um jeito de cumê, bebê, drumi... sem trabaiaí, assim cúma o sinhô...

A velha raposa sorriu fanhosa:

- Jeito tem. Posso até ensinar.
- Cuma o sinhô é bão! Mim falaro até qui o sinhô é mafinhoso.

Fuçanha torceu o cabo do guarda-chuva e falou:

– É... é. Só que eu sou da Máfia do Bem. Por isso, no fim de cada mês, eu só quero 50% da bolada.

Dufim não entendeu o porquê da exigência e, muito menos, do que se tratava:

– Cuma, seu Fuçanha? Cuma vô eu tê dinheiro?

O velhote deu uma piscadela:

– Cuma? Amuntado numa boa aposentadoria.

– Cuma? Se eu num trabaio?

– E precisa? É só dá “uma” de doido.

Xexéu deu um passo atrás:

– Doido?! Eu posso até não gostá de serviço, seu Fuçanha. Mas, doido eu nunca fui não sinhô.

– E daí, seu Xexéu? Um doido mais, um doido menos num faz diferença, todo lugar tem seu doido. E, dependendo do tamãe do lugar, pode ter até dois ou três em cada esquina. Se num tivé mais! Já seu causo é diferente.

– Mas... seu Fuçanha... eu não sou doido.

– Eu sei. Eu sei... Mas, iscuta só essa: Dento do céubro da gente tem uma puçã de bola e uma puçã de buraco. Cada buraco pra sua bola e cada bola pro seu buraco. Tá mim intendenho?

– É... é. E daí?

O velhote pigarreou: – E daí, é que precisa ter muito cuidado, mode num trocá elas. Pispalmente a bola mestre, a bola do juízo. É quiném a bola sete da sinuca. Se discuidá, ela perde a boca da caçapa e nunca mais vorta no lugar. É só ter cuidado. Tá intendenho?

Xexéu se embaraçou:

– Seu Fuçanha... eu... eu tô nuviado. Disnuvia mais um mucadim.

– Tá bão, rapaz. Tá bão. Ocê num pricisa ser doido de verdade. Prá ser doido de mintira, é só fazer que erra, mas num erra. Aí, ocê continua bão da cabeça.

Mais, se errar... é pá bosta! Aí ocê fica doido mesmo. E de uma vêis. Sem vorta. É só num isquecê da bola-mestre, quando ocê tiver dando “uma” de doido. Entendeu agora?

– E daí, seu Fuçanha? Ainda tô mêi nuviado...

– Daí, nós aposenta ocê cuma doido. Eu falo com a doutora delegada prá preparar a papelada; eu fico cuma seu pricurador. Daí, todo fim de mês, nós racha a bolada. Ainda tá nuviado?

Dufim sorriu:

– Agora sim! Já tá mais disnuviado!

– Entonce? – tranquilizou-lhe o velhote: – Eu só faço o bem sem olhar quem. Disposis ainda tem umas recomendação e uns segredim prá t'insiná. Agora já pode ir treinando. Quando ocê tiver no ponto, mim avisa. Eu quero tá por perto.

E foi, justamente em dia festivo do padroeiro do lugar, que se deu a primeira apresentação pública do falso doido.

Quando a procissão saiu às ruas, eis que, para assombro da população, surge Dufim Xexéu à frente do cortejo, montado num cabo de vassoura que ele havia transformado em cavalo. Sobre a calça, um saio de cor-de-rosa, de tecido transparente; preso, às costas, um par de asas de anjinho de procissão; na cabeça, um chapéu de couro dobrado em platibanda sobre a testa e, no restante da aba, vários cachos de gizos tilintantes. Usava botas, juntamente com um enorme par de esporas e, dando várias voltas em torno do pescoço, uma exótica ramaria de maracujá em forma de colar e, completando a parafernália, trazia, ainda, na cinta, um canudão de lata à guisa de megafone.

Alguém contou que o tinha visto entrar na oficina do Zé Picheleiro com uma lata velha debaixo do braço e, dali, momentos depois, ele saía com aquele funilão escandaloso azucrinando os ouvidos da população.

– Dufim ficô doido! – exclamou alguém.

– Nossa! Que pecado! – escandalizou-se uma beata.

– Anjo de chapéu eu nunca vi!

– Óia lá! Sunta só a sainha dele!

Galopando e esporeando o cabo de vassoura, o Xexéu ia e vinha entre as alas pasmadas da procissão.

– É o inhanticristo!

– Só pode sê! Tá no Pocalipe qui ele invinha!
– Óia lá! Chegano a ispora no cabo da bassora!
– Ele falô, ali atrás, qui ele era o anjo vingadô amuntado na mula sem cabeça!

Embora um pouco assombrado com aquela perfeita demonstração de demência, Nonô Fuçanha, com a ponta do guarda-chuva, simulava várias tacadas numa hipotética bola de sinuca; estava indo tudo bem com a cachola do Xexéu.

Decodificada a mensagem, o falso doido ergueu, retesados, os polegares. Tudo Ok. A bola do juízo ainda não havia caído fora da caçapa.

Alguém mais detalhista comentou:

– Viu só os dedão dele parriba? “Pusitivo”, cuma? É trem de doido mesmo!

E não ficou só nisso. Xexéu gostou da experiência; partiu para novas perfórmances, sempre seguido de perto pelo Fuçanha e sua respectiva “sinuquinha”, através da qual ele obtinha o sinal de “positivo” da parte de Xexéu. A bola do juízo, felizmente, continuava fiel à sua caçapa.

Todavia, se era esse o pensar de Fuçanha, a perspicácia da delegada Licobrina Taveirós navegava em sentido contrário; principalmente quando o seu litro de conhaque já se achava da metade para baixo.

– Para mim – conjecturava ela, – quem tá ficando doido é o sa-fado daquele velhote. Onde já se viu? Andar por aí, dando tacadas, a esmo, com a ponta do guarda-chuva numa sinuca invisível, onde só ele joga... E o pior é que ele anda me atazanando para que eu providencie, urgentemente, uma aposentadoria para o vadio daquele Xexéu. E ainda por cima, que eu o faça procurador daquele desocupado! Mas deixe estar. Se ele continuar com essas patacoadas... já sei quem vai se aposentar de uma vez por todas... e num xilindró!

Enquanto tudo isso ia marolando na mente da delegada, o Fuçanha se encontrava, a sós, com o falso doido, dando-lhe ciência das boas perspectivas em favor de sua aposentadoria como maluco.

– É isso aí, seu Xexéu. Tudo tanquile! Tamos no camim certo. Já falei com a doutora Licobrina. Ela tá favorave. Falei cum ela que ocê num anda bão da cabeça. É isso aí. Continua, firme, com suas maluquera, home! Mais só te peço uma coisa, além dos meus 50%: Manera, home de Deus! Ocê já tá ijagerano dismasiado! Anda fazeno coisa que nem doido de verdade acredita. Só “aquela” d’ocê colocar seu chapéu numa ponta de istaca, ficar inscundido, oiando se vem arguém... dispois saí, digavazim, nas ponta dos pé, garrá o chapéu, infiiá na cabeça e sair correndo cuma ladrão de chapéu... foi dismasiado! Manera, home! Eu já falei com a delegada qui ocê tá quase doido. “Quase”! E ocê sabe: Do “quase” pra lá é um pulo. Já pensou? E se ocê fica doido de verdade, doido barrido? Ocê pode até ficar; mais só dispois que ocê dá orde pra mim ficar cuma seu pricuradô. Vai divagar, home de Deus! O que é do home bicho num come! Guarda as maluquera mais doida prá hora da periça. Ou será que a bola do juízo já tá ispirrando fora do buraco?

Xexéu sorriu aparvalhado e afirmou:

– Nada disso. Já isolei as outras bola e tampei os buraco delas. Se a bola do juízo cair... – e ergueu os polegares – só cai na caçapa dela. Dexa a delegada cum nós.

E foi numa risonha manhã de sol raiado que a dita delegada, municuada com suas convencionais munições e o seu não-menos-convenicional litro de conhaque no alforje, atirou-se sobre o lombo de sua montaria e adentrou mata cerrada em busca de um matreiro ladrão de galinhas que fugira do xilindró.

O lugarejo, também, já despertava, bocejante, perscrutando novos horizontes. Foi quando, então, atraída pelo megafone do Xexéu, a população, em massa, correu até a pracinha, onde ele, aos berros, conclamava o patriotismo de todos:

– Povo que povoa o povoado do Arrasta-Couro! Nós precisa mudar a cara desse lugá. Já tão dizem, lá fora, que o Arrasta-Couro morreu. E que agora é “Interra-Couro”! Será qui ocêis tudo quer sê interrado cuma os seus imbigo na terra qui tá morreno? Será? Só pur causa de cunversa fiada? De fuxico dos invejoso? Nada disso! Vamo

começar mudar as coisa agora mesmo! Vamo mostrar pro mundo e pr'os governo que o povo de Rasta-Côro é capaz até de tirar cascudo da loca sem moiá as mão! Vamo, todo mundo, trabaiá! Isso aqui vai sê o maió munícipe do Brasil! Vamo trabaiá!

Alguém comentou:

– Essa não! O rei da priguiça falano em trabaiio!

Atônito, o Fuçanha não acreditava no que estava vendo e ouvindo. Apontou o guarda-chuva na direção de Xexéu e simulou uma violenta tacada. Desta vez, porém, a ponta do seu captador de mensagem não alcançou o alvo por todos ignorado, mas acertou, em cheio, uma orelha de um tal de Incalacrino Dias, boiadeiro de maus bofes, que só aguardava uma oportunidade para descarregar toda sua ira contra a adversidade que, por muito tempo, o havia deixado em desemprego.

E o Dufim, exaltando a bravura dos arrastacorenses, trincava o seu megafone:

– Só o povo rastacoreano é capaz de insuscitá esse cafundó morto! Vamo lá, minha gente! Vamo lá! Epa! Quem cuchichô aí? Quem foi? Quem cuchicha o rabo inspicha. Quem é cuchichero rabudo?

Alguém soltou uma risada.

– Epa! – tornou o Xexéu. – Argúem rinchô! Se rinchô, o mio fartô. Quem rinchô? Eu vô incomendar um cachorro farejadô, mode discubri quem é os disordero desse lugar! Indução, minha gente! Indução, meu povo! E vamo im frente! Toca pra diente!

Por incrível que pareça, os tais “rastacoreanos” ressurgiram vigorosos e bem-dispostos com os apelos do orador. Sob uma chuva de aplausos, carregaram-no pelas ruas e vielas, a todos dando ciência da causa proposta, angariando geral apoio para imediata restauração do lugar.

O Fuçanha, um olho empapuçado, arroxeadado e fechado pelos sopapos do tal Incalacrino, arrastado pela multidão e, por enxergar mal, apontava o guarda-chuva para a direção de onde saía o som do megafone do Xexéu, o qual nem conhecimento tomava de sua presença:

– Vamo lá, minha gente – conclamava o ex-preguiçoso. – Vamo lá! Na casa do bão home, quem num trabaia, num come! E o Fuçanha, brandindo a ponta do guarda-chuva e piscando marimbondos:

– Filho da puta! Canastrão! Eu já discunfiava qué ele tava dexano a bola-mestre iscapuli! Eu sabia! Cadê os “pusitivo”? Cadê – monologava ele. – Mais eu corto os dedo dele. Juro que corto!

Finda a passeata do ressurgimento, voltaram todos à pracinha.

Enchicharrado, Xexéu subiu ao coreto, empunhou, novamente, o megafone e determinou:

– Agora, pessoal, a nossa premera tarefa: A limpeza das rua, qui ta mais xuja do que pulero de pato! Premero, as faia; dispois, os acerto. Agora, as tarefa mais menó. Dispois, vem as tarefona mais tarefosa. Intoces, vamo lá, meu povo! Mão nas obra! Foice, inxada, facão, bassora, barde cum água, carrim de mão, balai... qui é pra tirar o grosso. Corta, também, aqueles gai de manga e de outras fruta purriba dos muro intrapaiano as cauçada. Isso aí, meus amigo! Corta tudo! Óia ali! Óia lá! Aquele montão de bosta de cavalo. Isso num pode!

– É do cavalo da delegada, seu Xexéu!

– E daí? Ela é a premera qui tem qui dá inzempro. Cadê ela?

– Foi buscá um preso qui fugiu.

– Quando ela vortá, eu falo cum ela. Mais limpa aquilo, logo – ordenou. – Vamo im frente! Mim acompanha todo mundo. Epa! Óia ali! Óia lá! Mais bosta! É bosta pra todo lado! Cocô de galinha e de cachorro nas cauçada! Limpeza, minha gente! Limpeza limpa, mode num invergonhá nós. Outra coisa: agora é lei: Quem quisé suas criação sorta nas rua, tem que botá flauda nelas. Flauda im tudo: nos jumento, nos cachorro... tudo. Epa! Nos pato também!

– É isso mesmo, seu Xexéu – adveio a professorinha Curiogilda Flores. – Pato é bicho muito sujo. Cospe toda hora!

– A professora tá mais do qui certa – tornou o Xexéu. – Marra o bico deles cum barbante, mode num cuspi nas rua, e bota flaudona na bunda, modoe num cagá nas cauçada. É isso aí, meu povo! Pato, ganso e marreco. Tudo de flaudona. Já os galo, galinha e frango mais

criscidim basta marrá uma sacola de papele no traseiro deles. Pintim, fiote, só pô uma sacolinha vazia, daquelas pra pô picoca pra pinto. Epa! E aquele véizim doido que vem ali, cutucano o vento cum a ponta do guarda-chuva? Quem é ele? É daqui? Se num for, manda prender. Doido, também, num pode ficar nas rua.

– Prender, cuma, seu Xexéu? A dotora Licobrina viajô. Foi...

– Ta bão. Ta bão! Quando ela vortá, eu falo cum ela. Rua num é lugá de doido.

A verdade foi que, em poucas horas, as ruas já mostravam os primeiros esboços de um alegre sorriso, o que animou, ainda mais, a população:

– Vamo trabaiá, minha gente! Vamo! trabaiá! – gritavam todos.

– É pra barrê, também, o Beco do Sapo?

Dufim fez uma pequena pausa antes de responder:

– Não. Dixa cuma tá. Sapo gosta de lugá ume. Dex'eles assussegado no cantim deles. Eles, também, é rastacoreano. Nascerô aqui.

Já era noite cerrada quando Dufim Xexéu ordenou descanso para todos, pois teriam batente pesado no dia seguinte.

Tão profícuos foram os trabalhos daquele primeiro dia que a delegada Licobrina Taveirós, ao regressar, na manhã seguinte, trazendo o ladravaz fugitivo numa ponta de cipó grosso, chegou a pensar que estivesse entrando em lugar errado. Mas, logo, foi cercada pela população, que a pôs inteirada do que estava ocorrendo.

– Dos males, o menor – pensou ela, intimamente satisfeita com o que estava vendo. – E eu a julgar mal aquele desvalido do Xexéu – concluiu, reconduzindo o preso ao xilindró.

– Vamo lá, minha gente! – voltava a conclamar o Xexéu. – Mão na obra e pé na tauba! Dessa vês é pra rachar! As rua já tá tudo limpa e bem barrida. Agora é só conselvar. Êpa! Óia lá! Bosta outra vês!

– É do cavalo da delegada, qui vortô, seu Xexéu.

– Tá bão. Daqui a pouco, eu vô falar cum ela. Dessa vez ela também vai ter que participar do mutirão da bosta. Pensano o quê?!

– Nossa! Qui corage! – cochichou alguém.

– Esse home num ta bão não – diagnosticou, no mesmo tom, a benzedeira dona Ramosina da Guiné.

– Mais iscuta só – continuaria o Xexéu – Dispois, cada um compra seu bardim de tinta, da cor qui agradá, mode pintar os muro e as frente das casa. Óia lá! Óia lá! A igreja. Pint’ ela, também. Pinta toda; pur dento e pur fora. Se tiver algum santo istragado, manda cunsertá. Os nariz, dexa que eu cunserto. Tem muito santo cum narizão grandão lá dentro. E pur que só uma cruz? Tem que ser duas. Bota outra, lá atrás, na ponta da cuminhera dos fundo.

Epa! Que difunto é aquele que vem ali?

– É o véi Nonoca de Ingenhoca, Seu Xexéu. Discansô.

Xexéu encolheu os ombros:

– Tá bom. Se quis discansar, vai discansar no lugar certo.

– Tão levano ele, ali, pro sumintero.

– Pra donde? – estrilou o Dufim – Nada disso! Nem pensá.

– Mas... Levá prá donde, intonce, seu Xexéu? Num tem nicotére.

Já tá decidido. Leva ele lá pra riba, pro Morro do Cachorro. O sumintero vai mudar pra lá ainda nos miado dessa semana. Sumintero aqui na rua, nunca mais!

– Seu Xexéu... e os nossos mortos?

– E daí? – retrucou o restaurador – Cada qual tira o seu, bota na cacunda e lava pra lá. Que mal tem nisso? No lugá do sumintero véio, nós vai fazer um jardim. Cada cantero vai ter o nome de cada difunto que disacupá o lugar. E mais ainda: no mêi dos cantero, as muié pode prantá cebolinha, abróbia, repôï... sarsinha... Qué mais mió do que isso? Entoce já fica todo mundo sabendo: difunto só lá inriba no morro. – Encarou a todos, por um momento e, mais uma vez, dando prova do seu prodigioso raciocínio, concluiu:

– Aí, fica mais bão: quem tiver que subir pro céu já fica mais perto; e, pr’aquele que tiver que descer, de já as prifunda fica mais funda ainda. Some de uma vez.

A delegada tomou conhecimento do inusitado e, após confabular com um grupo de várias congregações religiosas do lugar, obteve

apoio para satisfazer a inusitada decisão do Xexéu. Afinal, ele estava mudando, realmente, e, para melhor, a fisionomia do lugar.

Trasladados, naquele mesmo dia, os restos mortais para o Morro do Cachorro, inaugurando, solenemente, o novo cemitério, Dufim concedeu descanso ao pessoal, alertando a todos para a “tarefona” do dia seguinte:

– Amanhã, vai sê pra quebrar! Vamo pocar aquela pedrera e fazer parelepipe, mode cauçá esse morro, lá de baxo até aqui im riba. Assim, quando chuvê, difunto ninhum vai impacar nos iscur-regadio.

– Vai fartá gente pra tarefa, seu Xexéu.

– Num dificulitua as coisa. Num dificulitua. Fala cum a delegada pra ela m’im prestar os preso que ela tem lá. Dispois eu adevorvo.

Estapafúrdia era a determinação do restaurador. Também ninguém gostaria de deixar pelo caminho tão reluzente obra.

Munidos de picaretas, pás, marretas, marrões, ferramentas cor-tantes e perfurantes e explosivos, partiram todos na manhã seguinte, rumo à tal pedreira.

No decorrer daquela semana, todo o material para calçamento do Morro do Cachorro ficou pronto e assentado em seu devido lugar.

O povo, embora desancado, rejubilava-se. O lugarejo brilhava e rebrilhava.

O ratazana Nonô Fuçanha vociferava:

– Ai, ai, ai! Eu sabia! Boi sonso! Fi duma égua! Dexô a bola-mes-tre caí fora do buraco. Cão hidrofe!

Alheio a toda espécie de pragas e maldições do ratazana, Xexéu não dava estanquismo à sua sede de progresso:

– E, agora, meu povo, pro lugar num ficar muito chêi desse negó-cio de sobe-e-desce e desce-e-sobe, já invém pur aí um prano pra cabar cum esse mal-costume: vamo fechar o Morro dos Véiaco. Já arreparei que, ali, naquele cucuruto, num mora ninguém. Tem tria, mas num tem rua; quem pur lá passa, só passa pressado, de menesguei, cuma raposa fujona. Eu quero vê calotero cortar mais vorta pur lá. Inté já tô

de bistunte, mode contratar vigia fetivo ou cachorro pegador, mode prestar assunto naquilo lá.

– Num vai sê fácil, seu Xexéu. Calotero dá nole até im curisco.

– Pode até dá – concordou Xexéu. – Só quero vê quem dá nole em xuminxuga.

– Uai! Cuma?

– Quem quisé fugi das conta, aqui na rua, vai tê qui subi e descê o cóigo imbatumado de xuminxuga. Só tem essa passage que ninguém vê.

– E daí, seu Xexéu?

– E daí? Apareceu rancano xuminxuga nas perna ou noutras parte... todo mundo já fica sabeno: É calotero inganadô. Epa! Lá vem um na padiola!

– É o Chico Roxo, seu Xexéu.

– Virou tijolo?

– Não sinhô. Foi baliado. Garrucha 44.

– Pois é... – tornou Xexéu. – Se tivesse imbulança, num tava na padiola. Mais vai morrer assim mesmo. O jeito é conformar.

– Mas quem não se conformava, mesmo, era o Fuçanha:

– Só pode tê pirdido a bola do juízo e tê ficado doido de verdade. E lá se vai, de miolo abaixo, os meus 50%! Ele nem vai mais lembrar do nosso trato! – Mesmo assim, em assim pensando, ao ver passar o Xexéu, ele estirou-se, debruçado, sobre um banco na calçada e, de guarda-chuva em riste, afinou a pontaria e arriscou mais uma tacada. Mensagem não detectada.

Quem acabou decodificando sua papeata foi a delegada Licobrina que, saindo do boteco do Tobias, de onde vinha da inauguração de novo litro de conhaque, agarrou-o pelos fundilhos e o conduziu ao xilindró para posteriores sondagens.

Além do agudíssimo faro, a delegada, que de feminino só tinha o nome, era do tipo tomba-homem. Falava grosso, usava botinas de saltos cravejados, montava e galopava burro xucro, amarrava a saia com uma pesada cartucheira recheada de chumbo grosso e que também lhe

servia de cabide para o inseparável trabuco. Fumava charuto e bebia pra trinta gambás. Conhaque de alcatrão! Bebida braba, que sempre deixava no estirado muito peão forte e decidido. Bêbado malcriado e ladrão de galinha ela os botava para dentro do xilindró, mediante a bagatela de meia dúzia de pescoções, quando não optava por vários pares de chutes no traseiro. Comícios e manifestações contra o Governo, ela os dissolvia na base do rabo-de-arraia, esporte que ela praticava desde criança, e que, agora, lhe servia para a manutenção da Lei e da ordem.

E foi sob a égide dessa lei e dessa ordem que o Arrasta-Couro, para orgulho de sua laboriosa gente, continuou crescendo, ao comando inflexível do megafone do Xexéu, tornando-se outro lugar; brilhante como nova Fênix renascida!

O fenômeno, como não poderia deixar de ser, fez com que retornassem ao torrão natal velhos e promissores fazendeiros que se reapossaram de suas terras, as quais não seriam mais apenas uma vasta floresta de cascos e de chifres. Revitalizadas por ideias novas, tornar-se-iam altamente produtivas, com lavouras diversificadas e, de quebra, boas fatias de espaços para formação de novas pastagens.

Dali, foi um pulo para que, a convite da delegada, autoridades, personalidades do mundo político, turistas e até um representante da Imprensa baixassem no Arrasta-Couro.

E foi sob estrondoso foguetório que a delegada, à frente da comitiva, saiu mostrando e elogiando as reformas e obras em andamento.

Afetadíssimo, o repórter só sabia exclamar diante do que lhe era mostrado:

– Extraordinário! Extraordinário! – o que, aliás, já estava incomodando o Xexéu.

Percorreram ruas e vielas, atravessaram o Beco do Sapo, subiram o Morro do Cachorro, onde visitaram o novo cemitério; desviaram-se da Trilha dos Velhacos e retornaram à pracinha onde subiram num palanque.

Empavonada, a delegada, utilizando-se do megafone do Xexéu, solicitou que a população, em peso, nas próximas eleições, fizesse

dele o seu representante legal, já que o distrito nunca tivera seu vereador, devido à quantidade de candidatos que se apresentava em cada eleição.

Na oportunidade, ela ainda coroou os méritos do candidato com o bombástico “slogan”: Vote no Xexéu, e isto aqui será “um céu”.

Foi um delírio! Todos aprovaram. Todos repetiram, em coro, o “slogan” consagrador.

– Du-fim! Du-fim! Xe-xéu! Xe-xéu!

No estopim dos faniquitos, a beata, dona Clerismunda Revoredo embarcou no rastilho dos histerismos e grasnou cheia de fanhos:

– Xe-xé-é-um! Xe-xé-é-é-é-um! Instauta nele, minha gente! Instauta, quiném aquela de Santo Apolônio, lá do sumintero véio! Instauta pra ele!

Ao embalo dos aplausos, o juiz de paz, Tiburtino Veigas, subiu ao palanque, pegou o megafone e, posudo, falou:

– Muito bem! Apoiado e muito bem lembrado. Sem abistruções das pauta, fechemo, todo mundo, vereadoralmente, em favor do senhor Dufim Xexéu, de cujo falou muito bem a nossa ilustre delegada, ele merece! Tenho dito e muito obrigado!

Tendo dito, ele desceu do palanque, estrepitosamente aplaudido. Afetação jorrando por todos os poros, o tal repórter exultava:

– Extraordinário! Extraordinário! – E dirigiu-se ao Dufim. – Extraordinário, seu Xexéu!

– Ordinário é a véia! – resmungou, injuriado, o Xexéu...

Apesar do espanto dos presentes, o homem da imprensa ainda insistia: – Aqui, por favor, seu Xexéu – Diga ao nosso povo. Como conseguiu o senhor esta façanha?

– Façanha? – estranhou o Xexéu. – Num cunheço. Qui fa? Qui fa? Num tem fa! Tem fu! – e, chegando o megafone no caramujo auditivo do repórter, berrou, ainda mais alto: – É fu-u-u-u-u! Fuçanha! Ouviu bem? – e, já mais calmo, arrematou: – Ele num tá mais aqui. Sumiu!

Sanados os constrangimentos, Dufim voltaria a falar para a multidão:

– Agora qui já tudo im orde, aminhã eu vô parti pra tarefona mais tarefosa do qui as mais tarefosa.

– Mais tarefa?! O que será desta vez?

– Fala pra nós! Fala! – atalharam todos os que estavam no palanque. – Fala, seu Xexéu. Fala!

– Nada disso – valorizava-se o Xexéu! – É segredo de minhas parte. Tá dentro de minha cabeça, faz tempos. – E, com um sorrizinho sussurrava: – Aminhã... Aminhã...

– O que vai acontecer amanhã? – atalhou o repórter.

E o Dufim, maquiavélico:

– Aminhã... quando a bola-mestre acabá de iscurrer fora da caçapa...

– Bola-mestre?!... O que é isso?

E o Xexéu sempre sussurrante:

– Qui tivé galinha nas berada... só pena qui vai avuá.

– Por que estará assim? O que deu nele?

– Está emocionado – adveio a delegada – logo ele estará melhor.

O repórter ainda tentou incrementar seu furo de reportagem:

– Senhor Xexéu, o senhor acaba de falar sobre penas que voam.

Como assim?

– Cuma? Quando ela istorá purriba da tripizonga desse lugá!

– Estourar? Quem? O quê? Afinal, o que vai estourar, seu Xexéu?

Xexéu tirou o megafone da cintura, levou-o à boca e berrou, alucinado:

– A bomba tônica! A bomba tônica, qui acabei de preparar!

– Nossa! – gritaram todos apavorados. E aos trancos e trambo-lhões, a multidão em fuga, se embaraçava nas próprias palavras:

– “S’imbora minha véia!” – “Cadê meus óclio?” “Socorro!” – “É o Opocalipe!” – “Eu sabia que ele invinha.” – “Sai da frente, capenga da mulesta!”

– Acode aqui, gente! Acode! – gritava, aflita, a carola Emengardina dos Anjos – Mim ajuda a socorrer o Zé Manquim! Cadê a muleta dele?

– Ai! – gemia o pernetá. – Pod’s’imbora ocêis tudo! Mim dexa morrê im paz, aqui mesmo.

Enquanto a debandada se generalizava, o maluco saiu pelas ruas, berrando com o seu instrumento anunciativo:

– Vô insprudi a bomba tônica! Aminhã! Vô insprudi! Cai fora quem num quisé invirá farele! Ainda tá im tempos!

A tal “bomba tônica” deixara a população atônita. Alguns até perderam o rumo de casa, principalmente os que já conheciam a capacidade de realização do Xexéu e aqueles que, também, já tinham ouvido falar do mortífero petardo nuclear:

– Vai ser o fim do mundo!

Sádico de plantão, da varanda de sua casa, o neurótico de guerra, Voraznim Scudigatto, presenciava o corre-corre.

Indivíduo predisposto ao contraditório, nutria-se ele das mais singulares dicotomias, dentre as quais, sendo ele flamenguista de bem antes do rádio à pilha, era, concomitantemente, radical devoto de São Januário.

Agora, ali estava ele se deleitando com o prenúncio de uma grande tragédia. E, sentindo que também era chegada a sua hora, ele entendeu ser oportuno inaugurar a garrafa de champanhe de seu casamento, a qual, ao longo de duas bodas, vinha sendo guardada a sete chaves para um eventual acontecimento além do especial.

Ao agito do espumante, seguiu-se o tradicional estampido; com o impacto do rolhaço numa das costelas, um bebem que cambaleava em frente, cau estrebuchante, chamando por socorro: – To baliado! – gritava ele – tô baliado!

Mas ninguém lhe deu ouvidos; cada qual procurava salvar sua própria pele.

Enquanto a delegada Licobrina Taveirós tentava controlar a população, não muito longe dali, outras providências já estavam sendo tomadas:

Talvez, por ter ouvido as ameaças do maluco e nelas ter acreditado, e, supondo que ele poderia transformar o Arrasta-Couro numa

segunda Hiroxima, o primeiro a evacuar o distrito foi o intrujão Nonô Fuçanha. Constatando cadeado enferrujado, ele botou abaixo a grade do xilindró e escafedeu-se. Sumiu!

Nunca mais o viram no Arrasta-Couro; nem pelas adjacências tiveram notícias dele. Havia pedido asilo na embaixada do Afeganistão. Foi o que disseram, anos mais tarde.

Quanto ao Xexéu, não chegou a desfrutar da sua tão sonhada e prometida aposentadoria. Também, aposentadoria pra quê?

Afinal, em consideração aos relevantes serviços que a sua loucura havia prestado àquele lugar, ele já tinha feito por merecer estabilidade compulsória no mais confortável e seguro hospício da região.

O equinocídio



Depois de infrutíferas tentativas de consertar certas coisas que não estavam bem consertadas em Tatuzinho-de-Cima, o delegado Quintino Borba resolveu instalar a delegacia em Tatuzinho-de-Baixo, que também ficava nos alinhavos de sua jurisdição.

Na garupa de sua fama, que já corria de boca em boca, ele adentrou o dito povoado onde iria implantar os benefícios e os rigores da Lei, contidos numa pirâmide de códigos que ele interpretava à sua maneira; o que aliás, foi uma das causas do seu insucesso em Tatuzinho de Cima, onde ele, em certos casos omissos, andou aplicando várias e pesadas “draconianas”. Porque a Lei, dizia ele, – Pra ter força de lei, só a porrete!

Depois, ele não estava mais ali para se engasgar com aquele estoque de parágrafos, dos quais não chegou a aplicar nem a metade, por não estarem os “pacientes” de Tatuzinho de Cima à altura de assimilá-los.

– “Sim, era isso mesmo – ruminava ele. – Gente tacanha, que até se recusara a participar da campanha por ele lançada, objetivando angariar fundos para a construção de um xilindró!”

Pois que ficassem ao relento, emperrados a cano de trabuco, os transgressores da tranquilidade pública. Para isso, ele havia deixado, em seu lugar, o praça Zé do Tiro, fugitivo da Polícia do glorioso estado do Piauí.

Talvez suas ideias tivessem melhor receptividade em Tatuzinho-de-Baixo. Por isso, agora, ali estava ele, trepado num caixote, à frente

da nova delegacia, a fim de colocar um cartaz com os seguintes dizeres: “CASA DA LEI”, com letras bem graúdas e, mais abaixo, com letrinhas microscópicas em forma de aviso: – “A JUSTIÇA PODE COCHILAR. Dormir, nunca!” – E, por falta de um martelo, usando a coroa do trabuco, afixou o dito cartaz na parede, ante o olhar dos curiosos que observavam à distância.

Ato contínuo, ele colocou a papelada em ordem, bateu a porta atrás de si, ateou fogo no cigarrão de palha, e, por alguns momentos, parou na calçada, perscrutando os quatro cantos do povoado. A seguir, encaminhou-se, lentamente, para a ruazinha estreita, a fim de fazer o reconhecimento de seu novo distrito, deixando que, à sua passagem, se avolumasse o pessimismo de alguns desocupados:

– “Com esse delegado, escreveu não leu...”

– “Dizem que é fogo na roupa!”

Outros, que já o conheciam de Tatusinho de Cima, procuravam ser solícitos e agradáveis:

– “Então, seu Quintino? Veio pegar um mau passadio aqui com a gente?”

– “Trouxe muitas novidades?”

E Quintino, como que inoculando-lhes boa dosagem de água gelada na espinha dorsal:

– Trouxe, aí, comigo, uma resma de jurisprudências, cada uma mais venenosa. Tem “uma”, então, que nem Penicilina dá jeito. É pior que bomba atômica. Muito pior!

Com essas e outras, aos poucos, o delegado ia se tornando temido e respeitado pelo povo do pacato vilarejo, do que então se aproveitou ele para lançar, novamente, a “CAMPANHA PRÓ-CONSTRUÇÃO DO XILINDRÓ”. Mas parece que o pessoal de Tatusinho-de-Baixo estava com a mesma mania da turma de Tatusinho-de-Cima: todos se esquivavam. Após alguns dias de espera, via Quintino que nem por uma questão de aplauso à sua idéia, surgia a menor colaboração.

– Qual! Tudo a mesma merda! – monologava ele – Ninguém quer saber de progresso!

Se surgisse algum caso de correção, o jeito seria trancafiar o “pássaro” ali mesmo, em sua sala de audiências. Isso mesmo. O primeiro que se esquecesse de que existe um pingo no “i” com ele teria que haver. Engaiolado seria!

Mas... como diz o ditado “Onde há fumaça, há fogo”, Tatuquinho-de-Baixo, que sempre fora o lugar mais calmo do mundo, começou a ter os seus primeiros problemas com a chegada do delegado:

Uma tarde, Quintino é procurado por um queixoso que lhe vem pedir justiça contra um certo Miguel do Açougue, que lhe matara o cavalo.

Ao ouvir a denúncia, Quintino saltou da cadeira e vaticinou:

– Tá enquadrado!

Ah! Agora sim. Finalmente, caía-lhe o primeiro pássaro na gaiola. Agora todos iriam conhecer a força da Lei.

E quando ele já saía, disposto a deitar mãos ao infrator, perguntou ao reclamante:

– De que arma se utilizou o Miguel para matar seu cavalo?

E o homenzinho, todo trêmulo:

– Ele num usô arma nenhuma não sinhô, seu dotô.

Quintino encarou-o:

– Uai! Não? Como assim?

– Ele matô com um soco!

Ante o disparate, as pernas do Quintino tremeram; e ele, pigarreando, sentou-se disfarçadamente:

– Mas... com um soco? Com um murro?

– Sim, dotô delegado – afirmou o homem – Foi um só! O cavalo nem rinchô! O Migué tava de fogo!

E Quintino, passando a mão pelo queixo: – É... isso é grave. Muito grave! – Apanhou um grosso e pesado volume e, por longo tempo, ficou folheando-o, ao acaso, enquanto o homenzinho, acompanhava-o, cheio de curiosidade. Por fim, ao sentir-se-lhe revigorem as forças, tomou ares de importância e se expressou nestes termos:

– Meu amigo, visto não encontrar nenhum dispositivo da lei que regule a matéria em questão, por ser omissa o cavalcídio, nada posso fazer que atenuie a integridade mortuária de sua montaria.

E o homenzinho, tentando compreender:

– Mas dotô delegado! O Migué...

Quintino não quis ouvir mais conversa e foi, logo, desconversando:

– Não. Não é de minha alçada. Esses casos de flagelo são exclusivamente, da competência do Corpo de Bombeiros ou das Forças Armadas. Eu, no momento, não estou aparelhado para essas emergências. – E, para desencargo de consciência, arrematou: – Pois é... é isso. Se tivessem colaborado com a campanha...

O pescador pescado



A carolíssima dona Cordélia dos Amparos era o tipo de mulher a quem se poderia considerar a mansidão personificada em forma de esposa. Nas águas de seu macio temperamento, ao que lhe parecia, navegava, também, em canoa segura, o seu não menos exemplar marido, Coromélio dos Amparos, herege arrependido, que, ultimamente, já tinha até lugar cativo debaixo dos andores nas procissões de Brejal dos Mocós.

Passado algum tempo, alegando estafa espiritual, o convertido dera de fugir às rotinas religiosas, declarando que necessitava, urgente, de salutar higiene mental.

Dona Cordélia, efetivamente, preocupou-se com as ponderações do marido que, agora, não raro, chegava em casa por volta das madrugadas e, muitas vezes, com vários “kilohertz” de cachaça nas antenas.

Tranquilizou-se, entretanto, a boa mulher quando, certa tarde, Coromélio entrou em casa com um grosso feixe de varas juntamente com outros apetrechos de pesca. Dona Cordélia entendeu que, talvez, fosse aquilo mesmo que estivesse faltando ao marido. Pelo menos não seria uma distração tão pecaminosa quanto à bebedeira. Em assim pensando, ela procurou colaborar. Munida de uma enxada, dirigiu-se aos fundos do quintal, onde arrancou boa quantidade de minhocas para a higiene mental do Coromélio.

Dali por diante, todos os dias, à boca da noite, enquanto a esposa encaminhava-se para a igreja, Coromélio partia para a pescaria nos

braços de uma tal Nininha Capeta, violento xodó que lhe atirara uma isca, razão pela qual, é lógico, ele nunca trazia peixes para casa.

Chegava sempre com as mais aceitáveis desculpas: Ora, a água estava muito suja; ora, o peixe não beliscava, ora...

Dona Cordélia, em sua infinita ingenuidade, animava-o a prosseguir, garantindo-lhe que, com o tempo, chegaria a prática que lhe estava faltando.

Coromélio recebeu com isso um incentivo tão grande, ao ponto de lhe doer a consciência, pelo que, então, surgiu-lhe a ideia de comprar sempre alguns peixinhos vivos, ante os quais a mulher se entusiasmava, vendo o seu progresso nas distrações da pescaria.

Ia correndo tudo muito bem até que, num malfadado dia, as águas começaram a ficar barrentas, realmente: línguas ferinas haviam enlameado os ouvidos de dona Cordélia com o nefando comportamento do “pescador”.

A santa mulher, ao ver frustrada a sua obra de regeneração, quase perdeu as crenças, mas, sensata que era, não podia duvidar da fidelidade do marido sem ter as devidas provas. Nem mesmo as afirmativas da cartomante, madame Iolanda, a convenceram. Queria ela mesma descobrir a verdade; para tanto, após dar muitos tratos à bola, resolveu tirar os anzóis, deixando só as chumbadas, nas varas de pescar do marido, a fim de pilhá-lo em contradição.

Não demorou muito, o Coromélio chegou em casa, eufórico como sempre e, dessa vez, com motivos mais convincentes:

– Hoje é véspera de São Pedro, o padroeiro dos pescadores! Eu garanto, mulher, que vai ser capaz até de suceder uma pesca milagrosa!

Dona Cordélia sentiu-se traspassada por um ligeiro desapontamento; teria ele desconfiado de alguma coisa para estar com aquelas conversas? Caso contrário não estaria jogando indiretas. E ela só não se traiu, contando o que fizera, porque o marido já havia juntado os seus apetrechos e saído para mais um arejamento mental.

A noite que se seguiu foi um tormento para a pobre mulher; ao passo que se adentrava a madrugada, a ausência do marido a torturava

com as mais cruéis suspeitas. E, quando, ao longe, quebrando o silêncio das cercanias, o galo cantou pela segunda vez, um terrível presentimento acabou de envenenar a mente da infeliz. A traição andava por perto, não havia dúvida. E, levando as mãos aos ouvidos para não escutar o terceiro canto, empurrada por um toque de maldade, ela escorregou do alto de sua religiosidade, prevendo os mais duros castigos para o traidor e para a diabólica Nininha Capeta, que viera semear perdição em Brejal dos Mocós.

Nisso, com um enorme saco às costas, Coromélio entrou em casa e, na presença da esposa, despejou dentro de uma gamela, considerável variedade de peixes frescos que comprara de um amigo pescador. E, ante a impassibilidade da mulher, foi logo se desatando em gabolices:

– Veja, minha véia! Eu sabia que o meu protetor não ia me desamparar. Olha que eu jogava n'água três, quatro, cinco anzóis de vez e não dava conta de tanto peixe! Você precisava ver, minha véia! Se tô com uma tarrafa, tinha trazido um fenemê cheinho.

Ante tamanho descaramento, dona Cordélia não se conteve e berrou:

– Marido prostitute! – e enfiou-lhe o rolo de macarrão no alto do cucuruto. Aí, o galo cantou pela terceira vez.

Coromélio quis protestar, mas a mulher não lhe deu chance; apANHOU o feixe de varas, mostrando-lhe, uma a uma, as pontas das linhas:

– Home decaído! Como é que tu pescastes com anzol, se nas ponta da linha só tem chumbada?

Coromélio, num rápido olhar, constatou que, realmente, nas varas só tinham linha e alguns caroços de chumbo. Anzol mesmo... nenhum! E não tentou consertar as coisas; o impacto que lhe provocara o estratagema da esposa deixou-o mudo e boquiaberto, do que, então, se aproveitou dona Cordélia para esfregar-lhe a gamela de peixes no semblante. Aí foi que ele não pôde falar mesmo: pegou um engasgamento tão danoso que começou a soltar faíscas pelos tornozelos. A mulher lhe havia enfiado, goela adentro, toda a remessa de peixes por ele trazidos, sem notar que no meio deles havia um filhote de peixe-elétrico.

E foi, então, que ele saiu cabriolando pela casa, e, aos arranques, contra as paredes, derrubando armários, mesas e cadeiras, ainda encontrou forças e fala para emitir algumas palavras de socorro entrecortadas de muitos choques:

– Tô em curto-circuite, muié! Chama o Juca eletricista!

A mulher não lhe deu colher-de-chá:

– Quem vai chamar o Juca, agora mesmo, é tu, seu discarado!

Todavia, ante o perigo de uma asfixia piscosa, ela se viu obrigada a recorrer às suas antigas crenças. Apanhou o feixe de varas e, batendo, forte, com ele, nas costas do marido, pôs-se a gritar com aflitivo prazer:

– São Brás, Bispo de Roma! Desengasga este moço. Se for espinha ou osso, que assuba ou desça pelo pescoço!

Mas, vendo que nem assim o Coromélio se desentupia, resolveu quebrar as varas e formar um feixe mais grosso, a fim de obter melhor resultado.

Mal ela começou a aplicação da dosagem dobrada, o perverso deu de sapatear e soltar uma cachoeira de peixes pela boca, a começar por um cascudo-laje, de dois quilos, seguido de bagres, traíras e outros peixes de pequeno porte, além de dois filhotes de tartaruga, que lhe saíram pelas orelhas, enquanto a mulher, continuando a apelar para o protetor dos engasgados, acabava de esfarinhar-lhe o feixe de varas nas costas.

Logo mais, à tardinha, para orgulho de dona Cordélia, lá estava ele, na procissão, com a alma na salmoura, debaixo do andor do padroeiro do dia.

De sua lamuriosa cantilena, ouvia-se, em tom bem mais alto que os demais:

– Rogai por nós, “Pescadores...”

Pedido de casamento



Sinofrates Quaresma era outro que tinha a mania de colecionar correspondências femininas. Em se tornando o mais variado no gênero, seu arquivo recebia, diariamente, de todos os quadrantes da região, os mais violentos protestos sentimentais, através de galopantes missivas de amor.

Fazendo passar por rigorosa filtração aquela pirâmide epistolar, Sinofrates buscava encontrar um sentimento que lhe parecesse o mais sincero, a fim de que se definisse, logo, quem seria sua alma gêmea.

Num belo dia, depois de muitas incertezas, o coração do Quaresma veio à tona, atraído pelas iscas amorosas atiradas por uma tal Alcacéfora Arruda, que habitava o bucólico rincão de Cacimbas das Cobras.

Foi para lá que ele se dirigiu, na esperança de se curar da ressaca romântica, nos cálidos braços da menina medicamentosa. Em lá chegando, foi saudado por uma benéfica saraivada de beijos, expedidos pela entusiasmada Alcacéfora, que o arrastou para dentro de uma sala, onde, afinal, ele se viu embaraçado nos vastos bigodes do velho Oleofrásio Arruda.

Diante do pai de sua eleita, Sinofrates ficou tão encabulado que, ao ser convidado a sentar-se, quase desancou um cachorro, pensando que fosse sofá.

Oleofrásio, que já sabia das intenções do chegante, foi logo atacando o assunto, não deixando de se permitir os mínimos detalhes.

A sós, na sala, com o futuro sogro, quando a conversa se degenerou em termos de trabalho, Sinofrates se perturbou mais ainda, pois

tinha se esquecido de um importante pormenor: uma profissão. Bem... já havia trabalhado em certa ocasião. Lembrou-se, então, dos tempos em que ele perambulava com o Circo “Perna Escondida” onde, por falta de material humano, fracassara naquilo que bem poderia ter sido a causa de sua maior consagração nos picadeiros. Entretanto, quando ele disse que, por carência de matéria-prima, havia apenas começado a engatinhar como “aprendiz de antropófago”, Oleofrásio, que era surdo como um caramujo, entendeu que fosse “Aprendiz de Topógrafo”, pelo que lhe deu todo seu apoio e boas vindas, animando-o a permanecer ali, em Cacimbas, onde não lhe faltariam meios para desenvolver seu ofício.

Sinofrates agradeceu a gentileza, e, até se confessou surpreso com a receptividade que tivera a sua bárbara e incipiente profissão. Por isso mesmo, tratou, logo, de exercitar as maxilas. Para tanto, deu de esticar a queixada de quando em quando e abocanhar algo invisível, chegando, muitas vezes a assustar a menina Alcacéfora com aquele incômodo hábito de bater mandíbula. Parecia um caititu no milharal!

Já estava quase bom de queixo, quando, certa noite, estando ele num forró na casa de um tal Diogo Fusca, acertaram um tiro no lampião, do que resultou o maior sururu da freguesia. No tremendo quebra-quebra, dentro da escuridão, ouviu-se, de repente, um grito lancinante de mulher. Ao acender da luz, apurou-se que haviam extraído, a dentadas, a batata da perna da filha do Zé do Bagre.

O fato não deixou de trazer sérias preocupações para o delegado Recenvindo Polo, que, após examinar o rombo, constatou indícios de canibalismo em sua jurisdição. Depois de espalhar várias circulares pelas adjacências, alertando a população para o perigo a que estava exposta, ele deu início às investigações, no sentido de deitar mãos ao canibal de Cacimbas.

Tão terrificante foi a publicidade que envolveu o fato, dadas as suas circunstâncias, que o pessoal do lugar já não confiava em mais ninguém, passando, cada um, a ver em cada um o possível comedor

de gente. O próprio Sinofrates, inclusive, foi advertido pelo futuro sogro a não andar sozinho à noite, se não quisesse deixar à mostra o esqueleto, advertência que deixou uma pulga atrás da orelha do Quaresma; ou o sogro estava girando ou, então, tentava puxar o corpo fora; pois fora ele mesmo quem o incentivara, quem lhe dera a coragem... Logo agora que ele acabava de dar o primeiro treino com material adequado, surgia aquele imprevisto. E pôs-se a pensar: O caso, com certeza, era mais sério que parecia. De outro modo, o futuro sogro não estaria tentando mudar a origem dos fatos. Supondo, entretanto, que o velho fosse mesmo um embirulado ou estivesse com receio da Polícia, resolveu não se preocupar mais com o assunto e aguardar os acontecimentos.

Enquanto isso, o delegado Recenvindo que já estava ficando careca ante a negatividade de suas pesquisas, acabava de encontrar, casualmente, a primeira pista: Voltava ele de mais uma fracassada diligência, quando parou na oficina do João-Ferreiro, a fim de dar um ajuste nas ferraduras de sua montaria. Em conversa com o sapateiro de cavalos, ficou sabendo que, na tarde anterior ao forró na casa do Diogo Fusca, o genro do Oleofrásio havia estado ali, na oficina, onde passou horas às voltas com um rebolo, afiando a sua dentadura. Ao ouvir tal relato, o delegado chegou a sentir nas mãos a pontinha do laço; era só puxá-la, e o mistério canibalesco estaria desvendado.

Horas depois, o velho Oleofrásio recebia em sua casa a visita da autoridade. E não foi dos menos embaraçados ninhos-de-guache que os dois arranjaram: quando Recenvindo falou o motivo de sua visita, Oleofrásio subiu nas tamancas e protestou:

– Jamais, doutor delegado! Jamais! O senhor me agrava com essas desconfianças. Depois, nós não podemos fazer uma coisa dessas com o rapaz que vai ser o topógrafo de nossa região!

– Topógrafo antropófago – retrucou Recenvindo.

Aí a coisa se complicou mais ainda. Oleofrásio entendeu que o delegado estava a lhe fazer embaralhos:

– E as provas, Dr. Delegado? As provas? Onde estão elas?

Ante a estupefação do velho e da própria Alcacéfora, Recenvindo sacou do bolso um possante par de dentaduras onde se notavam, perfeitamente, as marcas de esmeril.

Alcacéfora sentiu uma friagem no esqueleto e, possuída de gritinhos histéricos, embarafustou-se atrás de uma cadeira de balanço.

Oleofrásio nem assim se convenceu. Quis saber de mais detalhes.

Foi então que o Recenvindo, empavonado no alto de sua autoridade, saiu com esta:

– Foi o próprio carnívoro quem acabou confessando, depois que lhe apliquei o devido corretivo. E olhe que eu ainda lhe atenuei a sorte, confiscando-lhe apenas a arma do crime, antes de sua merecida deportação. – E, enfiando as dentaduras no bolso, colocou ponto final na questão: – O Sr. vai me perdoar, seu Oleofrásio, mas canibal, na minha jurisdição... nem desdentado!

Mal acabou de falar, enterrou o chapéu sobre a caixa da inteligência e saiu, riscando o soalho com as rosetas das esporas.

O joelho do Polidório



Tatá Novais não era muito de trabalhar. Mas, no entender do povo do lugar, era indivíduo de altas e finas verbosidades. E foi entusiasmado pelo sucesso dos seus argumentos que culminaram com a eleição de um presidente da banda musical de Jequitimbuáçu, que ele acabou contraindo a profissão de cabo eleitoral. Daí por diante, em todo pleito político que se realizava naquelas bandas, ele era festejado, solicitado e disputado a troco de bom dinheiro pelos que desejavam abiscoitar um cargo eletivo. Eleitor trabalhado pelo Tatá não tinha complicação; o candidato nem precisava esperar na boca da urna, pois era voto garantido. E a maior prova de fogo de sua carreira sucedeu por ocasião do contratempo que apanhou desprevenido o fazendeiro Polidório do Rosário quando, naquela noite de muitas democracias, o palanque, onde o dito se encontrava, desabou diante de enorme multidão, pondo a pique a sua candidatura a vereador pelo distrito de Cerrado dos Campos.

Como consequência, o candidato ver-se-ia obrigado a permanecer peado, durante muito tempo, em rodilhas de cataplasma, visto lhe haver trincado a pataca do joelho esquerdo, conforme diagnóstico da benzedeira dona Ramosina dos Anjos.

Disso se aproveitou seu rival, Nonô Prudêncio, homem de hipotéticas portarias e que também aspirava à hegemonia política da região, pelo que, então, passou a minar o eleitorado do adversário, perfurando um verdadeiro túnel no seu reduto.

De quando em vez, no calcanhar de um pé-de-vento, a notícia atravessava as brenhas da fazenda, açoitando os brios do Polidório, que ruminava cascavéis por trás do cigarrão de palha:

– Demagogeira de mau proceder só tem um resultado: É difunto pra surtir dois sumitério.

Enquanto isso, a data da eleição se aproximava, sem que o Polidório encontrasse, ainda em tempo, um meio de salvar os seus sufrágios que se esvaíam para o ralo devorador do Nonô Prudêncio; o qual, graças ao advento do boi de raça em sua fazenda, já havia semeado muito dinheiro e só aguardava a colheita de votos.

E foi quando tudo parecia irremediavelmente perdido, que o Tatá Novais deu com os costados naquela jurisdição; e, baixando âncora ao rodapé do Polidório, apresentou-lhe seu currículo, propondo recompor os destroços do naufrágio:

– Comigo não tem zebra, doutô Polidório. Só nos por baixo dos pano, em cochichos de pé de orelha, além dos ameaço de três prefeito, já sapequei no Poder pra mais de duas resma de vereador! Não obsta que o Nonô Prudence teje forte, é óbivo; mas agaranto que, com pouco mais de alguns contos de réis, a gente desentorta o chifre dele nas premeras urna!

Como não havia mais tempo a perder, Polidório, embora um tanto jeremiativo, acabou por aplicar uma profunda sangria em suas finanças: afrouxou o cordão da bolsa e entregou um bom pacote de dinheiro ao inzebrável, pedindo-lhe a urgência do seu ofício.

– Dexa comigo, seu dotô; o pato já debaixo da gamela – garantiu-lhe o Tatá, enfiando o tutu no bolso e saindo apressado, a fim de restaurar a Democracia no povoado. De passagem pelo Bar Estrela Dalva, lubrificou o aparelho fonador e, mais adiante, na pracinha, trepou num caixote e começou a agitar o calhamaço de notas. Assim que se viu rodeado de vasta plateia, enfeitou-se de imponências, atendendo aos imperativos da palavra:

– Meus patriota! Originário deste próspero e melancólico rincão, filho desta terra fértil e generosa, esterçada com seu imbigio, o dotô Po-

lidório do Rosário ainda é o vosso candidato! Muito embora, aqui não vim para vos falardes de túbias e perônios, infelizmente, nos é dado que o nobre cidadão se encontra avariado de fatura na tramela do juêio esquerdo; e, visto que o dito juêio se acha nas aparência dos nove mêis, o dotô Polidório acaba de me substanciar poderes para o seu substituinto, cujo aceitei, nesta campanha de idealismo, aqui, em Cerrado dos Campos. Data vênua, trago, ainda, meus amigo, a santa incumbença de dismantelar o maior nim de rato de nossa região. – Cuidado, pois, meus patriota! Orai e vigiai. Como falava o poeta das Sagrada Iscritura.

Dito assim, recalibrou a retórica e desatarraxou as catilinárias:

– Cuidado com esse tal de Nonô Prudence! Não se estupefactueis vós, meus amigo; calma, calma, meu povo! A verdade é uma só; por isso não se estupefactuem, pois a estupefação acaba robano o raciocino da cabeça; e uma cabeça sem raciocino só presta mesmo para separar as zoreia, é óbivio. Aquele veiacó do Nonô Prudence não passa de um trupelista do sussego público, cujo deve ser severalmente punido nas incoerência da Lei e inferroiado num xilindró de insigurança máxima. E vocês não pode dá bobera, quiném aquele tatu disaprivinado que saiu de casa e esqueceu de botar o teiado na cacunda! Vocês precisam honrar seus voto e nome de seus antrespasados, que aqui nascero, crescero, trabaiaro, vivero e morrero; e, que cuma reza o sinhô padre na hora de alojá o transferido: “Subiu pro céu e, hoje... arrecue este e cante em paz”.

– O Nonô Prudence é o óbivo, meus amigo. E eu pergunto: o que é o óbivo minha gente? O que é o que é? Tem cabeça mas não pensa; não é bigode e tá na cara? O que é? É o óbivo, meu povo. É isso, minha gente: tá na cara! Nonô Prudence é o óbivo gritante, esperniante, pulante. É isso que ele é. Butuca nele, minha gente! Outrossim, vamo mostrar pr’aquele veiacó quem tem mais prestíge. Vamo intupi as urna do Dr Polidore com o maió discabimento de naufrage, cujo já se viu por esses lado. Nonô Prudence não pode mais ter vez. É um cretino que tá querendo botar ocês tudo prá disbuiá ispiga sem caroço. Aquilo

não é gente; é um preverso sem coração; é um ser inanimave, é uma ratazana farejosa, cujo num sobe num teiado sem aproveitimento próprio. Ele vem digavazim e, digavazim, iscurrrega pra dentro da chumuné e vai direto na dispensa assuntar o cheiro do queijo. O cheiro ele já farejô, é óbivo. Agora ele tá querendo o saboreio, que é o mió dos apreço. É esse aí, meus amigos, o tal do óbivo falsante, gatunante, cujo, agaranto, é o óbivo obivante. Pau nele, minha gente! Veneno pr'ó daninho! Gurumbumba no malfazejo e viva o Dr Polidório.

E já limpava a garganta para enfiar mais pimenta no verbo quando, súbito, a multidão que o aplaudia, delirantemente, baixou o facho do entusiasmo.

Tatá, a princípio, não entendeu por qual razão estava sendo deslocado do caixote e içado ao espaço pelos fundilhos, como se fora fisgado por um possante guindaste; e, só de retorno ao ponto de partida, quando passou, de raspão, pela fivelona de uma larga e bem municuada cartucheira e bateu com o nariz nas cabeceiras de um avantajado par de botinas, foi que ele se deu conta da encrenca em que se metera. Olhou para cima e viu, lá nas janelas do terceiro andar, os olhos do Nonô Prudêncio faiscando debaixo da varanda do chapéu.

Depois de arrastá-lo por ruas e vielas, aplicando-lhe um coletivo de tabefes, o brutamontes franqueou-lhe a palavra, sugerindo-lhe que invertesse todo o palavrório anterior; o que, aliás, foi feito com muita maestria de argumentos.

Mais tarde, por vias caligráficas, o cabo eleitoral voltava a se comunicar com o Polidório nas asas desses dizeres:

– Dotô Polidório: Estimo vossas melhoria e espero que o senhor tome, logo, as rédea da situação; que eu, de minhas parte, não fico mais aqui: por conta da abstrução das pauta com aquele tal de Nonô Prudence, cujo o qual ainda continua inscape dos inquadrume da Lei, não tenho mais imbiante para continuar, aqui, meu trabaio. Também não nego que fiquei esputefato com o tamãe do homi, é óbvo: cada pé e cada mão! T'esconjuro!

Aquele dinheiro que o senhor mim adiantou mal dá para as despesas da surra que levei e que não foi cogitado e nem estipulado no nosso entendimento, por conta que a dita surra ficou bem pra riba da média cujo estou eu acostumado. Foi uma coça derrapante digo eu: pispiou no começo do premero quarterão da rua de cima, das donde invim eu no comando de uma resma de trompaço e muito pescoção, de já rapando de bunda no cascai até cair de emborcado no sucato dos fundos do aterro da rua de baixo.

As mais das avaria sufrida já no começo das premera porrada foi o grande prodijo de duas costela que viraro quatro.

Magina o senhor, doutô Polidore, si eu sesse dois: era mais duas costela quebrada, cujo, nas minhas conta, ia somar quatro dividido por dois, que é igual a oito. Adondé que ia eu botar tanta costela, ainda mais com um baita gondó adquirido na tauba do meu pescoço, cujo veredito, iconcruio eu, nada obsta que seje um intrucicole maligre.

Por isso, salvo meu fraco pensar, sou de dizer que mereço uma boa indenização do partido, mormentes pelos istrago sancionados na minha pessoa e, também, mormentes que não é todo dia que se requi-sita uma surra desse naipe.

E, cuma eu não poclamo bom future tocá questão com aquele trator de chapéu, achei de mió juízo homologar um rumo novo para minha vida. Por conta disso, com minha pele em arnica e com o nariz mais ralado do que coco em doce de baiano, eu volto prá Jequitimbuaçu, com fins de pegar uma rebarba nessa campanha, cujo anda pegando fogo, por aqueles lado. Data vênia, mesmo porque, outrossim, na semana entrante, próxima futura, já devo entrar em serviço de urna em favor do Major Cornifácio Macabeu, cujo o qual, para moralizar meu ofício, nos intrimiado de boas oferta, ainda mim ofertou casa e boa comida de graça, excrusive salaro de risco, além de Carteira Profissional mais todas garantia, com serviço de enfermage e internage em bom hospital. E se os causo for, missa de corpo presente, enterro em caixão de preço e com direito de acompanhamento com banda de musga fune, é óbivo.

Otrosim, Doutor Polidore, pelo dito e pelo não dito, apresento minhas desculpa e meus agradecimento pela confiança na calibragem do meu taco cujo, data vênica, sempre obrou em serviço de sua gabaritada pessoa.

Fora do mais, na conta que fui curto e leve, sem o sacrifício do seu formidave tempo de ler estas mal traçadas linha, iscrividas com aquela mesma caneta de ponta grossa e pena rombuda que o senhor me emprestou naquele dia, eu boto ponto-final em preto e branco neste meu triste e saudoso relato, desejando as mais perfeitas milhoria para o joêio do vossa fidalguia, cujo são os vitoriosos voto, deste seu fiel criado, que muito estima e venera a vossa real pessoa; o qual, data vênica, para iconumizar escrita das parte dele e incurtar leitura das parte vossa, cuma recomenda o bom rejume do óbivo, nem assinar precisa.

O TURCO e o papagaio



Já era quase o abotoar de uma tranquila tarde dominical no pacato vilarejo de Canela da Sogra. Na pequena praça que ficava do outro lado da rua, um grupo de curiosos, que ali se postara desde manhã, ainda permanecia encadeado na mesma rodinha.

Foi quando o turco Abdula, movido pela curiosidade, resolveu correr as trancas nas portas do Bazar Kibinara, a fim de se dirigir, também, ao local da concentração. Tencionava verificar o motivo pelo qual se ausentaram do seu estabelecimento os costumeiros fregueses.

Varando a compacta parede humana, ele se viu frente a frente com o enchicharrado Alfúncio Perdigão, famoso embromador, que, “aos-de-quando-em-quando”, percorria aqueles rincões; ora como caixeiro viajante, ora como agente de seguros, e, vez por outra, como técnico de futebol, retratista, mágico... até como hipnotizador. Agora, ali estava ele com uma assombrosa novidade: um papagaio adivinho, que falava do passado, presente e futuro com privilegiado conhecimento de causa.

Abdula, pasmado, assistia às espantosas revelações do louro vidente que, a cada consulta, dava a resposta cabível, com inacreditável precisão.

A noite acabava de abotoar o pijama da tarde, e o dinheiro, aos trancos e barrancos, ainda entrava para as algibeiras do Perdigão, o que não escapava à contabilidade mental do turco, que, a essas alturas, já começava a farejar um novo e frutífero ramo de negócio.

Abdula ficou por ali, até que a multidão, aos poucos, foi se dispersando. Quando ele se viu a sós com o Perdigão, compôs o seu melhor sorriso comercial e abriu a carteira:

– Professor vende louro bra Abdula?

Alfúncio, que nunca tivera igual ganha-pão, jamais teria pensado em se desfazer do seu oráculo emplumado; todavia, empanturrando-se de importâncias ao se ver tratado por “professor”, disse que lamentava, mas aquele papagaio que ali estava e que fora alfabetizado e instruído por ele, já estava de passaporte visado, a caminho da Índia, para onde deveria seguir dentro de alguns dias, encomendado que fora por um rico marajá.

O turco coçou a barriga, e mordiscou, nervosamente, a pontinha do bigode com seus faiscantes dentes de ouro:

– Quanto quer bra louro? Fala bra Abdula. Eu bode pagar.

– Não tem negócio meu amigo; já empenhei minha palavra com o marajá – respondeu Alfúncio. – Mas... uma vez que o senhor está disposto a pagar bom preço, posso ceder-lhe o Raizenfrósio.

Abdula flutuou como uma bolha de sabão. Não havia entendido; do que; então, se aproveitou o embromador para fazer o panegírico do tal Raizenfrósio: era também um papagaio filósofo e que possuía a mania do “inglês”; tendo, inclusive, certa feita, vencido um concurso para intérprete de uma empresa americana, só não sendo contratado por falta de Carteira Profissional.

Não era isso que o Abdula queria. Compraria, sim, por qualquer dinheiro, um papagaio adivinho, capaz das mesmas proezas que aquele acabava de mostrar.

Perdigão, nem por isso se perdeu; foi, logo abrindo a mala dos argumentos: era verdade que o Raizenfrósio ainda não havia sido iniciado nas artes do ocultismo; mas, era, além de tudo, um louro empelidado, isto é, nascera envolto na película do ovo, fenômeno este que lhe assegurava descomunal inteligência e infalíveis poderes de profecia.

O turco, a essas alturas, já havia se convencido com as ponderações do parlapatão; mas, por diversas vezes, o negócio esteve a ader-

nar, visto não se tratar de galinha morta, e sim, de uma ave poliglota, intelectual.

Depois de muitas derivas nas marolas da pechincha, aportaram num acordo: Perdigão levaria metade do dinheiro pedido e, dentro de três dias, mandaria Raizenfrósio, juntamente com as devidas instruções para o seu aprendizado nas artes da adivinhação. O restante do pagamento seria efetuado tão logo o louro estivesse preparado para a almejada função.

Assim, com boa soma em dinheiro, Perdigão desnuviou-se de Canela da Sogra, com a promessa de estar por ali, a fim de inspecionar os conhecimentos do louro.

No prazo marcado, Abdula recebia a preciosa encomenda. Ali estava o Raizenfrósio: um lourão verde acinzentado, apenas um pouco avariado pelos solavancos da viagem.

Todavia, durante as aulas, que se procediam ali mesmo, no bazar, sempre apareciam os “sapos” para dar palpites; uns diziam que a água de goteira das primeiras chuvas era o melhor remédio para o bicho soltar a língua; outros já garantiam que algumas pancadinhas bem leves, com uma colher de pau, na cabeça, três vezes ao dia, durante duas semanas, resolveriam o problema.

Abdula já estava perdendo a paciência e, para que a sua didática não fosse mais prejudicada pelo batraquiar de certos fregueses, cerrou, por algum tempo, as portas do bazar, onde, a sós com o louro, passaria dias e noites em luta cerrada contra a ignorância e o mutismo daquele que parecia encalacrado de amnésia.

Raizenfrósio não queria nada, a não ser aproveitar alguns instantes do recreio, quando então, fazia festiva devastação no vasto sortimento de sedas e outras mercadorias nas prateleiras do bazar. Aliás, era bicho daninho. Já havia pintado a sapequeira nos pertences do Abdula.

Além de lhe dar cabo de quase todo o estoque, inutilizara-lhe a corrente de ouro do relógio e ainda picotara um bilhete de loteria premiado, Mas... falar? Nem a primeira letra do alfabeto.

Foi então que o Abdula resolveu apelar para a colher de pau: começou com as pancadinhas leves e carinhosas, as quais, para Raizenfrásio, nada mais eram que as delícias de cafuné.

Por isso mesmo, lá numa bela manhã, o turco perdeu a tramontana e resolveu descascar o coco do louro com a dita colher. Queria ver o que continha naquele encéfalo preguiçoso. E era só pena que voava dentro do bazar, enquanto Abdula vociferava:

– Louro arabissuta! Tuma! Tuma! Tuma mais, bra brender! Tuma, charmuta! Tuma!

Tamanha era a algazarra dos dois, a portas fechadas, que um batalhão de curiosos se acercou do estabelecimento; tão despropositado era o volume de penas que saía por todas as gretas da casa que o velho Democa da Gangorra, que se achava a longa distância dali, chegou a jurar que vira um enorme arco-íris verde sair pela chaminé da casa do turco.

Depois do cataclisma, tudo se foi silenciando. Abdula havia levado o Raizenfrásio para porão de casa; lugar, aliás, onde ele nunca houvera entrado antes, desde os tantos anos que ali morava.

Deixando o renegado na masmorra, ele abriu uma porta do bazar e anunciou aos curiosos que, no dia seguinte, a bom preço, estaria à disposição dos fregueses um saboroso “babanuche” de louro à oriental. E justificou:

– Aquela bargaria num bresta bra nada. Vamos comer iela!

Ato contínuo, fechou a porta e foi arrumar a casa.

Na manhã seguinte, logo às primeiras horas, Abdula apanhou uma lanterna e uma faca bem amolada e dirigiu-se ao porão. Raizenfrósio, porém, já não estava no lugar onde ele o havia deixado.

Os olhos do turco se esgazearam de ódio quando, de repente, ele viu, preso numa pilastra, apenas um pedaço da corrente com a qual ele tinha amarrado o papagaio.

Indignado, varreu os quatro cantos do porão com o facho da lanterna. Súbito, ele ouviu umas pancadinhas ocas, que saíam detrás de um monte de terra; apurou, bem, a vista e conseguiu distinguir a ca-

beçorra do Raizenfrósio, que martelava ainda mais o monte de terra revolvida.

Enfim! Ali estava o endiabrado; cavando, certamente, um túnel para a fuga! E o que era pior: na iminência de botar a pique os espeques da casa!

Apertou, com firmeza, o cabo da faca e avançou na direção do louro. Súbito, seus olhos se dilataram e os dedos se afrouxaram, deixando que a faca caísse, fincada, na terra úmida do porão.

Abdula não sabia se abraçava e beijava o papagaio, ou se deixava que suas mãos gordas e cabeludas mergulhassem, ávidas e trêmulas, num enorme baú, repleto de libras esterlinas e de dobrões de ouro do século XVI!

E é por essas e outras, que ali, naquele bizarro país asiático encurralado, ao norte, pelo mar Negro e solapado, ao sul, pelo Mediterrâneo, dos altiplanos da Anatólia aos tufos da Capadócia, é muito comum se ouvir dizer:

– Batrício nunca perde. Jura bra Deus!

O ovo misterioso



Não foi por simples coincidência que Nozinho Bem-te-vi, juiz de briga de galos em Jenipapeiro das Cruzes descobriu que era portador dos misteriosos poderes da magia; isso, porque, já por diversas vezes, inexplicáveis fenômenos levaram-no a considerar-se um Mandrake em potencial, o que lhe valera os primeiros doze meses de cadeia por haver pulverizado, com uma marretada, o relógio “Pateko Philip” do delegado Gerobaldo Alves, e mais um semestre de Código Penal pelo incêndio do Gran Circus Palácus, que, naquela ocasião, cabotava naquelas paragens.

Foi vendo o sol nascer quadrado, durante todo esse tempo, que o Nozinho cuidou de aprimorar os seus dotes, chegando mesmo a dizer que só não transformava um garfo em pé de cabra para livrar-se daquelas grades, porque considerava covardia utilizar-se das forças que lhe haviam sido dadas por insondáveis sortilégios. Mas, para provar aonde iria sua capacidade, andou fazendo saltar de dentro de uma lata uma zebra com listras vermelhas, dois pares de brinco de ouro, três canivetes “Corneta” e, de lambugem, um casal de avestruzes africanos, afirmando, ainda, que só não fizera visagens de maior porte, por falta de espaço; mas, que, ao sair das grades, seria capaz até de ressuscitar o Mar Morto.

E foi soltando pombos e coelhos pelas bainhas, que o mago, ao sair do xilindró, ainda se viu obrigado a transformar em poste uma carrocinha de pipocas, a fim de se livrar de um canzarrão que o perseguia.

Convicto de que já possuía cabedal suficiente para centros mais adiantados, entendeu que alcançaria notoriedade e fortuna, longe daquele povinho intisicado de Jenipapeiro das Cruzes. Por isso mesmo, a fim de juntar dinheiro para a viagem, resolveu expedir, no varejo, algumas demonstrações na base das quinquilharias, transformando pontas de cigarro em pentes para madames, latas de sardinha em painéis de pressão... reservando as proezas de maior porte para um grande centro, onde oficializaria sua estreia como mágico profissional, com cartola e tudo.

Encartolado nesse pensar, o prestidigitador passou a eletrizar, com os seus números, os embasbacados espectadores que, em dia de feira, superlotavam o largo do mercado.

Chapéu enfeitado com penas de pavão, enchicharrado debaixo de uma capa preta, Nozinho fazia misérias do arco-da-velha, falando, inclusive, um idioma que ele próprio inventara, não havendo nele uma só palavra que não esbarrasse no código da decência, o que não deixava de ser motivo para maliciosas risadinhas.

E foi numa dessas monumentais concentrações que o ex-juiz de briga de galos resolveu brindar o distinto público com um número de engenho e arte. Apresentaria, como ponto máximo do espetáculo, o famoso truque do ovo misterioso.

Havia curiosidade pendurada até nas abas dos chapéus quando Nozinho, após fazer girar nas pontas dos dedos um ovo de galinha, enfiou a mão numa sacola de flanela vermelha em cujo fundo apareceu, preso, aos olhos de todos, um volume de forma oval. Incrementando os neologismos, ele soprou três vezes a sacola, e o ovo misterioso misteriosamente desapareceu. Houve, por um momento, uma espécie de interjeição giratória da parte dos bestificados espectadores.

Todavia, Nozinho, que era bastante entendido de galos, não foi feliz por ignorar que um homem não podia ser uma galinha. Aproximou-se por trás de um tal Jacinto Bodão, passou-lhe, de leve, a sacola nos fundilhos e, ante estrepitosa gozação dos presentes, recolheu o ovo misterioso.

Jacinto Bodão, que não estava para bodejos, optou por aplaudir à sua maneira: sacou de um facão, maior que a “Excalibur” do Rei Arthur, e partiu para cima do desavisado, disposto a cortar-lhe os poderes pela nascença:

– Ou tu bota uma dúzia de ovo, aqui, agora mesmo, adiante das testemunha, ou vai ter que cacarejar de galinha! – e, riscando o chão com as esporas, em jeito galo, avançou, brandindo o facão ameaçador.

O Bem-te-vi, é claro, não possuía, no momento, estoque de ovos para satisfazer as exigências do valentão; quanto a cacarejar, até que ele ainda tentou; mas, inibido pela reluzência do metal cortante, só encontrou uma saída: anteciparia, em Jenipapeiro das Cruzes, o número mais sensacional que havia bolado durante seus estágio no xilindró, e que estava reservado a sete-chaves, para “avant-première”, fora dali, num grande centro. Forçoso, portanto, era exhibi-lo ali mesmo.

E foi, exatamente, o que ele fez: virou borboleta e sumiu, voando, por cima do casario.

O ASTRONAUTA



...e, de repente, a bucólica paisagem de Bicho Grosso sacudiu sua quietude no redemoinho da fantástica notícia: o homem havia pisado na Lua!

A descabida novidade chegou a galope, em lombo de pangaré. Totõe Zói, que acabava de amarrar sua montaria na ponta de uma estaca, trombeteava o inusitado fato estampado na manchete de um jornal:

-Aqui tá, pessoal! Tá aqui! É só lê!

Como muita gente, ali, ainda não estivesse a par do prodigioso invento do Gutemberg, poucos puderam constatar a veracidade do fato, restando apenas aos demais uma penca de variadas conjecturas:

- Tõe Zói só pode tá bebo!

- Pode sê. Mas o véi Chico Jalapa leu, mode nós tudo ouvi.

- Só pode sê final dos tempo.

- Caçuada de jornal!

- Avuá inté na lua?

- Amuntado num fuguete?

- De já meu avô contava que nem um tal de Santo Dusmonte foi capaz.

- Sei lá... mas num convêm duvidá. Esse mundo, hoje, tá de cabeça pra baixo.

Foi quando, então, despeitado, o vaqueiro Neném-Pezão, para espanto de uns e chacotas de outros, saiu com esta:

- E se fô verdade? O qui é que um home faz, que outro não pode fazer? Se um vivente foi na lua, eu também posso í!

– Ocê, cumpade? – sorriu, incrédulo, o Zé do Pão, – Ocê, que vai na lua?

– Eu mesmo! Quero cumê bosta de boi se eu num fô!

Apesar da seriedade do assunto, alguém pilheriou:

– Já vi que vai fartá isterco nos cantero de Siá Luzia.

Risos e galhofas incrementaram a funesta decisão do desavisado vaqueiro.

– Posso, dizia ele, até num ser o tal do Zipilino, mas ocês tudo vai vê eu avuá quinem eroprane pur riba desse lugazim intisicado. Nem corcodilo carijó vai cercá eu. É esperá pra ver. – E, na asa da inconsequente decisão, foi à casa de um tal Bertulino Fogueteiro, conceituado fabricante de rojões da região, e propôs-lhe a absurda encomenda, pedindo-lhe, inclusive, que fosse generoso no uso da pólvora.

– Porva grossa, Bertulino. Nada de mixaria pra inspantá cachorro! Quero um foguetão bem macriado. Pode carregá no combustível; é pra viagem longe.

Relutante, diante de tamanha insistência, Bertulino acabaria aceitando a encomenda, prometendo, inclusive, que não seria nada modesto no uso da pólvora:

– Um barril cheinho, seu Neném. Um barril! Se o sinhô assim qué, já num vô fazê um buscapé. Pode ficar tanquile; vô preparar carga pra ida e vorta. Im vez d’um, dois barrilão intupido até na boca.

– Isso, Bertulino! Justo certo!

Todavia, ante o entusiasmo do vaqueiro, o abnegado da ciência não deixou de ponderar sobre a incompatibilidade do momento, visto não ser propícia aquela fase da lua:

– A gente tamo, ainda, na minguante. Vamo isperar a vorta da cheia; os camim fica mais claro. Inconto isso, a gente vai caprichando, aqui, no serviço.

O vaqueiro exultou:

– Isto, Bertulino! Justo! Certo! Se uma cabeça pensa bem, duas pensa mió – concordou; foi até a porta, botou um pé na calçada, aus-

cultou o céu ardente do meio-dia, procurou a presumível direção da lua e falou, vitorioso:

– Pode güentar a mão, aí, São Jorge. Daqui a pouco, a gente se vemo!

Embora blindado a sete chaves, o acordo entre os dois virou notícia de boca. E, como labareda em capim seco, alastrou-se pelo povoado e respectivas adjacências:

– Pra Lua?! O Neném Pezão?

– Corage, eu sei qui ele tem!

– Amuntado num foguete?

– Vai sifo! – profetizou Noquinha – Bola Sete, numa animada mesa de sinuca.

Botando fim à especulação dos incrédulos, após três semanas de desgastante confinamento entre pedaços de lataria, dobradiças, parafusos, arruelas e muita pólvora, Bertulino, o benemérito da ciência, concluiria sua obra.

Seguida de intenso cortejo, a caranguejola foi transportada em carro de boi até o largo da igreja, improvisado como base de lançamento espacial.

Todavia, para desagrado geral, surgiria o primeiro obstáculo na rota do Pezão: o delegado Antrestontino Chaves, previamente ciente do projeto, através de seus espíões, só aguardava momento certo para agir. Assim foi que ele apareceu para vistoriar a propalada nave e fiscalizar o seu esperado lançamento. Contudo, ao se deparar com o despropositado rojão acoplado à cauda da caranguejola, indagou, depois de, detidamente, analisá-lo:

– Prá que todo esse cartuchão desabusado? O que tem dentro disso?

– Um punhadim de porva grossa – acudiu, humilde, o Pezão.

Intransigente, Antrestontino alegou que não permitiria tal disparte, já que o seu dever era proteger a população.

Aconteceu que a dita população estava pensando diferente:

– É por essas e outras qui esse lugá num vai pra adiante!

– Se fosse no instrangero, o nome do Pezão saía até no raide a píula!

– Aqui em Bicho-Grosso, só aparece gente mode apiá o pogresse.

Sentino a pressão que já ameaçava boicotar o seu patriotismo, bem como o seu emprego, o delegado resolveu fazer uma concessão: o vaqueiro poderia transitar, livremente, pelos céus de Bicho Grosso, desde que retirasse todo aquele canudão de matéria “piluitiva” do rabo daquela geringonça.

Pezão protestou; o fogueteiro também. A população, em coro, começou a ditar palavras de ordem contra a autoridade:

– Vai imbora, delegado! Longe de nós!

– Sai daí, paiaço! – Cai fora, Intreistontim!

– Racha no trecho! – Amarr’ele no rabo do foguete! – Boiola!

O delegado estava irreduzível:

– Ou tira o cartuchão do rabo, ou então, o trem não sobe!

O pezão estrilou: – Mais cuma, seu delegado? Cuma? Cuma vô eu subi pra riba, se tirá a sustança do maquinare? Cuma? Eu vo subi; num vô descê! Mais será impussive, seu Intrestôetim!

O fogueteiro, também, estava injuriado: – Iss’ê safocá a ciença, cadê o patriotismo, seu Intrestontim? Cadê?

A população inteira se encorajou, e uma tempestade de vaias e assobios inundou os ouvidos do delegado:

– Chega! – berrou ele, – Eu não sou surdo; mas se eu ficar, vai ser pior! – E tapando os ouvidos, aguardou o silêncio da multidão. – Tá bom! Disse ele, finalmente, dirigindo-se ao vaqueiro: – Vou liberar decolagem. Mas, antes, me arranjem uma escada. Quero assistir à desgracera de cima daquela gamelera.

O vaqueiro exultou, juntamente com Bertulino, o qual, por ser muito detalhista e previdente, andou lhe enfiando pelas orelhas dois volumosos chumaços de estopa grossa:

– Mode num pegar cunstipação c’a friage, seu Neném. Daqui a pouco, esse trem vai zuni mais qui olicope. E, condo pegá céu fechado de vento braboso é só cortá nos ataió, dobrá nas direita e iscapuli das

nuve trevosa. E, por fim, uma oportuna providência: – Aqui, seu Neném; o jabá; uma farofinha; pode dá fome na viagem – e, entregando-lhe uma sacola, arrematou: – Até a volta, seu Neném! Boa viagem!

Com a rapidez de um felino, o “astronauta” saltou para dentro da caranguejola. Apertou o cinto, ajeitou o bico do boné sobre o nariz, acertou os óculos escuros, acionou a manivela de comando e berrou, glorioso:

– Taca fogo, Bertulino!

O fogueteiro não perdeu tempo: num instante, a geringonça estremeceu com fragor, sacudindo faíscas e parafusos por todo lado.

Aflitos, seguidos pelo próprio Bertulino, os espectadores se refugiaram nos fundos da pracinha, de onde, bestificados, contemplariam o desenrolar do espetáculo.

– Avua! Avua! – gritava todos.

Contudo, a caranguejola não saía do lugar, onde se pôs a girar como mula doida, espadanando brasas pelas frestas e dobradiças.

Aflitíssimo, Bertulino gritava para o navegante espacial:

– A manivela, seu Neném! A manivela de comande, “seu” Pezão! Disatocha, que vai! Seu burro!

Aí foi aquele pandemônio! A geringonça desembestou, aos pulos, sobre a multidão; um imenso rabo de fogo dando chicotadas, a esmo, chamuscando vistosos chapéus e respeitáveis bigodes, levantando pudoradas saias no atacado e no varejo.

Após arrancar boa lasca no tronco da grossa gameleira desalojando, inclusive, o delegado, que se pôs em fuga, fez que foi, mas não foi; acabou indo, mas voltou e arrancou uma banda do coreto, ganhou altura e, num turbilhão de fumaça e labaredas, borboleteou na direção de um milharal onde, em voo rasante, para não perder viagem, arrastou farto varal de roupas que secavam ao sol, capotando, finalmente, no meio de um brejo; do que resultou, em polvorosa revoada, uma nuvem de frangos d’água, piaçocas, marrecos e outros bichos de pena.

A lua cheia já começava a dar as caras atrás de um morro, quando Bertulino, depois de muitas buscas, recolheu a fuselagem do “astro-

nauta”, o qual se achava de cabeça para baixo, pendurado pelo suspensório, num galho de ingazeira.

– Que disaste, seu Neném! Que disaste! – foi logo dizendo ele.

E o Neném Pezão, todo roto e fuliginoso, desabando sobre o ombro do fogueteiro, ainda encontrou alento para justificar a sua malograda consagração: sugou, fundo, a fuligem dos pulmões, tossiu e desabafou:

– Fartô porva, Bertulino! Fartô porva. Se tu carrega no combustive, eu tinha avuado mais arto que o tale dotô Santo dos Mõete! Muito mais arto!

E o fogueteiro, querendo eximir-se de alguma culpa, justificava-se:

– Eu avisei, Seu Neném. Eu avisei. Cujo até pensei de cobrar adiantado... mais...

– Eu sei, Bertulino, eu sei – disse, ofegante, o vaqueiro. – Mais, se aqui, imbaixo, já foi essa disgracera, imagina lá im riba, dentro da lua... Eu inspantava inté o cavalo de São Jorge com dragão e tudo!

Assim falou o Pezão, antes de se prostar totalmente desmaiado nos ombros do fogueteiro.

A lua, que já se achava bem alta, escondeu-se, pela metade, atrás de uma pequena nuvem, talvez para abafar uma maliciosa risadinha. Mas, no fundo, ela ainda se indagava:

– Será, mesmo, que vai faltar esterco nos canteiros da tal Sinhá Luzia?

A raiz milagrosa



...e foi numa manhã de feira movimentada que Saraivinha Bicudo, camelô de vastos recursos engambelatórios, adentrou a praça do mercado no pacato arraial do Espera-que-vem.

De longe, de bem longe, vinha ele. Trazia, em lombo de burro, juntamente com sua pessoa, enormes bruacas repletas de cascas, ervas, raízes, cipós e outros derivados da flora medicamentosa, à garupa; e, no cabeçote do arreo, como chamariz, um macaco batedor de carteira, de nome Pascoal, trajando roupagem de astronauta.

– Dá passage pras ciência! Agora mesmo, vô curá cêis tudo! – foi logo dizendo ele à multidão de curiosos que o cercava. – Abr’a rodinha, mode a gente pudê trabaiá! Vamo, que tempo é dinheiro!

E o primeiro a provar que “tempo é dinheiro” foi o Pascoal, que já havia saído de fininho e subtraía, com perícia, bom estoque de recheadas carteiras.

No meio do grande círculo, Saraivinha abriu as bruacas de mercadorias, tirou de um bernal uma garrafa de erva-de-gambá e, pelo gargalo, após tomar a 1ª depois da 8ª, não perdeu tempo:

– E eis que aqui tô eu, meus amigo! Eis que aqui tá: Reméide pra nenhum dotô de consultório refugá! Tão grande é o dispautério de mulesta que infesta nossas população que até o Pascoal, meu macaco-guia, já se acha munido das providença; excrusive com vestuário própi, só aguardando passage pra Lua. Mas isto num vem nos causo, meus amigo; pois ta lá nas Escritura, escrevida pelos santos: “Fazes de

tuas parte, que eu te ajudarei-lhe das minha!” Ta lá, no livrão. É só lê. E, por essa razão, aqui tô eu, meus amigo. Disputei os pió pedaço, nas maió cuanga com onça e surucucu, pra não falar de outras coisa mais daninha, cuma um tal de marimbondo-capeta, que é uma ave mais tnhosa da mata fechada, mormentes quando ele espreme a bundinha e larga aquele alfinetím carregado de veneno nos supliço de um cristão. – Fez uma breve pausa, bebeu a 3ª depois da 9ª e continuou:

Aqui tô eu, meus amigo! Cá tô eu! E foi botando de faste toda aquela resma de maquerença, que eu boto nessa praça todo esse prodígio da nova farmaclopeia brasileira! – E, enquanto ele falava, notou que, entre os presentes que se acotovelavam, um homenzinho com um braço em feitio de asa de bule, o dorso da mão cravado à cintura, boquiaberto, cara de palerma, não desgrudava os olhos de cima dele.

– Caso tipe de resmatismo-de-gancho! – pensou ele. – E, sem perder de vista o homenzinho de olhar de estátua, continuou o seu lenga-lenga.

A essas alturas, Pascoal, o astronauta, sonhando, talvez, com sua viagem ao satélite do dragão, dormia a bom dormir, empanzinado com o meio cacho de bananas que acabara de comer, após cabal desempenho na “coleta” de carteiras dos embasbacados espectadores.

E foi empolgado pela erva-de-gambá, já na 5ª depois da 10ª, que o Saraivinha deitou e rolou. Tirou de uma das bruacas uma cepa de raiz, que não tinha mais tamanho e grossura; agitou-a, freneticamente, diante da multidão, e berrou:

– Aqui tô eu, meus amigo! Aqui tá ela: A raiz milagrosa! Uma lasquinha pra cada um! Aqui tá ela! Esta rica panacéia, além de outras beneficiage mais, debela vento encanado, disquebra reguardo quebrado, trava língua de sogra, tira macacoa de muié véia, disimbaça o baço, disimpacha o fídigo, aprivine as mulesta do minhocarde, apruma espinhela caída, disata nol das tripa, disaloja o caboco Jirimum, e serve, tombém, prá picadura de carqué tipe de olfides; seja cobra, aranha-caranguejera, mucego-do-mato... o qui picá, o qui picá. Levou picadura de olfides, é só correr pra raiz. Nada de injeção; isso, num injiste

mais. Injeção é coisa ainda dos tempo que Dão Predo Alves Colombo descobriu o Brasil, e que onça dormia de pijama, e macaco escovava dente de corcodile. Agora é o tempo das raiz! Chegou a veis delas! E aqui tá ela, meus amigo: a raiz verdadeira! A raiz brasileira do Brasil! Num é aquelas porquera lá do Paraguai, qui num dá nenhum future. Só essa tem a fama de curamentosa. O resto é contabrande. E, acredita quem quisé: essa raiz já levantou até difunto no nicotére. É o cão essa raiz! É raiz pra bater de frente até com a tal da lapistapirosca, cujo é um micróbis nativo do mijo do rato. Mas como nem sempre uma coisa é outra coisa e outra coisa nunca é a mesma coisa, essa raiz pode até num fazê chovê; mas, se num for de bão uso, pode truvijiscar; inspalmente se xumbregar no trimilim do isofe. Aí já num tem mais otropeidista que dá jeito. Ou vai ou racha! Ou arrebenta o tampo da caixa. E vamo que vamo! Acorda, Pascoal! – gritou para o macaco. – Tempo é dinheiro! – frisou, repetindo a velha senha, sempre bem decodificada pelo símio que, logo, despertou e se pôs de pé, cômscio de suas obrigações.

Embora desancado pelo palavrório e pela garrafa que acabava de esvaziar, mas ainda muito bem focado no homenzinho de olhar parado, Saraivinha não desprezou alento para exaltar a mais prodigiosa virtude de sua poderosa panacea:

– Num sô eu que falo, meu amigo. Mas, pra incurtar assunto, já tá aprovado e agarrantido que essa raiz faz carqué tipe de milagre e, nos conforme da dosage, disarrupia o pinto, se os causo fô, e bota nos recuado dos 18 carqué velhismo dos 80 ano. Mas, para provar que eu não sou inrolão, vô fazê uma pequena desmonstage, nas vista de todo mundo. Abr’a rodinha!

Atirou para um lado a garrafa vazia, agarrou, firme a raiz miraculosa e postou-se, resoluto, à frente do homenzinho de braço torto:

– De quantos tempo padece o cavaleiro de entrevamento maleva neste braço?

Só aí, então, que o homenzinho, boquiaberto como estava, olhou para o desvão do braço e, atoleimado, balbuciou:

– Ué!!!... Num é que mim robaro a melancia?

o rival do diabo



Oriundo da pacata localidade de Pedra-da-Tocaia, Agarantino Feitosa foi outro que, precedido da fama de brabão, resolveu exhibir sua macheza na pacífica freguesia de Bica-das-Águas. Capaz que era de mitológicos disparates, Agarantino, segundo diziam, entre tantas façanhas, já havia, inclusive, trancafiado no curral do conselho de determinada jurisdição, uma mula sem cabeça que andava pastando a tranquilidade pública. Medo, portanto, era coisa que, de há muito, já se havia consumido juntamente com seu umbigo, que fora enterrado num formigueiro. E, conforme ele mesmo costumava gabar-se, não era sujeito muito espantado, uma vez que fora criado em ninho de onça e, desde a mais tenra infância, em vez de chupeta, deliciava-se com chocalhos de cascavel.

E foi empanzinado com toda essa sustância que ele entrou em Bica-das-Águas, sob os aplausos da população, que, ultimamente, vinha vivendo um verdadeiro inferno, ante as estripulias de um capeta clandestino que viera passar, ali, as suas férias.

Aquele, portanto, era um caso típico dos agrados do Feitosa, que, aliás, já andava à espera de uma oportunidade de ir à forra com o “Rabudo”, por causa de um sério desentendimento que, certa vez, tiveram.

Por isso mesmo, ao se inteirar das ocorrências, o domador de mula sem cabeça resolveu fazer um levantamento da situação. Antes das medidas de praxe, ouviu, um por um, os aterrados moradores do lugar; sendo o mais arrepiado deles, o sacristão Totonho Pio, que era

quem mais se via às voltas com o “dito-cujo”. O “bicho” não lhe dava sossego. Ultimamente, dera de implicar com o barulho do sino, e não havia mais corda que chegasse. Quantas o Totonho colocava, tantas ele arrancava. O pobre homem já tinha esgotado todo o estoque de água-benta da igreja e, agora, já não tinha com que espantar o Tinhoso, uma vez que o senhor cura não aparecia por ali, havia várias semanas.

A salvação, portanto, seria o Agarantino, o qual, após farejar no espaço o cheiro de enxofre, tranquilizou a multidão:

– Tem nada não, pessoal. Eu vô ensinar esse cabra a respeitar as religião. Comigo, ou ele conserta, ou diserta! – E, após verificar se o pau de fogo, estava em ordem, saiu decidido a bagunçar o coreto do Zé-das-Trevas.

Acompanhado do trêmulo sacristão, ele subiu o morro na direção da igreja, onde os fatos se davam, com maior frequência. Em lá chegando, contemplou, detidamente, o campanário e mandou que o Totonho Pio tocasse o sino. O sacristão vacilou; pretendia economizar a corda nova para os ofícios da matina; entretanto, depois de muita relutância, ele acabou concordando. Porém, mal havia feito soar as primeiras badaladas, o estranho fenômeno aconteceu novamente: o sino parou de tocar, e uma rodilha de corda se enroscou nas pernas do sineiro, que se pôs a gritar apavorado:

– Sai, bicho! Mim larga, danado! Socorro! Mim agarante, seu Agarantino!

Agarantino não se conteve. Dando tiros a torto e a direito, para os lados, para cima, pra baixo, pra frente, pra trás... começou a desafiar em alta voz:

– Belzebu dos diabo! Se é tu qui aí tá, aparece, mode nós midi os bigode! Aparece pra mim! Aparece!

O Tinhoso, porém, mesmo com a vantagem de sua invisibilidade, não estava disposto a dar as caras. Todavia era arreliento e provocativo:

– Manda chumbo grosso, bigodudo; com pólvora, cartucho e tudo! – debochava ele. – Você não pode me ver; mas só eu estou te vendo; se quer brincar de esconder, vem quente, que to fervendo!

– Vô t'isfriá, ministre da gota serena, cabra da mulesta, doença do rato! – retrucava o Agarantino. E o chumbo comendo no atacado e no varejo.

Acabada a munição, o Feitosa ouviu, atrás de si, a conhecida risadinha mefistofélica, enquanto o sacristão, arrebetando a corda que lhe embaraçava nas canelas, arrepiou os cabelos e, deixando o colega as sós com o Rabudo, pegou corrida desembestada e la se foi, aos gritos, quebrando macega pelo morro abaixo:

– Socorro! O capeta vortô! Acode eu! Acode eu! O capeta vortô! Tá sorto! – gritava ele. – mim acode! – Até que infins nós se topemo outra vez! – vociferou o Feitosa, voltando-se para o “dito”.

– É verdade – tornou o outro. – Mas já estás me dando um calor danado! Eu não posso ficar depenado. Se me plantas um chumbo na asa, como vou eu voltar pra casa? Achas fácil me desviar dessa artilharia? Não quero virar freguês; toma! Guarda essa porcaria; pode fazer falta de outra vez. – E entregou ao Agarantino um punhado de caroços de chumbo quentes que havia catado durante o tiroteio.

O brabão não se conformou, e convidou-o a sair no braço, já que as balas nada resolviam. O “rabudo” refugou a parada, uma vez que já suspeitava de um possível parentesco entre eles. Todavia, alegando cansaço, propôs-lhe trégua por prazo indeterminado, sugerindo que, para o próprio bem dos dois, não deveriam estar juntos num mesmo lugar, visto possuírem poderes quase equivalentes.

Agarantino prometeu-lhe que assim o faria, se ele se tornasse um capeta menos endiabrado; se fosse até como Pedro Malazartes, ele ainda poderia tolerar.

O “bicho” concordou, e os dois deram-se as mãos. Após o quê, dirigiram-se para a vendinha de um tal Canuto Chagas, a fim de comemorarem o pacto.

Quando Agarantino entrou na vendinha com o indesejável freguês, um gato preto, que cochilava no balcão, embodocou-se, e entrou em curto-circuito, soltando infinidades de centelhas pelas instalações competentes. O vendeiro também quis correr, mas Aga-

rantino lhe garantiu que nada de mau lhe ocorreria, se fossem bem servidos.

Assim foi que os dois puseram-se a beber, dentro das melhores amizades. Infelizmente, durou pouco aquela harmonia; no atravessar da terceira cachaça, o capeta já estava começando a dizer besteiras; remoendo, inclusive, incidentes passados que envolviam a intocabilidade de um respeitável membro de sua família: – Pois é isso, seu carcereiro... – ia dizendo ele. – você prendeu a minha tia. Foi você. Pensa que eu já esqueci? Eu vi tudo. Pena que, naquela época, eu nada pude fazer. Eu ainda era um frágil menino; eu porqueira de fedelho... um merdinha de saci, com apenas uma só perninha. Hoje eu sou taludo, tenho as duas! Tenho tudo! Já sou capeta adulto a quem todos prestam culto.

Agarantino fez uma careta:

– Aii! – gemeu ele, se benzendo: – que pedrada nas partes! Asuverte de mim, fiote de cruz im crede! Treis veiz treis ora pro nobis!

– Não me venhas com língua de esnobes – censurou o outro.

– Justo. – tornou o Agarantino. – Se mim aperreio, só falo língua de gringo.

– Das quais não conheces um pingo – retrucou o dito.

– Já tais mim aperreando, bichim – tornou o parceiro. – Vai mais uma para quebrar o disgosto?

– Não bebo com carcereiro de minha tia...

Agarantino pipocou: – Mais, quem, diabos, é sua tia? Quem, pinóia, é carcereiro?

– Tu deves saber muito bem do quê e de quem estou falando...

Agarantino torceu as pontas do bigode, pensou, pensou... e respondeu: – Ainda num mim bateu de bistunto.

– Até parece um defunto! – pensou, em alta voz, o Tinhoso.

Agarantino fazia-se de desligado: – Começo perder os tinos – disse.

– Pois lhe boto as ideias nos pinos – retrucou o outro, que, após tomar mais uma talagada, enxugou os beiços molhados na ponta da cauda e falou nos enxutos: – Lembra-se da mula-sem-cabeça?

– Oxente! Ora, pois, seu capeta. E é pra isquecer daquela jabiraca fujona?

– Alto lá! – Protestou o bicho. – “Fujona” é mentira pura; eu mesmo lavrei o seu alvará de soltura.

– Ah! Intonces foi tu, cabra da gota? Livrou a dita da peia...

– Ela não quis ficar na cadeia.

Agarantino voltou à carga: – Mais... e dispois? Que rumos pegou aquela muquirana da mulesta?

– Apagou-se... da maneira mais funesta.

– Cuma?

– Ela sofreu um acidente de percurso ao escalar a torre de uma igreja, na calada da noite, a fim de arrancar o badalo do sino. Aliás, em nossa família, desde os mais remotos antepassados, ninguém tolerou, tolera ou jamais irá tolerar batida de sino.

– Oxente! Cuma num sei eu disso – confirmou o Agarantino. – Mais... se os mal num fô, eu prigunto: E a véia? Subiu na torre do sino e ... e dispois.

– Nem bem começava o sossego, ela escorregou numa titica de morcego... caiu como jenipapo maduro, no escuro... Oh! como foi duro!

– Corda véia – tornou o Agarantino – num aguenta. Arrebenta!

– E caiu, justo e sem muito custo, no reservatório de água benta! Foi o fim da linha!

– Oxente! Ficou, intonces aperreada. Será que foi parar no lixo?

– Defuntou-se do primeiro ao quinto; como dizem no jogo do bicho.

– Coitada! – Gemeu o Agarantino.

O capeta voltava a choramingar: – Escafedeu-se desta para outra. Pobre velha! Que triste fim! E nem se despediu de mim!

– Tais aperreado, cabra.

– Minha pobre velhota! Tão honrada! Tão bondosa e prestativa! Só praticava boas ações... tu a deixaste trancafiada. E ainda achas que não foi nada.

Agarantino justificou: – Ela tava fazendo isbornes...

– Pois que em outra não te tornes – sussurrou-lhe o rabudo. – Oh! mas deixa-me chorar! Ah! Minha pobre velhota! Como dói só em lembrar! Oh! Como lacrimejam os meus olhos! Como ardem as minhas orelhas... a minha boca... como queima! Ah minha tia! Minha pobre tia!

Preocupado, cabreiro, Agarantino esmiuçou, detalhadamente, a fisionomia do choramingas e não conteve o espanto:

– Oxente! hom'essa! Só assim eu se mim arrupéo de vez. Cabra! Tu é a cara da finada mula! Só agora presto o arreparo: esses zói de fogo... essas oreiona foiuda... até a boca dela!

– Por isso, soltei ela – justificou-se o dito. – Minha pobre tia... pifou sua serventia!

– Oxente! – tentou encorajá-lo o parceiro – Agora tu vai ficar, assim, vexado? Vamo lá, cabra da bixiga. Bebe mais uma.

– Não! – berrou o dito – Não me botes mais cachaça; se botas, bato as botas.

– Só mais essa, amigo capeta... vamo lá...

– Nunca! – recusou o tal. – Isso é pinga de cachorro; se bebo mas desta, eu morro.

Pressentindo o estopim de nova quisumba, o vendeiro se aproximou do tihoso e perguntou-lhe se aceitava um tira-gosto; ao que o dito lhe respondeu: – Obrigado, amigo vendeiro; já vou minha fome matar. A orelha do carcereiro me parece um bom jabá! – e atracou-se com o Agarantino.

Engalfinharam-se os dois e, após quebrarem o balcão, saíram rolando para os fundos do quintal, onde a luta continuaria mais encarniçada, entre pragas e palavrões.

Passado algum tempo, Agarantino voltava sem uma orelha, mas trazia, enrolado no pulso, o rabo do capeta. Este, por sua vez, mesmo com um dos chifres quebrado, e sem a cauda, ainda lambia os beiços, muito embora lamentasse e implorasse ao Feitosa para lhe devolver o rabo. Quanto ao chifre, ele até que não fazia muita questão. Não era aquilo que o diferenciava de tantos mortais – ponderou – Mas, o rabo... um capeta sem rabo? Onde já se viu!?...

– Me dá rabo, seu Agarantino – implorava ele.
– Não! – berrou outro. – Nunca! Pensano o quê? Tu comeu foi zoreia de home!

– Eu tava com muita fome...
– E agora quer desculpar?
– Pensei que fosse jabá...
– Agora é tarde!
– Ai! Como arde! – choramingava o tal. – Quero meu rabo...
– Já falei: Cai fora!
– Já, já, eu vou embora. Mas... e o rabo? Sem ele eu me acabo... – E o Agarantino advertindo-o:

– Vai de aculá, cabra de bixiga, duença do rato!
Inúteis, porém, foram as súplicas do Tinhoso. Agarantino não lhe devolveu o rabo.

Com a perda da cauda, o “bicho” se sentiu tão humano e desmoralizado que, após consultar, num relance, os seus arquivos, falou até em se arranchar em mancebia com a sogra do vendeiro, uma tal de Dona Apologética de Souza; para os íntimos, dona Popó, viúva de defunto desconhecido, enterrado em lugar incerto e não sabido, conforme dossiê da dita-cuja.

Diante da inusitada insinuação, Agarantino não conteve sua indignação:

– Ispia, só, esta! Ele ainda fala de casá c’a véia! Casá c’a véia! É ser muito bixigoso!

– Casaca véia... – adveio, simplório, o vendeiro. – só que tiver uma no guarda-roupa.

– Epa lá! – bronqueou a tal Apologética, saindo, inesperadamente, de dentro de um armário. – Nem c’a véia e nem c’a nova! E nem vem, que não tem. – preveniu ela, ajeitando o cós da saia e o coque da cabeça.

– Dona Popó! – exclamou o vendeiro.

Estupefacto perante a inesperada aparição, o Tinhoso deu um salto para trás e exclamou: – Essa não! Com munhé de bigode nem o Capeta pode.

Por isso ele pediu ao vendeiro que lhe servisse uma “saideira” bem reforçada, que era para viagem longe; e, após virá-la de uma só talagada, ele fez uma careta, soltou brasas pelos orbitais, cuspiu entre dentes e resmungou contrariado:

– Pinga da braba, de cana baroa! Pensei que ainda que fosse da boa... – E, como lhe sobrassem rimas no estoque, terminou queimando mais umas: – Esta cachaça tem mutreta! Só assim ela me logra. É pior que a cara da sogra, que espanta qualquer capeta! – E, piscando vagalumes, estalou as pontas dos dedos, rodopiou no cotoco do rabo e desapareceu numa grossa nuvem preta, deixando no recinto um repelente cheiro de gambá queimado.

Na fumaça do enxofre torrado, Agarantino desabafou:

– Fiquei troncho de uma zorêia! Mas ainda com muita natureza pra debandar dez manada de sataná, se os causo fô. De já ele, sem o rabo de sua nascença, nunca mais vai ser capeta; nem aqui, nem no zinfá! – E enfiou o rabo do Tinhoso no alforje, dizendo que ia mandar fazer um cinturão para usar como troféu de caça.

Tendo como certo que aquele teria sido o seu último encontro com o rei das trevas, voltaria, agora, para sua tranquila Pedra da Tocaia. De passagem, ele ainda relanceou um olhar de dúvida para o campanário, onde o sacristão Totonho Pio trincava, festivamente, o sino, chamando os fiéis para os ofícios vespertinos.

Mas... como era profundo conhecedor do mato de onde tirava sua lenha, ele ainda comentou de si para consigo:

– Se os causo fô... só quero ver quem vai botar fé num capeta cotó. Nem a tal da véia Popó.

Súbito, na consonância de “cotó” com “popó” lhe veio o grande estalo:

– Diabos! “Tó” de cotó com “pó” de popó... Oxente! Tô vendo que essa peste de rimage tombém pega!

achado



Bastovaldo Ventura, alfaiate de mal-sucedidas cortanças em Nazaré das Pitangas, desiludido com a profissão, deixou de cortar panos para “cortar canas”, nos botequins do lugar. E, toda vez que se achava possuído do gênio dos canaviais, fato que se dava com mais frequência na força da lua cheia, ele se tornava janota e romântico como não havia outro em muitos quilômetros quadrados do recôncavo.

E era envernizado sob o terno do linho branco que, durante muito tempo, ele vinha expelindo odores de engenhoca no olfato da menina Sulfurosa de Mendonça, a qual, apesar de nutrir por ele uma feroz afeição, já não suportava mais os vexames por que passava. Por isso mesmo, a fim de corrigi-lo, todas as noites quando ele se aproximava em passos de “peru na véspera”, ela lhe fechava a porta na cara, deixando-o desalojado na calçada.

Tal medida, embora educativa, só servia para incrementar ainda mais os melindres românticos do desventurado Ventura, o qual, conscientizando-se de sua insignificância, tafuiava dentro de um caixote de lixo que ficava à porta de sua amada. Ali, sentindo-se tão desprezível como os pertences do monturo, ele atravessava, noites adentro, suas ressacas.

Assim foi que, em não se corrigindo, o ex-cortador de panos viu-se obrigado a se hospedar, por muito tempo, na “Pensão Caixote”, até que, certa noite, estando ele nos bem-acomodados do seu encosto, passou por ali a lavadeira, dona Pecuína dos Remédios, viúva do velho Primidião.

Dona Pecúina, desde que passara a se vestir de guarda-chuva, nunca mais sonhara com tal achado. Por isso mesmo, não se conteve e exclamou:

– Um marido no lixo!?!... Numa época dessa? Essa gente rica tem cada uma... – e, como estivesse sobrando um travesseiro em sua cama, optou por levar o Bastovaldo para casa, a fim de fazer-lhe algumas restaurações; após o quê, ele ainda estaria em ótimas condições de uso.

No dia seguinte, como era de costume, a menina Sulfurosa abriu a porta e dirigiu-se aos “aposentos” de seu bem-amado, a fim de despertá-lo. Todavia, ao se deparar com o “leito” vazio, tomou-se de indignação e saiu a procurá-lo pelos arredores. Não o encontrou, é claro. Supondo que ele tivesse se levantado mais cedo, achou por bem não dar publicidade ao fato e esperou que, à noite, ele voltasse.

À tardinha, ela colocou uma cadeira na calçada e pôs-se a esperar pelo Ventura. O tempo passou, o galo cantou, a lua desapareceu por trás do casario e a Sulfurosa ainda permanecia ao lado de fora da casa, sem que o cheiro da cachaça anunciasse a chegada do alfaiate.

Finalmente, farta de esperar, ela ajeitou o caixote em lugar bem visível e recheou-o com mais uma boa quantidade de lixo, conforme era dos gostos do Ventura. Após o quê, fechou a porta e foi dormir.

Na manhã seguinte, nova surpresa: o lixeiro já havia passado, e o caixote continuava vazio, emborcado na calçada, onde dois vira-latas famintos desempenhavam com peculiar perfeição o drama do desjejum.

– Não há dúvida! – pensou a Sulfurosa. – O excomungado, com certeza, mudara de sítio, ou então, viajara sem comunicar. Entretanto, depois de certificar-se com o Belarmino-Lixeiro se ele não havia atirado ao monturo nada mais além do lixo, resolveu submeter o caso ao faro do cabo Zé Coronha, que era perito em desentocar coisas entocadas.

Ao ouvir o estranho relato, a autoridade, que já não andava muito disposta a deslindar casos daquela natureza, disse que lamentava, mas não estava em condições de empreender diligências de muito fôle-

go, uma vez que, por questão de arrochos financeiros, o seu veículo só estava contando com uma subvenção de três litros de milho por semana. Portanto, enquanto o Governo não decidisse a encorpar, um pouco mais, o sustento de seu pangaré, muita coisa ruim ficaria encoberta naqueles buracos de sertão. Contudo, ele aconselhou à dita menina que mandasse fazer um responso:

– Dá no mesmo, minha filha. Dá no mesmo! Tem, aí, um crioulo que não falha nunca. É igual ao tal do radar, que é uma das inventança apropriadas para esses casos. – E, pedindo-lhe sigilo, deu-lhe o endereço do velho Romão das Tabocas.

Assim foi que, na tarde daquele mesmo dia, a ex-viúva, dona Pecuína, receberia em sua casa a indócil visita da Sulfurosa de Mendonça que, antes de mais nada, foi logo dizendo ao que vinha.

– É aquele bagúí, ali? – perguntou dona Pecuína, apontando na direção do Bastovaldo, que se entretinha, a um canto do quintal, preparando pelotas de barro para o seu estilingue.

– É bagulho, mas é meu! Ouviu bem, sua coruja rapinosa? Ele é meu! – berrou a Sulfurosa.

– “Seu” é uma banana! E daquelas bem graúda! – silvou a lava-deira em fonética de cascavel.

Bastovaldo que, a essas alturas, já havia se inteirado da situação, achou melhor ir andando; mas, ao correr para os fundos do quintal, foi perseguido pelas duas, que ainda conseguiram alcançá-lo, antes que saltasse uma cerca.

Agarrando-o, uma em cada braço, empreenderam um puxa-puxa tão sacolejante que, em poucos minutos, o coitado já se achava todo desalinhavado, soltando os bofes pelas bainhas.

Nisso, acabava de chegar o cabo Zé Coronha, chamado às pressas, a fim de debelar a quizumba, prestes a demolir os alicerces da jurisdição. Após desviar-se de um tijolo que lhe passou, de raspão, pela cumeeira do boné, o policial conseguiu se interpor entre as duas.

– É essa aí, “seu cabo”! É essa que é a ladrona! – acusou a Sulfurosa.

– Ladrona é a tua vó torta! – gemeu dona Pecuína. – Eu achei aquela porcaria no lixo, “seu” cabo. No lixo! E, como eu já tinha cumprido os luto do meu finado...

Zé Coronha não quis saber de mais conversas. Resolveu levar as duas à delegacia, dizendo que, ali, os fatos seriam esclarecidos, ainda que à luz do cassetete.

Quanto ao Bastorvaldo, dado seu estado de avarias, já era caso exclusivamente de competência do Belarmino-Lixeiro.

Horas depois, o Ventura desentupia o funil da respiração. Após um minucioso retrospecto dos acontecimentos, ele chegou à conclusão de que não poderia continuar morando ali, em “Nazaré das Pitangas”. E, mastigando colchetes, confidenciou de Ventura para sua pessoa:

– É só nisso que dá a gente viver nessas trapizonga de lugar pequeno. Na cidade grande não tem desses preconceito. Ali, a gente dorme, come e veve, como quer e onde quer; e, tudo dentro das vivença das boa civilização, mormentes nos bestunto das cachaça, que são de fazer inveja pra qualquer gambá!

Levantou-se, bateu a poeira do terno, ajustou o laço da gravata e entrou no primeiro chiqueiro que encontrou.

El Sabadin de Las Taquaras



Aspargismênio de Tal foi outro que não se sabe como, aparecera certo dia na freguesia de Taquaras Verdes e, por ali mesmo, acomodara-se às conveniências de um bom passadio, graças, talvez, à sua bem esculpida cara-de-pau.

Isso porque, desde o início, apresentara-se como toureiro espanhol em férias, ou melhor, “El Sabadin”, como era conhecido ao longo da Península Ibérica, ou seja, Espanhas e Bahias, como dizia ele.

E foi com um castelhano bastante inovado que o dito, além de bandarilhar o coração da menina Queronéia, filha do vereador Firmino Borges, fizera com que a ingênua criatura se influenciasse tanto pelo idioma de Cervantes a ponto de ser levada a uma benzedeira, a fim de curar-se do “mal das Espanhas”.

Firmino Borges não dava “olés” a esse namoro, mas a sua condição política também não lhe permitia que tomasse uma medida drástica em relação ao caso; isso porque a massa votante de Taquaras Verdes já havia sido contagiada pelo guapo “Sabadin”.

A prudência, portanto, aconselhava-o a que esperasse pelo tempo: mais cedo ou mais tarde, aquele “manolo-de-beira-de-estradas” baixaria em outras arenas.

Mas estava escrito que, realmente, seria ali mesmo, em Taquaras, a primeira exibição do mal-aventurado Aspargismênio. Não demorou muito e, insulflado por malfadados ventos, após penosa cabotagem, ancorou num terreno baldio de Taquaras Verdes o Circo Oitava Mara-

vilha, que, aliás, de maravilha não tinha nada. Apenas um calango ensinado, uma arara do Amazonas, duas zebras artificiais e um macaco poliglota de nome Remígio compunham a fauna circense.

Diante de tão insignificantes atrações, Firmino Borges, o vereador, resolvera propiciar ao seu eleitorado um espetáculo mais digno: uma tourada estrangeira no picadeiro do circo. Além do quê, pensava ele, melhor oportunidade não poderia haver para se concluir, de fato, a que motivos se prendia a permanência de Aspargismênio em sua jurisdição; caso fosse comprovada a veracidade tauromárquica, não perderia, de todo, sua promoção, pois aproveitaria o momento para consolidar a simpatia dos seus eleitores, obsequiando-lhes com um festivo churrasco de carne fresca de rês abatida na hora pelas mãos do temerário “Sabadin”.

Acertadas as bases com o dono do circo, providenciou-se, o mais depressa possível, uma arena, enquanto o material para a “corrida”, à escolha do próprio Firmino, foi requisitado à Fazenda das Sete Tronqueiras, de onde veio escoltado por corajosos vaqueiros.

Ao conscientizar-se da incômoda promoção, Aspargismênio sentiu a terra abrir-se aos seus pés e tentou esquivar-se, dizendo que se achava impossibilitado no momento, por não haver trazido a sua indumentária de trabalho. Firmino não se deu por vencido. Encaminhou-se com ele à Casa dos Panos, pediu ao turco Bechara que cortasse uns metros de seda bem vermelha, e embrulhasse uns punhados de lan-tejoulas das mais variadas cores. Após o quê, mandou que sua filha, Queronéia, confeccionasse, com urgência, as roupagens do Toureiro, pois o espetáculo estava marcado para dentro de algumas horas, naquela bela tarde de domingo.

Com efeito, passado algum tempo, turbulenta multidão sacudiu os espeques do Oitava Maravilha. O dono do circo, subindo na cerca de arame farpado que circundava a “arena”, ao lado de Aspargismênio, estufou o peito e anunciou com pomposa eloquência:

– Senorras e Senorres! É com justo “orgujo” que la oitava maravilea apresenta a este “hospitalero” povo o “marror” torero del mundo:

El Sabadin de Las Taquaras! – E, abrindo uma porteira, deixou que uma vaca enfurecida invadisse, precipitadamente, a “arena”.

Aspargismênio, petrificado, empoleirado sobre a cerca, vacilou ante o animal que, ao vê-lo, pôs-se a lixar os cascos no pó-de-serra do picadeiro, enquanto a multidão frenetizava:

– El Sabadin! El Sabadin!

Um gaiato que se achava nas proximidades, cutucou-o com a ponta do guarda-chuva e, ele, que era portador de cócegas crônicas, viu-se frente a frente com a vaca no meio da “arena”.

O ruminante, ao se deparar com tantos penduricalhos, pôs-se a analisá-lo, prudentemente, antes de tomar uma iniciativa. Houve, por um momento, um silêncio tumular. Foi quando Aspargismênio, enchendo-se de coragem, um pé na frente e outro atrás, começou a instigar o animal, acenando-lhe, à distância, com a capa vermelha e sussurrando com voz trêmula:

Toro! Venga! Aqui, Toro... venga...

A vaca, que não entendia “castelhano”, mas que já sentia vilipendiada sua feminilidade, e, também, por não ser daltônica, resolveu justificar sua aversão pelo vermelho: um foguete de chifres foi disparado contra Aspargismênio, o qual por um golpe de sorte, embarçou-se na capa, caindo, precisamente no momento em que a vaca, passando por cima dele, calculou que o tivesse atravessado.

Num salto acrobático, ele agarrou-se em uma ponta de estaca, tentando saltar a cerca, quando uma violenta cabeçada, um pouco abaixo de suas pernas, arrancou-lhe a calça, deixando-o apenas de cueca e envolto num feixe de arame. Por feliz coincidência, ele caiu, escanchado, sobre o pescoço do animal enfurecido, grudando-lhe nos cornos com firmeza.

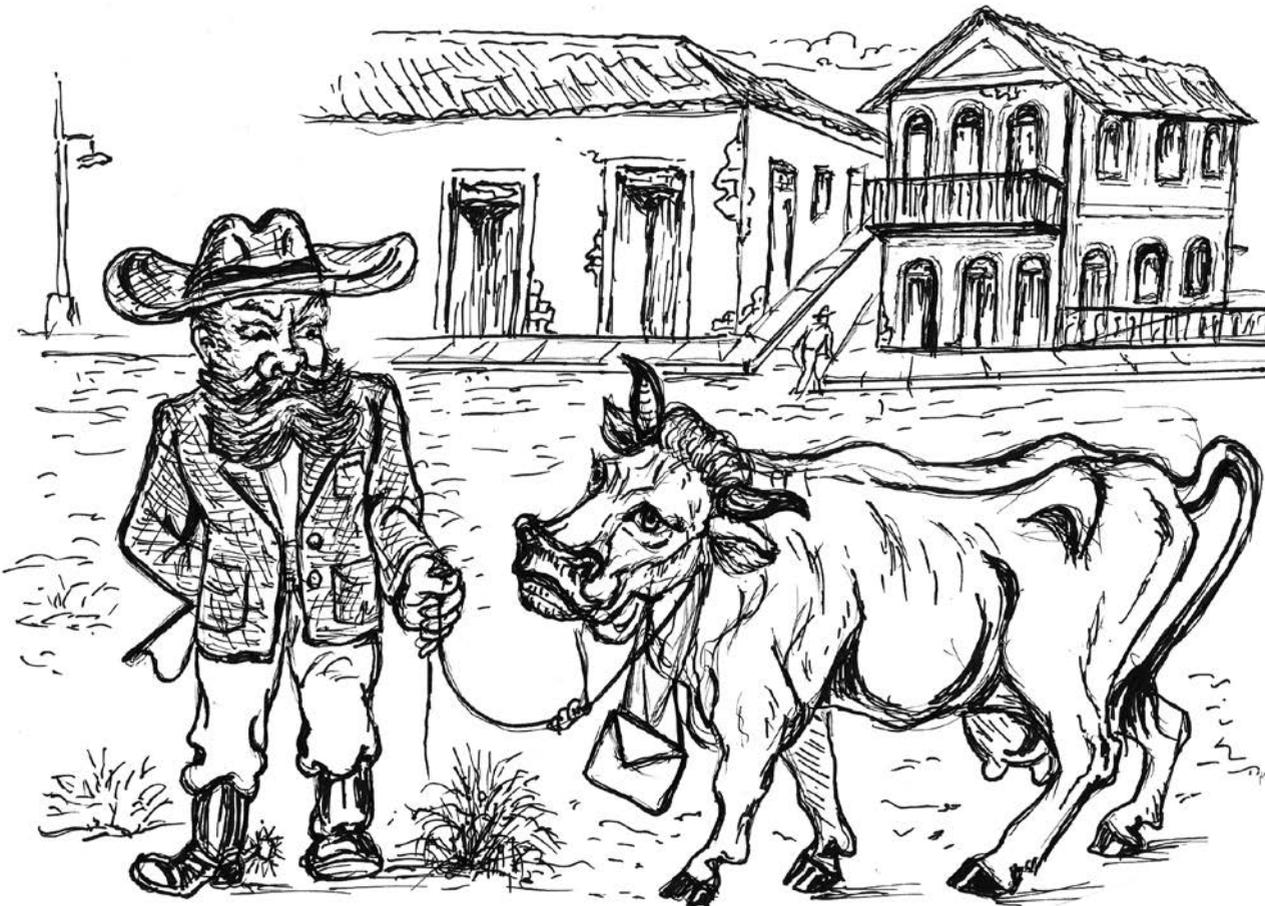
Foi uma balbúrdia indescritível: ao generalizar-se a confusão, a montaria bovina se misturou com os espectadores, chegando ao ponto de ninguém mais saber quem era ninguém e, muito menos, quem era a vaca. Tamanha foi a avacalhação que, quando alguém pisou no rabo do Remígio, o macaco poliglota, que até então se mantivera calado, o

bicho se enfezou e virou nazista: trepou no mastro do circo, de onde fez um violento pronunciamento em alemão contra o vereador Firmi-
no Borges, mentor daquela desastrosa demagogia.

Indo a pique o “Oitava Maravilha”, não houve, evidentemente, a decantada tourada como, também, foi adiado o almejado churrasco; mas quase toda a população de Taquaras Verdes ainda conseguiu presenciar um inédito final de espetáculo:

Ultrapassando o recorde mundial de velocidade em vaca, El Sabadin, o “marror torero del mundo”, exibindo sua cueca de bolinhas, acabava de desaparecer numa curva de estrada, pilotando um vacuum desembestado com uma perna de calça pendurada nos chifres.

A carta e di vacca



Não que Bonifrates Querubino fosse um bisbilhoteiro, mas era o indivíduo mais por dentro dos acontecimentos que aconteciam e dos que ainda estavam por acontecer na vida do lugar, razão pela qual, desde que instalara sua tendinha de conhecimentos no Arraial-do-Risco-D'Água, tornara-se mais procurado que a “Zebra” da Esportiva.

Além do boticário, Nonô Paixão que, aliás, ficava muito a lhe dever na arte das escritas, Bonifrates era, ainda, o único indivíduo entendido das manipulações do alfabeto ali no Arraial, privilégio que lhe abriu os horizontes de um ofício rendoso e de altas prosopeias.

Interpretando cartas e respondendo a elas por encomendas, ele ia, aos poucos, fazendo seu pé de meia.

Todavia, com o passar dos tempos, devido a muitas reticências nos pagamentos, ele resolveu adotar uma tabela de preços conforme a importância e a responsabilidade do assunto. Afinal de contas – dizia ele – as sabenças já andavam pela hora da morte. Entretanto, conforme o montante do relato, ele nunca fazia questão de dar um dois parágrafos de lambugem aos que gostavam de pechinchar os valimentos da Gramática.

Embora estivesse sempre a propalar não houvesse tido mestre-escola que lhe fornecesse leituras, gostava de se gabar o Querubino:

– Posso inté não ser doutor formado; mas pissuio o taio da letra, indese a cumiera do “A” inté a furquia do pissilone!

E não ficava só nisso o portento; além de possuir o talhe da letra, sempre era chamado a decifrar as mais intrincadas grafias, prestando, inclusive, grandes ajudas ao Nonô Paixão que, vez por outra, ao se ver embaraçado com alguma receita médica, submetia-a à sua champolionice.

E foi justamente por causa de uma dessas interpretações que, certa vez, o boticário, muito a contragosto, andou ministrando boa dosagem de Detefon Líquido ao velho Nicanor Badoque, o qual, embora tivesse ficado bom do reumatismo, acabou contraindo uma tosse de cachorro que não houve doutor que desse jeito.

Assim, ia vivendo o escriba do arraial, singrando, por entre pontos e vírgulas, a vasta esteira das ortografias num oceano de escabrosas confidências, das quais, por força de seu ofício, ele se fazia depositário.

E foi, também, por causa disso, que, numa tarde, entrou-lhe, casa adentro, o fazendeiro Janjão Navega, relampeando pelo assoalho as rosetas das esporas. Trazia, para ser decifrada, uma carta do coronel Quinquim Prates, exagerado latifundiário, que morava a alguns cabos de foice distante dali; para melhor dizer, na Pedra da Coruja.

Bonifrates nem precisou tomar conhecimento de todo o conteúdo, para constatar que se tratava de uma missiva portadora de tristes novas: era uma comunicação do Coronel a respeito do rompimento do noivado de sua filha com o filho do Janjão.

Nada, portanto, mais desagradável – pensou o Bonifrates. – Dar esta notícia ao Janjão talvez não fosse de bom juízo, pois já corria, à boca miúda, o boato de que o fazendeiro andava com um pé na cova, motivado pelos petequieios do coração.

Por isso mesmo, enquanto procurava uma saída, sem ter o que dizer ao fazendeiro, o homem das escritas lia e relia a carta em voz baixa, ao passo que o Janjão, sem lhe tirar os olhos de cima, acompanhava, com aguda curiosidade, os movimentos de seus lábios. Finalmente, depois de dar muito trato aos miolos, entendeu Bonifrates que, talvez,

algum fato rotineiro nos negócios do Navega não lhe trouxesse grandes abalos. E resolveu arriscar uma cartada:

– Tem o senhor algum negócio de bovinos com o coronel Quinquim Prates?

– Quer dizer... tenho e não tenho – respondeu o Janjão. – Mais é trato das partes dele mandar pra mim, ainda esta semana, uma novilha holandesa que lhe comprei dele inhante de nascer.

Safou-se o Bonifrates, bendizendo, intimamente, a coincidência:

– Pois é; ele lhe manda pedir-lhe muitas desculpas, mas foi obrigado a negociar a dita cria e pede-lhe para o senhor esperar por outra barrigada.

– Só se for da vó dele! – guinchou o fazendeiro. – Um tratante é o que ele é. Cá, por mim, acabou-se as consideração. E, por via da má conduta, vou mandar resposta no ato. – E pediu ao Bonifrates para fazer uma carta especial e que não fossem poupados os convenientes impropérios.

– Um minutim só, seu Janjão... Dá um taime...

– Dá o quê ?

– É... é. Dá um tempo. Plise.

– Cê tá de fidalguia comigo, xujeito.

– Nada disso, seu Janjão. Só lhe peço um pouco de tempo.

Janjão estava fulo: – que tempo? O sinhô sab'o quê covô falá? sab'o quê? Sab'o quê? Num sabe. Essa é muito boa ! – E, todo posudo, pegou um jornal e passou a folheá-lo ao acaso.

O escriba observou:

– O senhor está olhando o jornal de cabeça para baixo, seu Janjão;

– Eu sei – respondeu ele. – Eu tô vendo. Eu já tô injuado de lê de cabeça parriba; agora só vou lê de cabeça pra baixo. Algum probrema?

– Em abissoluto, senhor. Teje à vontade – sorriu o Bonifrates. – Isquíus-me ... Pliss...

– Já vem patacuada outra vez! Não posso perder tempo.

Bonifrates não esperava por aquela reação. Titubeou e, antes de tomar a iniciativa da resposta, ponderou que correspondências daquela natureza eram omissas em sua tabela de preços.

Lembrou-se, então, o Navega, de que o escriba, segundo diziam, possuía o mais farto e variado vocabulário daquelas grimpas: Balaia-das e mais balaia-das de palavras de todos os calibres e para todos os gostos e desgostos. Por isso mesmo, ele embarcou na deixa da providencial lembrança:

– M'informaro que o sinhô pissui a maió manada de broncabularo da região. Dexo de saber o preço do desagravo. Pode sapecar broncabularo aí na carta; folga a pena aí no papel, porque o que eu tenho pra dizer não vai acabar agora. – E bufando como fole descalibrado, pôs-se a ditar o conteúdo do laudatório: – quero mostrar pr' aquele cachorro de ispora ...

Bonifrates, para ganhar tempo, viu-se obrigado a dar uma versão completamente oposta à deflagração dos vitupérios, limitando-se, apenas, a narrar as lamúrias de Janjão pela perda do ex-futuro parentesco, com o rompimento do noivado de seus filhos. Nada mais além disso, visto que o vocabulário exigido pelo Janjão poderia comprometer, seriamente, sua integridade física e a reputação do seu ofício, já bastante comprometidas àquelas alturas. E, pela primeira vez, viu-se-lhe fugir o “taio da letra”. Terminada, porém, a encomenda, fez os seus cálculos e deu o preço ao fazendeiro. Este, por sua vez, depois de examinar a carta, com ares de entendedor, pediu ao escriba que colocasse mais uns pontos de indignação, para arredondar a conta.

– Pontos-de-indignação!? Não conheço, seu Janjão – gaguejou o Bonifrates.

O fazendeiro olhou-o bem no fundo de sua ignorância e lascou sabenças em cima dele:

– Não conhece? É aquele que parece um anzol! Aprendeu agora? – pagou a conta e saiu, rápido nas esporas. E já tinha posto um pé na porta da saída, quando o escriba se lembrou de dar-lhe um tira-gosto do seu bom Francês:

– Ao revoar, merciê. Nerci bocu!

– É o seu, seu filho da puta! – retrucou o fazendeiro, acabando de desaparecer na porta da rua.

Dias depois, o coronel Quinquim dava com as botas no arraial. Viera pedir desculpas ao Janjão pelo impensado comportamento da filha, que se achava arrependida e disposta a reatar o noivado com o rapaz. Mas, antes de dizer ao que vinha, foi violentamente repellido pelo fazendeiro:

– Não tem mais-mais “seu” coronel! Eu sou home de uma só palavra. E o sénhô trupicô nos trato cumigo! Pisou no quiabo!

– Não é bem assim-assim – respondeu, mansamente, o coronel – O senhor deve compreender e perdoar. Ela ainda está muito nova e...

– Nova?! – guinchou o Navega. – Pois do nosso trato pra cá, cujo tô lembrado, já era tempo pra ela tê mojado de duas ou três barrigada!

Aí, a coisa se complicou; o coronel perdeu a diplomacia e rebateu em linguagem de clavinote:

– Dobra a língua, “seu” filho... “daquilo” que eu não costumo dizer. Vê como fala de minha filha. Olha que eu não sou você!

– Epa-lá! – estrilou o Janjão. – “Você”, não! “Você” é cachorro!

Nisso, acabava de chegar um vaqueiro do coronel, trazendo, com todo o cuidado, a novilha “Mimosa”, presa na ponta de uma corda.

– Sua filha? Aquela ali? – indagou o Navega, apontando na direção da novilha. – Ora, ora! Seu Coronel! – debochou ele. – Era só o que lhe faltava: pai de vaca. Essa não!

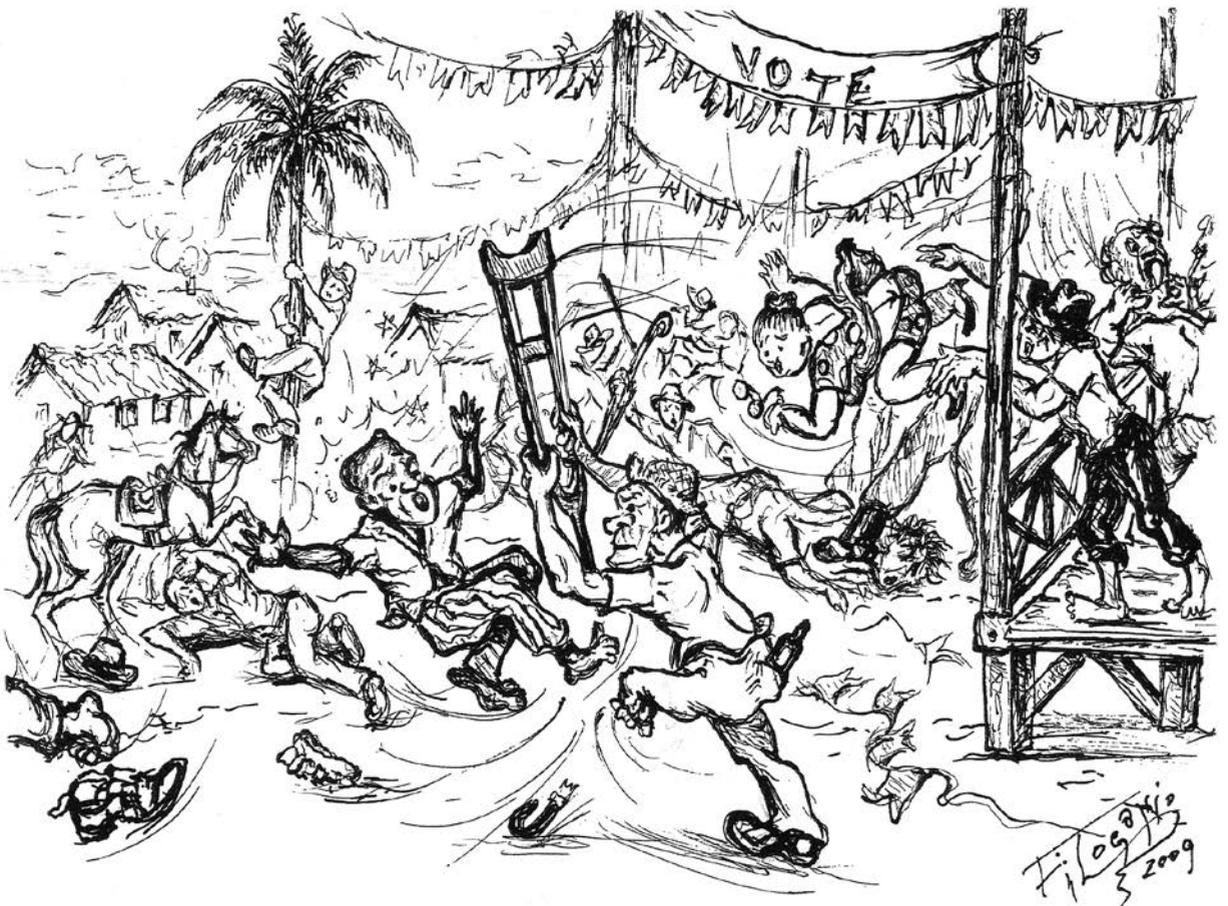
Foi a vez do coronel se encalacrar. E só não chegaram às vias de fato, graças à interferência dos compadres “deixa-disso”. E foi com muito custo que os dois conseguiram atinar com a origem do mal-entendido; após o quê, dirigiram-se à casa do Bonifrates. Então, muita gente viu sair pelas portas, janelas e chaminé do escriba um disparate de botinas, ceroulas, dentaduras, resmas de papel, mataborrão, almanaques e alfarábios, seguidos de um cacho de vírgulas, pontos-de-alucinação e, no canhoneio dos “broncabularos” uma fieira de metáforas, tendo, ainda, na rabada, o próprio Bonifrates, que aterrissou a vinte e sete braças dali, justamente na porta do boticário, Nono Paixão, que foi logo dizendo:

– Chi!!! Menino! Se lascou-se! Não lhe estou negando socorro. Mas não tenho recurso nem para soletrar a natureza dessas mazeulas,

quanto mais fazer a terapia. Bom tu ir, depressa, procurar um consultório de doutor formado, antes que isso ingrangrene, e tu fica por aí, pior do que cachorro impistiado. E tu ainda vai precisar de muita sorte e não ter de amputar essa orelha pra se livrar dessa dobradiça cujo eu não sei como foi aí parar atarraxada nesses dois parafusos. Sa... cra... men... ta!

Bonifrates aceitou o conselho e saiu soltando reticências no caminho, até desaparecer no “pissilone” de uma encruzilhada.

o demagogo



Chamava-se Incoerência Pigmalião da Rosa e era filho da gloriosa Vila das Lagoas Verdes, bucólico lugarejo pelo qual ele nutria umbilical afeição. Já nos primeiros albores do entendimento, começou a se preocupar com as coisas do lugar, principalmente com a valentia e a prepotência de um tal Chico Tinoco, que, dia a dia, tornava-se senhor de vastos filés de terra, rapinados à paisagem pública.

Agora, o destino os colocava frente a frente, em demanda da ve-reança pelo pacífico distrito que, em épocas de eleições, transformava-se em caixa de marimbondos.

Incoerência, que nunca se houvera metido em disputas políticas, tornara-se tão demagogo que, para garantir a sua eleição, resolvera contratar algumas cacetadas por conta do partido adversário, a fim de dobrar, pela compaixão, a irredutível massa eleitoreira que, a troco de alguns contos de réis, havia aderido às cores do Chico Tinoco.

E foi com a mais pura das intenções que, certa noite, ele saiu às ruas a provocar o eleitorado do papa-terras. Tanto falou, tanto provocou que acabou tocando os melindres de um tal Genebrino Dias, vaqueiro do Tinoco, o qual, sem medir os megatons do peso de seu braço, deixou que aquele feixe de músculos desabasse, sem piedade, em cima da incoerente pessoa do desavisado. Isso, para não falar da retumbante surra que, de quebra, lhe foi aplicada.

O Pigmalião não esperava tanto. Calculava que receberia uma escovadela mais suave; coisa assim da ordem de meia dúzia de pescoções.

Aquilo que recebera foi dose pra zebu! Entretanto, juntou os cacos de sua candidatura e, naquela mesma noite, dirigiu-se à casa de um certo Fofó Lucas e propôs-lhe alugar, por algumas horas, uma velha muleta que o dito ostentava pendurada em sua parede, como preciosa relíquia; mas, agora, por motivo de um acidente, ele a estava usando. Não era, portanto, uma peça comum, afirmava o seu dono. Ele a herdara do seu avô, ex-desertor-sobrevivente das fileiras de Antônio Conselheiro.

Portanto, uma muleta histórica, madeira de lei, toda incrustada de chumbo grosso das escaramuças de Canudos.

Com muita relutância da parte do Fofó, Incoerência conseguiu o seu intento, com a promessa de que, se eleito fosse, transformaria a casa do capenga em museu, talvez o único no mundo; museu com uma só peça, onde todos pagariam justo ingresso para ver a preciosa muleta. Ao se retirar, ele ainda deixou duas garrafas de cana para o entretenimento do Fofó, o qual, privado do seu espeque locomotor, seria obrigado a ficar em casa até o final do comício da noite seguinte.

E foi quando as ruas se achavam apinhadas de gente que surgiu aquele espantalho andante:

Braço na tipoia, cabeça enfaixada, cara rebocada de esparadrapo, esbarrancado sobre a muleta de jacarandá baiano, Incoerência Pigmalião, o mártir de Lagoas Verdes, dirigiu-se ao palanque do adversário Chico Tinoco, com a intenção de provocar a compaixão do eleitorado presente, e, conseqüentemente, receber uma estrondosa votação como recompensa da eclética surra que acabara de levar.

Aconteceu, porém, que o Tinoco não estava disposto a tolerar aquela incoerência e mandou que os seus eleitores afastassem dali o incômodo rival.

Foi a pedrada na caixa de marimbondos. Em segundos, a pracinha se transformou em campo de batalha, cuja luta se tornara bastante desvantajosa para o Incoerência que apenas tinha, em seu favor, uma pequena minoria.

Quando, no meio do bafafá, alguém pisou na muleta que havia caído, o Fofó Lucas, que a essas alturas já havia queimado todo o car-

vão de cana, o que lhe dera forças para se arrastar até ali, subiu nas tamancas, bradando contra aquele desrespeito, pois a dita muleta, sendo madeira de lei, no seu entender, não podia ser ofendida, o que seria muito agravo à pessoa do doutor Rui Barbosa, seu ilustre conterrâneo.

Depois de muita pancadaria, no respaldo da confusão, aplicaram uma muletada tão economicamente correta no frontispício de um tal de Tião Cebola que o dito, ao ver tanta estrela, ficou meio abobalhado e começou a dizer que estavam debulhando milho pra gambá sem banguçar o milharal.

Assim que tudo serenou, procedeu-se à procura dos pertences, quando várias dentaduras foram trocadas, com muitos eleitores usando os dentes da oposição, ficando a grande surpresa da noite por conta do português, Joaquim Galo, que, ao procurar um pé de seu tamanco, acabou encontrando um retrato de Camões, todo amarrotado entre as armas e os brigões assinalados na ocidental plaga lagoense.

O saldo de tudo isso foi que o impossível aconteceu: um epidêmico desencargo de consciência se alastrou sobre o generoso povo do lugar, e o esparadrapado Pigmalião da Rosa recebeu o justo prêmio: Nunca um candidato tão desmuletado e apanhado foi tão vitorioso: quatrocentos e noventa e nove votos a favor e apenas “um” contra.

Sua alegria não tinha medida; mas, uma dúvida terrível alfinetava-lhe os miolos: quem não teria votado nele?

O retrato da onça



Sempre que transitava pelas bandas de Ronco dos Montes, Grassuíno Bertioga, que era fotógrafo ambulante, aproveitava para chegar até à fazenda do velho Escapulião de Araújo, senhor de grossas pecúnias, oriundas do cruzamento de zebu com búfalo de Marajó, sendo, portanto, o fazendeiro mais rico daqueles lados.

Grassuíno, cuja visita era sempre festejada, passava, às vezes, semanas inteiras por ali, embeijado que estava pela menina Idelfúzia, filha única do dono da casa e que já via no “artista” o seu perpétuo bem-querer. Tamanha era a afeição que ela nutria pelo Grassuíno que, a cabo de algum tempo, optou por dispensar-lhe um tratamento mais afetivo, anulando-lhe o nome de batismo, passando a tratá-lo, docemente por “Suíno”, o que no íntimo, não deixava de enlamear os brios do Bertioga, que, afinal, acabou se acostumando com o novo nome, devido, talvez, à doçura com que a Idelfúzia o pronunciava:

– Suíno! Suíno! Meu amor! Suíno! Oh! Que belo!

E era magnetizado por tais agrados, associados ao dote da dita menina, que ele se deixava ficar na tranquilidade de Ronco-dos-Montes.

Mas aconteceu que, dessa vez, o sossego e a paz do lugar estavam seriamente ameaçados. Disso se inteirou ele ao entrar na casa do velho Escapulião, que o pôs a par das ocorrências:

Uma enorme onça-pintada estava promovendo as maiores disorders pelas redondezas, esvaziando currais e chiqueiros nos dias de semana, só atacando galinheiros aos domingos, o que levava muita

gente a supor que se tratava de uma onça muito “luxenta”, cujo cardápio semanal era eclético e bastante organizado, visto que a dita também tinha o seu dia certo para comer frango.

A desabusada não tardaria a aparecer por ali – assegurava o fazendeiro que, a essas alturas, já havia transformado sua casa em arsenal de recepção, uma vez que a sua idade e saúde não lhe permitiam dividir caminho com a pintada.

Grassuíno a tudo ouvia, gelado e estarecido, sem se arriscar a dizer uma só palavra, receoso de cometer imprudência, oferecendo algum préstimo. Vai daí que, em termos de onça, a conversa já ia para lá de muitos despropósitos, quando a Idelfúzia saiu com este disparate:

– Suíno, você já tirou retrato de onça?

Grassuíno pigarreou ante a incômoda pergunta; contudo, afiançou que já havia fotografado muita gente pior que onça; mas onça, que se diz “onça” mesmo, ao vivo, ainda não.

E, temendo alguma sugestão inconveniente, tentou mudar os rumos da conversa.

Escapulião, que se mostrara interessado pela pergunta da filha e pela resposta que lhe foi dada, encheu-se de entusiasmo e entendeu que seria de grande repercussão umas poses bem caprichadas do famigerado felino. E a oportunidade, “ao vivo”, estava aí mesmo com o focinho no cano de sua espingarda; do que, então, se aproveitou para sugerir ao Bertioga que fizesse algumas fotografias da bicha, antes que ele, Escapulião, lhe estragasse o couro.

Bertioga tentou tirar a máquina de foco, dizendo que talvez não compensasse; podia ser uma onça velhaca, e as chapas que ele trazia já estavam todas comprometidas com outros fregueses.

O fazendeiro discordou de tal desculpa e, pondo-se de pé, diante do trêmulo fotógrafo, esfregando-lhe no nariz o seu dedão catiando a fumo de rolo, intimou:

– Então, meu patriota, ou você é retratista, ou deixa de ser! Não é com essas pantomimas que o senhor vem pra cá engambelar a minha filha? Ou tira o retrato da onça ou cai fora!

Grassuíno tremia e gaguejava, refugando àquela inopinada agressão ao seu respeitável apêndice nasal, enquanto a Idelfúzia, de joelhos, implorava clemência para o namorado:

– Pel’amor de Deus, pai! A onça vai comer o Suíno! Vai comer!

Bertioga, reacendendo-se de brios, decidiu que iria fotografar o animal, bastando, para isso, que lhe dessem arma e munição para alguma emergência.

Ressalvou, ainda, que as fotos seriam todas de perfil, justificando que, embora não fosse supersticioso, nunca deixara de acreditar que fotografar onça “de frente” sempre trazia certo tipo de azar, conforme credence de seus antepassados; e, também, mesmo porque podia não ser uma onça fotogênica como todos os de sua espécie, mormente, fora da jaula. Portanto, seria contraproducente perder todo o seu trabalho em risco de pouco valia.

Visto que a pintada só aparecia à noite, ocasião imprópria para a sua máquina, desprovida dos modernos recursos, Bertioga não encontrou outra saída, senão partir à procura do animal, a fim de fotografá-lo à luz do dia, onde quer que o encontrasse.

Assim foi que, numa certa manhã, de espingarda, polvorinho e máquina fotográfica a tiracolo, escanchou-se sobre o lombo de seu cavalo e enveredou-se mato adentro, onde teria seu encontro formal com a fera de Ronco dos Montes.

Passaram-se muitas horas sem que o menor ruído anunciasse a presença do felino. Bertioga, que já se achava bastante cansado, parou numa clareira, amarrou o cavalo e, recostando-se num velho tronco caído, optou por tirar uma pestana. Já estava para se entregar aos braços de Morfeu, quando, subitamente, quebrando mato e soltando trovões pelos canais competentes, a onça surgiu no meio da clareira. Bertioga, apavorado, ainda encontrou tempo para disparar a sua máquina; só não foi feliz ao apontar a espingarda; falhou na pontaria e acabou decependo com um tiro a orelha de seu cavalo. Agora, já não havia mais tempo para recarregar a arma; o seu fim chegara – pensou ele – ao sentir o hálito do felino. De repente, numa espécie de anestesia, a floresta rodou, e tudo escureceu.

A onça já havia aplicado sua bofetada narcotizante, mas, por ser muito exigente, não lhe deu mais atenção. Não era aquele o seu prato do dia. Se fosse uma segunda... Todavia, era uma quarta-feira, dia de comer cavalo. Por isso, atravessou o animal nas mandíbulas e desapareceu com ele, mato adentro.

Horas depois, Grassuíno, ainda um tanto atordoado, recolheria sua máquina fotográfica que não soube como ficara pendurada numa casa de João-de-barro; mais adiante, catou, também, a orelha de seu cavalo, mais fácil de carregar que os muitos ossos e pelancas semeados por quase uma légua de mata cerrada, peças estas que lhe foram fundamentais para esclarecimento dos fatos. Mais que depressa, ele se dirigiu à casa do fazendeiro e prestou-lhe contas de sua missão e, sem mais delongas, partiu para a cidade a fim de revelar a fotografia da pintada com que iria presentear o futuro sogro.

Mas, no silêncio do seu laboratório, verificou assombrado: um perfeito retrato de seu saudoso cavalo ao tempo em que ainda era montaria e possuía as duas orelhas. A onça havia não só liquidado o seu querido pangaré, como também o seu sonho de futuro criador de “zebúfalos”. Não voltou mais a Ronco dos Montes, é claro. Mas tomou a seguinte decisão, da qual deu ciência a toda a sua clientela:

– Por dinheiro nenhum deste mundo eu tiro mais retrato de onça viva; e nem de gente “viva”, é lógico. Daqui por diante, meu negócio é só reportagem mortuária: missas de corpo presente, enterros, vítimas de desastre e outros morticínios correlatos, além dos tranquilos defuntos a domicílio. O importante é que o descansado tenha sua defunção garantida e legalmente comprovada pelo competente atestado de óbito. Na falta dele, até posso concordar com a encomenda, se eu assistir à descida do caixão na sepultura; assim mesmo se já estiver pendurado pelas duas cordas. Fora disso... Nada feito!

Um fantasma no guarda-roupa



Já era alta madrugada. Segundo velho costume, com vários “Kilohertz” de cachaça nas antenas, o aposentado Acacibas Feijó sintonizou o caminho de volta para casa.

Adentrando recinto escuro e, por não ser mais hora de cadeira estar em seu caminho, andou derrubando algumas, bem como pulverizando várias louças e cristais.

O rebuliço foi a conta para que se abrisse uma porta de guarda-roupa, de onde, um tremendo fantasma, envolto num lençol, se lançasse, atabalhoadamente, sobre ele, e, pegando janela fora de trinco, mergulhasse na escuridão do terreiro.

O fato, como não poderia deixar de ser, agitou o vilarejo, que dormia, plácido e sereno nos cálidos braços de Morfeu.

– Socorro! – berrava o Acacibas. – Acode, acode! E acorde todo mundo! Acorde! Fantasma no arraial! – E, após percorrer, com sua estapafúrdia gritaria, todos os recantos, becos e vielas do lugarejo, ele se viu encurralado no meio da pracinha, onde todos queriam se inteirar do ocorrido.

– Fantasma lá em casa! – afirmava ele. – Bicho parrudo e bem criado!

– Adondé qui tá ele? – adiantou-se um tal de Necromédio Silva, ajeitando o gatilho de uma espingarda.

– Cadê o bicho?

– Fugiu – respondeu, trêmulo, o pinguço.

Alguns acharam graça:

– “Vortô de vorta pro canavial!”

– “É o fantasma da cachaça!”

– “Como foi isso, intonce?”

E o Acacibas, soluçante: – Pois é... Eu tava indese desde cedo na vendinha do meu amigo Prexeca, cumprindo os meus costume, sem nenhuma maquerença. E só condo cheguei em casa, foi que assucedeu o assucedido: um cepa! Um bitelo de fantasma!

A curiosidade dos presentes se diversificou quando Acacibas disse que o dito-cujo havia saído do guarda-roupa:

– “Epa!” – pensou um maldizente. – Tem jacutinga nessa moita!

– “Tava composto ou tava pelado?”

– “Vistia palitô? Tinha gravata?”

– “O quê?! Inrolado só num lençol?”

– “Cruz! É rasga-mortaia!”

– “Ô alma depenada!”

– “T’scunjuro, trem!”

– “Se fô vivente, nós pega ele!”

Foi então que o farmacêutico, Claudiosbofélio Sales, o mais ponderado do grupo, resolveu dissolver a assembleia de rua. Concitou todos os corajosos presentes a se dirigirem, com ele, até a casa do Acacibas, onde o fenômeno seria deslindado. Mulheres e crianças permaneceriam em casa, de janelas e portas fechadas.

O sacristão, Fifi Belém correu até a capela, de onde trouxe, além de uma garrafa de água benta, boa quantidade de tocos de vela, distribuindo-os para que todos se pusessem em oração contra a inquietante presença do emissário do além.

Rocambolizado pela multidão que o arrastava para dentro de casa, Acacibas Feijó ainda esguichava cachaça pelas orelhas, quando sua mulher, Jurismênia, chorosa e em desespero, caiu aos seus pés:

– Caciba! Caciba! – lamuriava ela. – Ôia só no qui deu ocê mim dexá sozinha, aqui, nos pirdido da noite. Eu te avisei, Caciba! Eu te avisei!

Apesar dos faniquitos da mulher e das afirmativas do marido, vistorias, buscas e batidas foram feitas, dentro e fora da casa; mas nada que pudesse encucar os presentes fora encontrado, a não ser os fartos servidos da Jurismênia, tremendo como pudim fresco sob a transparente e econômica camisola de dormir.

Foi um delírio! Silencioso, mas foi. Todos procuraram se aproximar dela, oferecendo préstimos. Foi quando, então, um tal de Aristrombetino Dedo-Duro mergulhou debaixo da cama do casal e bateu com o foco da lanterna bem em cima de uma carteira de identidade de um alemão nazista.

Adiantou-se, então, o farmacêutico Claudiosbosfélio Sales que, cheio de champolionices, examinou o documento, a todos confirmando sua procedência:

– Mistério há, não resta dúvida, já que se trata de espécime volátil, incomodativo. Senão, vejamos. – continuou ele: – primeiro; a começar pelo nome, que é bastante complicado. Nem vou ler. Segundo; como veio isso parar aqui? Terceiro; a guerra acabou há muitos anos e, ao que tomei ciência, nenhum alemão nazista conseguiu escapar. Morreram todos. O dono deste documento, portanto...

– É aí que a porca torce o rabo – interrompeu o coveiro, Oscaveirino Cruz, cômico de sua responsabilidade profissional.

– Portanto... – continuou o farmacêutico. – Como dizia eu: Defunto qualificado!

Dona Jurismênia, que já entrava na terceira crise de xiliques, não perdeu a deixa:

– Eu sabia! Só pode sê isso mesmo. Alma sofrida de fantasma alemão. Vamo descarregá essa casa! – E pediu ao pembeiro Romão Cachimbaço que fizesse baixar, ali mesmo, o caboclo Jerimum, entidade especializada em fazer desocupar do beco todo tipo de fantasma indesejável.

O pembeiro aquiesceu. Estalou as pontas dos dedos, descarregou toda a fumaça do cachimbo, fungou, sapateou, bodejou e entrou em transe.

Aí, todo mundo sapateou e bodejou em volta da Jurismênia; destaque para a perfeição dos bodejos do farmacêutico Claudiosbofélio Sales, o qual, após devorar duas espigas de milho seco com sabugo e tudo, atracou-se com a dona da casa cujas carnes tremiam, suculentas, sob a transparência das vestes sensuais, chamariz muito apreciado por certos tipos de fantasmas.

Tão alucinantes foram os molejamentos da mulher que o sisudo Istrondivaldo Coelho, maestro da bandinha local, diante de tanta fartura desperdiçada, pensou em sugerir um plantão noturno na casa do Acacibas, onde todos os corajosos do lugar participariam, em revezamentos solidário, enquanto o pingüço varava suas noitadas no buteco do tal Prexeca.

E foi desnuviando sua miopia nos salutarees servidos da dita Jurismênia que o dito Istrondivaldo cochichou seu pensar na concha da orelha esquerda de um tal de Peixotão, açougueiro de bovinos, suínos, ovinos, caprinos, galináceos e até equinos e muares, se preciso fosse.

O cortador de carnes, se ouviu, fez que não escutou. Saiu para um canto, deixando o maestro com cara de goiamum comendo goiaba.

Findos os exorcismos, esconjuros e rezas brabas, todos se retiraram; cada qual com a mente mais poluída que cada qual.

Os atributos secretos da Jurismênia, e que já não eram mais tão secretos, não ficariam apenas sob proteção diáfana da provocante camisola de dormir. Estavam, agora, na cabeça de todos.

Assim foi que, decorridos alguns dias, Acacibas Feijó voltaria a ancorar no balcão do seu amigo Prexeca.

– Anda sumido, Caciba.

– Te conto nada, Prexeca! – disse ele, num lamento, após quebrar o jejum etílico. – Depois daquele fizuê lá em casa, toda vez qui eu vortava, im horas pirdida, dei de topar com maió discabimento de fantasma saindo di avuado na janela de meu quarto. Uma fantasmaria surtida, amigo Prexeca! De todo tamãe e calibre; cada noite, um defere-rente. Tudo saindo do guarda-roupa! E a pobre de minha muié, sempre reclamosa: – “Caciba, Caciba! Toma providença. Dispois...

– Mais os tal fantasma continua vortando em sua casa? – Quis saber o amigo.

Acacibas coçou o queixo, tomou mais uma, fez uma careta e respondeu:

– É... é. Quer dizer, vorta e num vorta. Mais piorô. De entonces, deu de paricê pur lá a maió currumaça de pertence de uso vivente: um dia, os óclio do maestre; n’outrodia, a pexera do Pexotão do açougue, mode num isquecê de três dente de ouro, xujo de terra do sumitério, dentro de uma caixa de fosfo; também, pra num falar dos dois parafuso da perna pustiça do Zé-Meiota im riba da pintiadera. Pra incurtá assunto, fora o cachimbo do Romão Cachimbaço dibaixo do trabissero, até uma cuecona xadrês que, pelos conforme das midida, tinha tudo de vê cum a barriga do turco Chaim Rabichim do Bazar Chaim. Mas isso num vem nos causo. A gente só pode falar o que os zóio vê! Mais minha muié, coitada! – Qui é muié muito digue, mandou eu devorvê tudo. Acha ela qui eles isqueceu tudo aquilo lá im casa,na noite do fizuê.

– E ocê adevorveu, Caciba?

– Devorvi. Eles até mim agradecerero.

– Melhor assim – tornou o outro. – Omeno num fica dúvida.

Acacibas acabava de engolir mais “uma”. Bateu, firme, com o fundo do copo no balcão e estrilou:

– Epa lá! Pode até num ficá duda. Mais qui eu ando acismado, ainda ando.

– Caciba...

– Mais só com um sujeitim ordinario, qui tá zanzando pur aí: O tal de Nozico – Toco de Charuto, aquele anãozim invocado do circo Fura-Mundo, qui ta armado lá na ponta do aterro da rua de Baixo.

– Tem certeza, Caciba?

– Outro num pode sê, amigo Prexeca. Naniquito qui era, outro num tem do mesmo calibre pur esses lado. Sunta só; iscuta só essa: bota arreparo no que eu vou contar: ontem para amanhacer hoje, por volta das tanta, já em horas morta, entrei em casa e vi barui suspeito;

garrei a tranca da porta e abri o guarda-roupa, já na malícia de pranchá no mêi quem lá dento tivesse. Pois num é qui o inscomungado do nani-co nem mim deu tempo de descê a lenha? Quiném um buscapé azogado, ele passou no mêi de minhas perna e, tão apavorado qui tava, pur farta do competente lençol, s'inrolou num pano de prato e, no avuado qui deu, quando travessou a janela, paricia até um eroprane teco-teco cum asinha de guardanapo!

O vendeiro achou graça e abriu nova garrafa: – Vai desta?

– Boa pidida, amigo Prexeca! Essa é da boa. “Pinga do Quilombo”, cada gole, um tombo.

Assim que o Prexeca acabou de lhe servir mais “uma” ele sentenciou:

– É... mais ele num vai aposá muito longe daqui não. Vai nada. Aí, mode eu num ficar má-interpreltado, eu tiro meus partícular cum ele. Quero só vê se ele agarante o parmo de pano das carça que veste.

– E, já se preparando para sair: – Eu pego ele! Vô pegar aquele perna-escondida! Sorte dele qui eu num posso aburrecê nas quarta-feira!

– Caciba! – Tentou corrigir o Prexeca. – Mas hoje é quinta.

– Sei, Prexeca... sei. Eu num podia aburrecê onte, mais hoje eu posso. Lascou-se aquele fi duma... até mais vê, Prexeca.

– Péra aí, Caciba! Péra aí! – Acercou-se o amigo, impedindo sua retirada. – Mas o anãozinho Toco-de-Charuto acaba de passar por aqui, agora mesmo. Foi por ali, para os lados do circo. E você vai por aqui?

– Claro! – respondeu, meloso, o pinguço – Nas vorta qui o mundo dá, eu vô atopá cum ele de frente. Tá lascado! Pode crê, amigo Prexeca; e se você vê passando por aqui, no caminho do sumintério, um difuntico de bigode dentro de uma caixa de sapato, pode sabê que é obra minnha. Se lascou-se!

E, cercando frangos, seguiu o rumo contrário.

O enxoval da noiva



Foi em águas grossas de enchente pesada que o temerário Jericó de Almeida atravessou o velho riacho numa canoa abarrotada de três andares de mercadorias finas, a fim de emprateirá-las na praça de Rio Seco, onde instalaria, por algum tempo, a sua barraca especializada em artigos para moças casadeiras.

Era este o seu ramo de negócio: enxoval completo para o civil, religioso e “duvidoso”, se preciso fosse. Bom de falares, como deve convir a todo bom comerciante, Jericó de Almeida não teve, como sempre, nenhuma dificuldade em colocar os seus produtos. Do penico à panela de pressão e das roupas de baixo às vestes de cima, ele arrasava, com desumana liquidação, os aflitos negociantes do lugar, que, a essas alturas, já entregavam duplicatas a Santo Expedito, a fim de que fosse sanada aquela monstruosa concorrência.

Enquanto isso, o varejo e o atacado evaporavam-se na barraca do Jericó. E, tanto ele mexeu e vendeu que, entre meia dúzia de grampos para cabelo e um vidro de água-de-cheiro, acabou faturando os sentimentos da menina Cartiléia, cujo nome embora atropelasse a designação científica das mais belas orquídeas da flora mundial, também não impedia que ela se empacotasse de agrados por ele, tornando-se, conseqüentemente, sua maior freguesa. Comprou-lhe, inclusive, além da metade do estoque, um fogão a gás, o primeiro a entrar na paróquia.

Foi, em parte, a salvação do comércio de Rio Seco. Dentro de poucos dias, o Jericó dobrava o seu “estabelecimento” e o enfiava numa velha arca, deixando, ao relento, as prateleiras vazias.

Porém, ainda não era o momento de deixar Rio Seco. O interesse que lhe despertara a menina Cartiléia obrigava-o a mais alguns pernoites por ali.

Visto que também desentupia trombone nas horas vagas, ingressou na bandinha local, o que lhe garantiu tranquila permanência no lugar, do que então se aproveitou para firmar entendimentos com a menina científica.

Cartiléia, que se encontrava descompromissada de véu e grinalda, viu-se-lhe desanuviar a oportunidade para colocar flores de laranjeira nos cabelos; encheu-se de namoricos com o Jericó e, em pouco tempo, já estava ostentando argola de ouro no anular da mão direita, com promessa de se casarem no atravessar daquele calendário.

E foi com a mais viva emoção da dita menina que o Jericó alugou casa de moradia e sugeriu que os pertences da noiva fossem ali armazenados, a fim de se evitarem atropelos de última hora. Assim foi feito. O enxoval foi transportado para a futura residência do casal, ficando as chaves em poder do Jericó, que passou a dormir ali, onde montaria guarda ao precioso enxoval.

Azucrinando os tímpanos da vizinhança com o seu desalmado trombone, ele ia vencendo as vigílias na solidão do seu quarto, enquanto, em sua casa, a noiva, com os olhos fixos na parede, contemplava, com impaciência, a resma de papeletas que se ia desprendendo da folhinha sem que o noivo marcasse a data do casório.

Curioso era que, quanto mais aumentava a ansiedade da menina, mais desvanecia por ela o interesse de Jericó. Ultimamente, ele até havia deixado de frequentar a casa dela, onde tomava as refeições; alegava os mais deslavados pretextos, acusando, inclusive, um pobre gato que o mordera na batata da perna, só porque ele lhe pisara no rabo, que estava debaixo da mesa. Portanto, em casa onde tivesse gato, sistematicamente, ele não entraria mais.

Estava lavrada a condenação do bichano. Cartiléia, para salvar o seu amor, viu-se obrigada a sacrificar o seu felino de estimação, colocando-o dentro de um saco e atirando-o rio abaixo.

Ainda assim, não se satisfez o Jericó, que já estava possuído de outros pensares. Ficou por ali, mas não voltou mais à casa da noiva, encontrando-se com ela, apenas por vias casuais.

A menina já estava se definhando de magreza e, com ela, a folhinha da parede, sem que o grande dia chegasse. E não chegaria nunca, porque, ninguém viu como foi, mas o noivo havia desaparecido na calada da noite e, com ele, o pomposo enxoval da Catléia.

Jericó, o larápio romântico, aproveitando repiquete das cabeceiras, resolvera descer o riacho, a fim de incrementar o seu comércio em outras praças mais distantes, onde novos idílios continuariam a facilitar-lhe aquele ramo de negócio, que, de há muito, lhe vinha sendo favorável, tanto nas enchentes como nas vazantes.

o pregador



Aquela não era uma tarde comum em Cafarnaum-das-Paineiras, bucólica e generosa fatia de terras pertencente ao presbítero Zebedeu dos Silvares; e onde, desde muitos anos, se cultivavam, em gordos e bonançosos cachos, as vinhas da fé.

Sim; não era um dia igual aos outros; principalmente para os membros da Igreja, que agora se viam presenteados com a inesperada visita do pastor Sanfonias, o qual, segundo suas próprias palavras, encontrava-se em peregrinação, à cata de donativos para as missões.

Embora não se falassem em missões, naquela época do ano, Sanfonias foi efusivamente recebido pelos irmãos, que, inclusive, puseram-se a disputar o privilégio de hospedá-lo.

Agradecendo, amavelmente, a todos, frisou o visitante que os rigores da ética obrigavam-no a optar pela acolhida em casa do Zebedeu, já que a sua função dependia de estreitos relacionamentos com o presbítero, razão pela qual ele não podia distribuir a cada irmão uma fatia do seu convívio sob um mesmo teto.

Assim foi que, para júbilo do dono da casa, Sanfonias se viu confortavelmente instalado, tendo, ainda, à sua disposição, o solícito diácono Azarias Bonfim, um gorducho da cor de jaboticaba madura e de olhos mortiços como os de uma coruja sonolenta, o qual, desde sua chegada, já havia se prontificado em servi-lo no que preciso fosse.

Interessante era que tanto tinha de feio o danado do gorducho, como tinha de exigente e curioso em matéria das coisas da religião; tanto assim que a elasticidade dos seus saberes já havia se estendido

do Gênesis ao Apocalipse e vice-versa, sem falar nos livros apócrifos, por onde, também, já havia palmilhado a sua curiosidade.

Melhor companhia, portanto, não precisava o Sanfonias, que já via no Azarias um auxiliar além de suas expectativas, ao passo que o diácono, por sua vez, ia contendo, a custo, a ansiedade de mitigar sua sede bíblica no manancial evangélico do missionário.

Todavia, por mais que o Azarias insinuasse, por mais que cutucasse a erudição do viajante, este não abria a sanfona do saber. Enquanto isso, os irmãos espalhados pelas redondezas, eram convocados a virem prestar suas homenagens ao chegante, bem como se inteirarem das razões que o traziam a Cafarnaum.

Não demorou muito, o Sanfonias, enchicharrado na varanda do casarão, foi apresentado à massa humana que se comprimia no terreiro em frente.

Após ligeiro e convencional preâmbulo, ele concitou os irmãos a “afrouxarem os cordões de suas bolsas” em prol da magnânima campanha, acrescentando, ainda, que a falta de dinheiro poderia ser atenuada com objetos de real valor, desde que os mesmos fossem de cômodo transporte. Por fim, designando o diácono Azarias para a coleta dos donativos, ele se deu por muito satisfeito com a generosidade da congregação e prometeu que, no dia seguinte, antes da sua partida, estaria na igreja, em comunhão com os irmãos, quando, então, faria, solenemente, seus agradecimentos e suas despedidas.

Como resposta, uma descarga de fervor percorreu as instalações espirituais dos circunstantes, os quais, ali mesmo, no terreiro, entoaram em uníssono o hino “Chuva de Bençãos”.

No dia seguinte, desde as primeiras horas da manhã, grande multidão já burburinhava pelos caminhos que conduziam a Cafarnaum-das-Paineiras, enquanto que, por sua vez, o Azarias, cumprindo, rigorosamente, a sua missão, entrava nos aposentos do missionário, a fim de entregar-lhe os polpudos donativos.

Sanfonias ficou tão satisfeito que, ao abrir a mala para guardar o dinheiro, nem chegou a notar que um terrível impacto acabava de

aplicar uma pincelada de tintas pálidas no rosto abalachado do diácono.

Azarias, sem querer, tinha visto, adormecida, num compartimento da mala, uma garrafa em cujo rótulo identificou, de relance, a consagrada marca “Coice da Onça”, poderosa água forte, muito apreciada pelos usuários da região.

Nada, portanto, mais sintomático e condenável!

Entretanto, ele guardou silêncio e resolveu esperar pelo desencaixar dos acontecimentos.

O sol já havia se encarrapitado no teto do meridiano quando Sanfonias, acompanhado do presbítero Zebedeu, dispôs-se a se dirigir à igreja, que ficava a poucos passos dali. Todavia, por falta de espaço, mais da metade dos fiéis se encontrava fora do templo.

Sugeriu, então, o “pregador” que o pessoal fosse para o terreiro e, dali mesmo, da varanda, ele transmitiria sua mensagem.

Densa expectativa baixou sobre o ambiente. Uma das mãos grudada no parapeito da varanda, o “missionário” balançou o corpo, expeliu os primeiros odores de enghoca nos olfatos do Zebedeu e, pausadamente, começou a falar.

Azarias, que não tirava os olhos de cima dele, já não suportava os disparates iniciais. Por isso mesmo, ao ver fundamentadas as suas suspeitas, retirou-se para o interior da casa, enquanto o presbítero Zebedeu quase foi acometido de uma síncope, pois o “orador”, chegando brasa na palavra, ao citar a travessia do Mar-Vermelho, acabou trocando o nome do faraó Ramsés II pelo de Adolfo Hitler, o qual, além de jamais ter sido faraó, nada tinha a ver com “o peixe”, senão milênios depois do inusitado evento, aliás, em situação bastante parecida.

Nesse ínterim, o Azarias ia empreendendo a devassa nos aposentos do “pastor”. Ao abrir a mala da cachaça, quedou-se diante da garrafa vazia e de um farto sortimento de jóias de alto preço, encoberdas por grossos pacotes de dinheiro.

Bestificado com o que via, o diácono até poderia ter pensado que estivesse diante dos tesouros da Rainha de Sabá, se entre os objetos, ele

não tivesse encontrado um “pincenez” de ouro que pertencera ao avô do Zebedeu.

Enquanto isso, lá fora, num assomo de eloquência, o “orador” acabava de arrancar meio gradil da varanda e, aos berros, terminava o seu “sermão”, exortando a todos contra os perigos da heresia, citando, como exemplo, o triste fim de um certo Nabucodonosor, rei do Maranhão, o qual, por castigo, ficou de quatro pés e, pastando, morreu embuchado, após comer várias touceiras de capim na praça do mercado, em Juazeiro do Norte, mais precisamente na fronteira do estado do Piauí com uma tal de Babilônia, conforme suas viagens e conhecimentos geografiocos.

Concluindo, ele enalteceu a generosidade dos irmãos pelos poludos donativos, o que lhe propiciou o encaixe de mais uma esdrúxula citação: – “Pode apostar, meus irmãos! Aposto, que eu garanto! “É mais fácil um camelo véio, manco e zarôio entrar no reino do céu do que um rico miserento passar uma agulha num buraco do camelo”.

Rebuliço na varanda do Zebedeu! Enquanto providenciavam uma ambulância para o presbítero, o orador ainda tentava se explicar:

– Isto é... digo... o buraco furado da agulha do camelo. Aliás... é isso mesmo. Quero dizer...

Mas não disse; também, ele só não comeu capim pela raiz graças a interferência do diácono Azarias que conseguiu acalmar os lesados mais exaltados.

Entretanto, uma nova surpresa aguardava o “pregador”: ao tentar apanhar sua mala, que já estava na varanda, ele teve a impressão de que haviam colocado um elefante dentro dela, tal era o seu peso. Embora transpassado por cruel pressentimento, ele fez força, gemeu e não conseguiu levantar o pesado volume. Foi, então, ajudado pelo Azarias, que o tranquilizou, dizendo que aquilo nada mais era que o peso de uma penitência.

Assim, empurrado pelo “Coice-da-Onça”, com a mala cheia de paralelepípedos enterrada na cabeça e a cabeça enterrada no pescoço, lá se foi o “pregador”, de espinhela fora de prumo e retaguarda

fora de esquadro, bamboleando, trôpego, ao encontro do delegado Juca Pitanga, que o aguardava, pacientemente, oculto numa curva do caminho.

Na varanda do Zebedeu, era grande a alegria dos irmãos. Azarias acabava de entregar ao presbítero uma enorme sacola recheada de jóias dos mais variados tipos e muito dinheiro, que seriam devolvidos aos seus legítimos donos.

O beijinho doce



Era noite de quentão e de muitas pólvoras em Crista da Serra, quando Lulu Flores, envergado debaixo de sua sanfona “cabeça-de-boi” parou, timidamente, na porteira do terreirão do animado fazendeiro Federalino das Neves.

Ali ele se deixou ficar por algum instante até que, acionado por um busca-pé que lhe encalhara nos calcanhares, acabou de chegar.

E foi tropeçando nas botinas que ele se dirigiu a um banquinho no fundo do quintal, onde procurou se acomodar.

Enquanto isso, o velho Federalino, soltando quentão pelas gretas da dentadura, berrifava com o fogoso líquido todos quantos dele se aproximavam:

– Nada de miséria, meus amigos! – Nada de miséria pouca – jactava-se ele – e vamo beber quentão e quemar rojão em lovor do padroero. Ele merece!

Jasminalva, menina de retumbantes molejos, filha do dono da casa, logo se aproximou do chegante e, cheia de fricote, pediu-lhe que tocasse alguma coisa nova.

Lulu Flores, ainda um pouco atordoado pelo foguetório, dedilhou a “cabeça-de-boi” e, dali por diante, desatarrachou-se em tocanças e cantorias tais que outro sanfoneiro, um tal de Zé Bico de Fogo, de medidas cheias com o obsessivo repertório do colega, viu-se forçado a se afastar dele, arrastando ao seu encalço, para outro lado do terreiro, grande número de admiradores, os quais continuariam a dançar ao som de suas músicas motivando, dessa forma, um acontecimento

nunca visto em Crista da Serra: dois bailes com músicas diferentes a um só tempo e no mesmo local: de um lado, a turma do Bico de Fogo, respeitosa e conservadora, capengando saudosas valsas de longínquos outroras, todas elas da lavra do dito sanfoneiro, sendo a mais solicitada, pelo significado da letra e pela dolência da música, a então famosa “Saudades do boi Barroso”, a qual, no auge do quentão, já estava fazendo muitos marmanjões e marmanjoas se debulharem em rios de lágrimas. Do outro lado os hereges do Lulu Flores embalados no “Beijinho Doce”, música pecaminosa que, por certo, já estaria fazendo arrepiar o próprio padroeiro.

Indiferente a isso, Lulu, de olhos imantados nos bem-providos da Jasminalva, mais precisamente naquela região onde o glúteo abunda, ia dedilhando o “Beijinho Doce”, que era todo o seu repertório, variando-o, às vezes, em ritmo de tango, baião e rumba, descambados para um “funk” incrementado, conforme sugestões da dita menina que se ensanfonara de agrados por ele, acomedita que fora de uma paixonite em suspenso.

As essas alturas, mexericos e esconjuros iam ganhando beiradas de quintal onde os grupinhos de comadres mais apreensivas procuravam se refugiar, temendo um possível desafinamento entre os dois tocadores.

Urgia, portanto, que se tomasse uma providência, a fim de se evitar um vexame ao padroeiro.

E foi com esse intuito que as recatadas comadres, instigadas pelo empresário do Bico de Fogo, um tal de Nenzinho Guedes, se dirigiram ao dono da casa.

Federalino, já com a aba do chapéu e parte da barba sapecadas por pólvora de rojões recebeu, cavalheirescamente, a embaixada de beira-de-cerca. Democrático, para agradar as partes, sugeriu que os dois músicos se revezassem em “sanfonanças” alternadas:

– Na hora de tocar o “Boi”, a turma do “Beijim” desafasta; quando chegar a vez do “Beijim”, o grupo do “Boi” arrecua.

– “Vai virar quadrilha, seu Federalino”.

– Nada disso. Assim acaba nos agrado de todo mundo sem agravação dos gosto de cada um – ponderou ele.

Suspenderam-se as “tocanças” por um momento, e os dois sanfoneiros foram chamados à presença do fazendeiro, o qual expôs, novamente, o seu plano conciliatório.

Da parte do Lulu Flores, tudo bem; do lado do Bico-de-Fogo, nada a que se opusesse.

Radiante, Federalino já inaugurava novo balde de quentão, quando os marimbondos da discórdia foram, novamente, assanhados por um implicante de plantão:

– Ficô bão do tamãe que ficô; só que, premero, a gente vamo dançar a “Sodade do Boi Barroso”.

Alguém da ala contrária protestou:

– Nada disso! – Nada disso! Inhante nós qué o “Beijim Doce” do Lulu. Nós é jove!

– “Falô, negão. Nós qué pocá de funk”. Premero os jove; dispois os coroa.”

– “ Isso mesmo, bicho. A gente semo mais nós”.

A parteira dona Vigesima, carrancuda, observou:

– O mundo ta virado. Nos meus tempo a vez era dos mais véi:

– Justo! Premero os mais antigo; a senhora tem razão.

– “Mand’essas véia calá a boca”!

– Macriada! Malinducado! Desaforado!

Começava a se alinhavar, ali, o maior balaio-de-gatos já visto na região. Insuflados pela Jamisnalva, os adeptos do “Funk” arrastaram o Lulu para o centro do terreiro e pediam-lhe que tocasse o “Beijinho Doce”.

“E, dispois, nós qué, tombém, a “Dança da Popuzuda” – acrescentou um cabeludo de brincos, de boné colorido e braços tatuados – vamô lá, Lulu. Solta a “popuzuda” pra nós.

– E... depois vamo botar a fia do véi no biquim da garrafa!

– Foi ela qui inconvidou nós tudo mode vê! Manda lá, Fifi, a musga da popuzuda.

– Se tocar essa musga pecativa, nós inscangaia c’a sanfona dele – alertou o congregado mariano Quiqui Olavo.

Foi a conta! O resto seria patrocinado pelo quentão, que resolveira mostrar o que veio ali fazer.

No quebra-quebra generalizado, os gritos da mulherada se misturavam com os guinchos das sanfonas e com os estrondos dos rojões, que acabaram neutralizando os estampidos derivados do trabuco do Federalino, o qual não parava de pedir calma ao mesmo tempo em que recriminava a conduta dos brigões.

É uma ofensa pro padroeiro! Santo, também, perde a paciência; e eu já perdi a minha. Já tô injauste – e, sob protesto, já sem a dentadura, ele também foi envolvido no inusitado rocambole.

Enquanto isso, com a sanfona à costas, Lulu Flores escapava na escuridão. No emaranhado da capoeira, ele se viu perseguido por um bando enfurecido que só conseguia localizá-lo pelos guinchos da sanfona, quando a dita se enganchava em algum obstáculo:

– “T’ali! Acerca de lá qui eu acerco de cá!”

– “Pega! Pega o fi do demo!”

– “Sumiu outra vez!”

– “Epa!” Entrou ali na lagoa! Vi barui de sanfona!

– “ E a saparia cuaxando!”

– “Vamo atrás dele! Vamo pulá n’ água!”

– “Num posso. Tô cunstipado.”

– “Nós grud’ ele nem que seje no zinfá”.

E adentraram a lagoa, disputando espaço com piaçocas, cobras-d’ água, rãs, pererecas e outros batráquios estressados que infestavam o alagado.

Já na outra margem, Lulu Flores, exausto sob o peso da despresilhada sanfona que se enchera d’ água, ao perceber que sua “cabeça-de-boi” o estava dedurando, desvencilhou-se daquela pipa tocante e, sob a pálida luz da minguanete, escondeu-a em lugar no jeito, com intenção de ali voltar um dia, a fim de recuperá-la.

Assim pensado e assim agido, ele acelerou marcha rápida nas passadas silenciosas e desapareceu no retinto da noite burlando, também, a presteza de um tal de Nicolino Mateiro e de seus cães farejadores que chegaram bastante atrasados à beira da lagoa.

No dia seguinte, à procura de uma cabrita extraviada na macega, dois netos do Federalino se depararam com uma cena tipicamente surreal: à entrada de um buraco ao pé de um cupinzeiro, uma sanfona que ora se esticava, ora se encolhia tocando sozinha e soltando, alternadamente, esguichos d'água pelas frestas do fole, dos baixos e dos registros.

Aproximaram-se os dois e viram, com espanto, um resfolegante tatu-canastra tentando empurrar para fora aquele incômodo chafariz musical que lhe obstruía a saída da toca.

o cliente



Não foi com a intenção de entrar para a galeria dos grandes benfeitores da humanidade que Odonfrésio Serenando, prático em praticanças de extrações e mutilações dentárias, resolveu expandir o seu ofício através de um gabinete volante.

Aperturas financeiras, motivadas pela falta de clientes, obrigavam-no a deixar, imediatamente, a praça de Gabirobas em busca de melhor sorte como dentista itinerante; hoje, aqui... amanhã, ali... atendimentos em domicílio etc.

No lampejo da decisão, pegou sua caixa de ferramentas e foi à procura de um tal Tõezinho da Miúda, feliníssimo rabequeiro que andava pelas ruas do lugar, arranhando o seu indefectível instrumento.

Em contato com o tocador, Odonfrésio conseguiu, a custo, convencê-lo de que, juntos, poderiam fazer fortuna, de vez que a rabeca ser-lhe-ia de grande valia, funcionando como anestesia sonora durante os desafinamentos do seu desalmado boticão.

O rabequeiro, depois de ouvir as vantagens que lhe eram oferecidas, inaugurou nova garrafa da “impoluível”, cuspiu entre os dentes, enfiou a rabeca no saco, juntamente com a outra metade da “Inspiração de Menestrel” e, em passos de tango, acompanhou o Odonfrésio.

Assim foi que, nos arraiais onde chegavam, iam logo tratando de armar a barraca especializada em “Extrações por Música”, quando, então, o Tõezinho sentava-se do lado de fora e, soltando cachaça pelas tarraxas, punha-se a coçar a barriga de sua “Stradivarius”, até

que, atraído pelo traiçoeiro chamariz, caía na arapuca algum cliente corajoso.

Todavia, com o passar dos dias, não obstante a frieza do algoz e a arte maquiavélica do Tõezinho da Miúda, os negócios foram melhorando, pois o número de padecentes aumentava, motivado pelo lançamento da moda do dente de ouro naquelas paragens, inovação que levou o dentista a firmar convênio com o coveiro de Tomba-Quatro, pacífica localidade, fértil em defuntos de bocas douradas.

Entrando, com o crescer da clientela, o material se escasseava rapidamente e, para ganhar tempo, o dentista ia deixando muita gente com boca de recém-nascido, enquanto o fornecedor de ouro macabreava novas remessas.

– Agora, é só esperar a gingiba murchar, para fazer a chapa – justificava ele, após receber os sagrados 50%. E partia com o músico-anestesiasta para outros povoados, com a promessa de completar o trabalho assim que voltasse, o que raramente acontecia.

Já haviam semeado o pânico e punhados de cacós de dentes por muitas léguas de sertão quando, certo dia, depois de muito andarem, divisaram, a um tiro de carabina, os primeiros telhados da povoação de Canudo Quente, capital de um mundão de terras que compunha o acervo geográfico do coronel Benicôncio Dias.

Odonfrésio, a essas alturas, já havia mantido novos contatos com o coveiro de Tomba Quatro, achando-se, portanto, bem abastecido de mercadorias de todo o tamanho e formato, o que lhe possibilitaria passar até meses ali, no lugar.

Efetivamente, dentro de pouco tempo, foi aquele dourado em Canudo Quente! Só se viam feiras e mais feiras de ouro atravessando, de orelha a orelha, as fisionomias sorridentes dos escancarados canudenses.

E foi exatamente, na epidemia desse dourado que o coronel Benicôncio enviou mensageiro ao povoado, a fim de que trouxesse o dentista até a sua fazenda, onde um cliente muito importante necessitava, urgentemente, dos seus ofícios.

Odonfrésio se prontificou de imediato. Acompanhado do Tõezinho, pôs-se a caminho, seguindo os passos do pangaré, que trotava, penosamente, debaixo do corpulento e sisudo emissário em cuja cintura vasavam caroços de grosso calibre pela sanfoninha da cartucheira.

Ao penetrarem na varanda do casarão, o coronel, que já exalava impaciência pelos canos das botas e a aba do chapéu, mal findas as apresentações, foi logo dizendo:

– Não hai que maginá que o dotô arrefugasse o meu chamado. Ora, pois-pois. Calcule o seu dotô que a besta do João Percalino determinou um coice tão disnaturado na fucinheira do meu cachorro, coice esse, cujo nunca vi. Além de distrabelhar a filosomia de sua orige, dele, do cachorro, acabou rancando quase um alqueire de dente lá da boca do animal.

– É pena, seu Coronel – disse, comovido, o Odonfrésio.

– Sei – retrucou o fazendeiro – Mais o sinhô hai que dá um jeito na situação.

O dentista estremeceu e gaguejou:

– Como, seu coronel? O meu ofício...

– Já sei – atalhou o Benicôncio. – É de muita fama e cabedal. Por via disso foi que mandei-lhe buscar. Agora, eu quero que o sinhô faz o serviço no jeito. Num regateio preço. Quero tudo no capricho; excrusive cum betumage de ouro.

– Ouro na boca de cachorro?!... – gemeu o Odonfrésio, ferido em seus brios profissionais. – Eu sou dentista de gente!

– E o que é que o sinhô pensa que o meu cachorro é? – explodiu o coronel. – Ele é dirnamaquêis! Dirnamaquêis isportado, ouviu bem?

– Ovi sim senhor.

– Intonces? Eu, qui sô eu, pissóio três dentadura...

– Três?! – horrorizou-se o dentista. – Eu pensava que era só tubarão... e as piranha. O sinhô usa as três?

– Sim sinhô. E daí? Uma de cada vez, é claro! A premera, a numbro um, a do café da manhã; a outra, numbro dois, a mais normal, é pr’o armoço e prá janta; a terceira já é mais ispicial, pur mode eu ruê

rabada de gado e distroçar macotó na junta. Intonce eu prigunto: Se eu pissóio três, pur quê o meu cachorro num pode ter omenos uma? Pur quê? E, para provar que ele merece isso e mais alguma coisa, o sinhô vai fazer o serviço agora mesmo! – E, puxando uma cadeira, ordenou a quatro jagunços que trouxessem o animal, enquanto Odonfrésio tremia de balançar o soalho e o Tõezinho tirava do saco o seu material anestésico.

E não foi fácil a tarefa para os troncados capangas obrigarem o canzarrão a se acomodar na cadeira, pois o bicho urrava e dava coices e pinotes, pior que um touro enfezado; só não podia latir porque uma forquilha de goiabeira atravessada entre a língua e céu da boca, imobilizava-lhe as mandíbulas escancaradas o que, em parte, facilitaria o trabalho do dentista.

Entretanto, a coisa ficou mais tumultuada quando, no meio da confusão, o Tõezinho, puxando, com fúria, o arco da rabeca, acabou acertando uma cotovelada na boca de um jagunço, o que, por pouco, não fez aparecer mais serviço para o Odonfrésio.

Só aí, então, o coronel atinou com a rebeldia do dinamarquês: o cachorro detestava miados de gato e, como tais, eram os guinchos da rabeca; por isso mesmo, ordenou que o Tõezinho fosse extraído do recinto, a fim de que o animal se acomodasse, o que, realmente, aconteceu; o bicho, imobilizado pelos jagunços, suportou, heroicamente, a extração de todos os cacos de dentes sem o auxílio da anestesia.

Dias depois, o cachorro estreava dentadura nova, embora um pouco contrastante com o seu altissonante pedigree. Quanto ao Odonfrésio, tudo indica que fora obrigado a abandonar o seu rendoso ofício; pois, certa vez, de passagem pela fazenda do coronel, alguém quis saber de que raça era aquele cachorro do tipo dinamarquês, mas com o focinho de buldogue, o Benicôncio respondeu:

– Bão... Quer dizer que ele é dinarmaquês de orige; mas, depois que sofreu uma acirugia bocal, foi que ele ficou com essa cara de num-sei-o-quê. Uns diz até que ele ficou com as feição de um tal de hispopótimo, cujo determinei averiguage, é um tipo de cria que nem de

nossa região é. Mais inhante do assucedido, era um cachorro a modo calango: quando garrava nos beicho de uma marruá, só largava quando trovejava. De intonces pra cá, ele deu de ficar insmuricado e até impruibido de ruê um bõo osso como era de seus apreçoio; isso pruruê, toda vez que ele arreganha a boca, é preciso ter alguém pur perto, para catar a dentadura e colocar, de novo, na boca dele, justo porque, imporjudicado nos façume da acirugia, ele perdeu os recurso das gigiba, cujo ficou ainda mais inscangaiada do que tampa de mala véia sem droba-diça. Um femônimo! – Fez uma pequena pausa e continuou. – Mais eu num boto curpa nenhuma no dentista, que era até um profissional muito esfolçado; nem nele e nem do ajudante dele, um pinguço puxadô de rabeça pra cachorro, prodijo cujo, até hoje, na minha idade, eu podia morrer sem saber que tinha. – e, puxando, novamente, o fole da respiração, lançou um soslaio para uma carabina pendurada na parede, benzeu-se, disfarçadamente, e arrematou como numa prece:

– Teje a alma deles em bõo lugar...

A arapuca



Jasmineu da Conceição, pedreiro do alicerce à cumeeira, em Palmas do Bugre, era, também, nas horas vagas, mecânico de corações femininos; advindo, daí, a sua refinada exigência em matéria de mulher.

Ainda não havia pago todas as prestações da famigerada peruca com que passara a deslumbrar suas fãs, quando lhe raspou pelo telhado a lembrança de empreender uma longa excursão sob os auspícios da famosa cabeleira. Pelas regiões ribeirinhas onde passava, ele ia semeando o pânico e a devastação entre as filhas de Eva; no rastro de sua bigodeira, muitas meninas foram parar no hospício ou no cemitério, impelidas por inevitável paixão.

Indiferente ao apagar de tantas ilusões, a desumana estrela do Jasmineu continuava resplandecendo, até que um dia, de passagem por Várzea Dourada, ele viu, pela primeira vez, a tímida Carmomila, que era filha de uma tal dona Milica, viúva de recentes panos pretos.

Por incrível que pareça, começaram a se embaraçar os neurônios do Casanova, o qual, depois de muito ciscar, resolveu respaldar, por ali mesmo, a sua ascensão de romântico ambulante. Prevendo a possibilidade de um amor sedentário, ele começou a frequentar a casa da dita menina onde, desde o início, fora alvo das aquiescências da pretensa futura sogra. Tamanha era a consideração que dona Milica nutria por ele, que, todas as noites, ao invés da filha, era ela quem o acompanhava até o portão à hora da saída.

O pedreiro não sabia como agradecer tantos cuidados e, mais emocionado ficou quando, certa noite, a velha o beijou. Foi um beijo tão carregado de consideração que uma lâmpada queimada, num poste que ficava do outro lado da rua, piscou três vezes.

Empolgado com os bons tratos da sogra energética, Jasmineu cuidou, logo, de providenciar os papéis para o casório, enquanto a menina Carmomila, encaracolada em sua timidez, pouco ou nenhum interesse demonstrava pelo santo nó do matrimônio; tanto assim, que, ao vê-lo chegar com a documentação, ela se retirou, deixando-o a sós com dona Milica, a qual mostrou-se tão cordata e solícita que fez questão de ficar com a certidão do Jasmineu, a fim de preparar, ela mesma, os papéis do casamento, cujo ato civil seria antecipado ao religioso, dependente de maiores preparativos.

Tão eficiente foi o trabalho da viúva que, em pouco tempo já estava tudo arranjado, inclusive os padrinhos, a fim de que o Conceição ingressasse logo no rol dos homens sérios.

Numa ensolarada tarde de sábado, a casa de dona Milica superlotou com a presença de muitos convidados, entre os quais, o delegado Manduca Guedes que, além de padrinho de oito filhos e três netos da dita mulher, era, também, agora, uma das testemunhas do casamento.

Jasmineu não cabia em si, de tanta emoção; e foi a tremer sobre as lajotas das botinas que ele grafou a sua assinatura no grosso livro que o tabelião lhe apresentou. Já o contrário se deu, quando a noiva foi convidada a fazer o mesmo.

Ante o olhar bestificado do noivo, dona Milica não pestanejou. Pegou, firme, na caneta, molhou a pena na ponta da língua e lascou o seu nome na folha do contrato. Sob os aplausos dos presentes, diante dos homens e da Lei, estava, irremediavelmente, casada com o Jasmineu da Conceição.

Enquanto os cumprimentos choviam sobre a velhota, o pedreiro subiu nos andaimes e protestou:

– Isto é covardia! Minha noiva não é a véia; é a fia! Não é a mãe, é a Carmomila!

Dona Milica, com todo o sangue-frio coagulado pelo cinismo, saiu com esta:

– Que é isso, meu anjo? Oê tá sonhando? Eu também sou Carmomila. Carmomila dos Aragão Pedrosa. Ou tu já esqueceu? A outra Carmomila, minha fia, não é d’oje que ela ta cumprimitada de casamento com o Bené da Carreta.

Efetivamente, a um canto da sala, a outra Carmomila esnobava timidez, trançada ao pescoço do carreteiro cujos braços pareciam duas toras de jacarandá.

– Isso é tramoia! – berrou o Conceição. – Eu ingijo anulage do casamento. Ingijo!

Foi então que o delegado Manduca Guedes, aproximando-se dele, pediu-lhe que moderasse o comportamento; afinal, aquele era um ato solene que envolvia os respeitos de sua comadre; e, fazendo girar um grosso molho de chaves no dedão de puxar gatilho, arrematou a entrevista:

– Na minha jurisdição, caso o marido não teje disposto a viver com a mulher, salvo por incompatibilidade funerária, pode optar por uma boa temporada no xilindró. Você é quem escolhe.

Jasmineu não encontrou outra saída senão prometer, de público, fazer a felicidade da ex-futura sogra.

Infelizmente não surgiu o tão sonhado mar de rosas que já se havia delineado na geografia sentimental de dona Milica, porque, nem bem havia começado a lua de mel, o noivo eclipsou; sumiu, para nunca mais voltar àquelas bandas.

Descrente de sua boa estrela, Jasmineu vendeu a peruca da perdição, roçou a bigodeira e voltou à sua vida errante, dedicando-se, exclusivamente, à feitura de casas, fogões à lenha, fornos, muros, catacumbas e outros derivados do tijolo.

Quando, por acaso, alguém lhe falava em casamento, ele passava lixa grossa no assunto, afirmando que nem o papa era tão celibatário quanto ele.

O azar do Azarino



Nascera numa sexta-feira, 13 de agosto, razão pela qual recebera, na pia do batismo, expressivo e pomposo nome de Azarino, Azarino Borinésio, que também se firmaria como alcunha de cartório.

Já na mais tenra infância, patrocinada pela má sorte, começaram-lhe a ser ministradas, em doses pediátricas, as primeiras gotas de feiura, do que resultou numa séria complicação fisionômica, em detrimento de tantas promessas e simpatias, as quais não conseguiriam, jamais, corrigir aquele impiedoso relaxamento da genética.

Mais tarde, ao se conscientizar de que não era, efetivamente, um sujeito bonito, ele começou a sentir que lhe fugiam as esperanças de embarcar num “indissolúvel” ao lado de moça de boas aparências. Por isso mesmo, empacotara sua juventude no mais obsessivo complexo, não se aproximando das filhas de Eva, senão quando estimulado pelas calorias etílicas. Toda vez que “lubrificava” o verbo, até que não se tornava muito desajeitado no trato com o belo sexo; razão por que um dia se arriscara a sacrificar a modéstia, a fim de dar publicidade à sua aparência numa revista especializada em correspondências sentimentais.

Sim; talvez a sua não fosse uma cara adequada às preferências das moças de Rio-Cipó; mas, com um pouco de boa vontade da parte do fotógrafo Pascoal Nonato, muita coisa poderia ser feita em benefício de sua fisionomia, até que ficasse no ponto de ganhar, pelo menos, um cantinho na página da tal revista.

Pascoal Nonato tranquilizou-o, dizendo que, talvez, pudesse dar um jeito, e, ocultando-se atrás do pano preto que encobria a máquina, começou a focaliza-lo de vários ângulos, após o que pôs-se a disparar o magnésio. Várias chapas foram batidas em poses diferentes, ficando Azarino de voltar no dia seguinte para apanhar o resultado.

E não lhe foi fácil escolher a foto compatível com suas pretensões, porque a variedade de poses e trajos acabou por convencê-lo de que ele não era tão feio como parecia. Por fim, tocado por indisfarçável narcisismo, ele optou por uma em que ele aparecia de gravata-borboleta e o cabelo partido ao meio, disfarçando as orelhas acabanadas.

Naquele mesmo dia, a fotografia do Azarino acompanhada de endereço e alguns dizeres alusivos às suas pretensões, em lombo de burro e, após, em envelope aéreo, atravessou as fronteiras de Rio-Cipó e, dias depois, numa página da revista “Sentimentos do Coração”, foi propiciar os agrados de uma tal Francismênia das Dores, que adorava pesadelar com o sobrenatural.

– Nada como uma boa propaganda! – exultou o Borinésio, quando, semanas depois, recebeu um envelope com sobrescrito feminino. Rasgou, com sofreguidão, o invólucro e quase desmaiou ao se deparar com a fotografia de uma ruiva de faiscante beleza. Por um momento, ele chegou a pensar que aquilo viera parar em suas mãos por algum equívoco; mas, no verso da fotografia estava uma luxuriante dedicação à sua pessoa e, num papel perfumado, os protestos de um amor corrupto e venenoso.

Mais tarde, comentaria ele com o Pascoal, mostrando-lhe a foto da ruiva flamejante:

– Amigo Nonato, sem desfazer da valia dos seus ofícios, olha que eu só mandei uma pose; se capricho na remessa, era capaz até de assueder uma concentração de misses, aqui em Rio-Cipó!

Assim dito, no estopim do entusiasmo, ele se dirigiu ao reservado do Bar Andorinha Azul, onde, após vários cruzamentos de conhaque com cachaça, tomou-se de caligrafias e pôs-se a escrever a primeira carta à sua amada, dando origem a um bem correspondido romance

epistolar, que durante muito tempo, em envelopes aéreos e lombo de burro, cruzariam as fronteiras de Rio-Cipó.

Mas, chegaria, enfim, o dia de uma aterrissagem pessoal: Francismênia, manifestando o desejo de conhecê-lo, ao vivo, convidou-o a visitá-la.

Azarino aceitou o convite e partiu, a fim de que, com maior presteza, pudesse derreter toda a sua feiura nos cálidos braços da ruiva faiscante.

Ao descer no aeroporto da cidade grande, ele se pôs a procurar a ruiva flamejante... de repente, surge diante dele uma daquelas figuras de Picasso em trajes femininos; ele sentiu um arrepio, e, como não entendia de arte moderna, já ia seguindo em frente, quando a medonha figura, segurando-o por um braço, disse-lhe com sífilítico sorriso:

– Azarino! Meu bem! É você, meu amor? Oh! Borinésio! Borinésio! – e enlaçou-lhe o pescoço com um asfixiante abraço.

Azarino tentou desvencilhar-se, dizendo que ela estava enganada, que ele não se chamava Azarino e, muito menos, Borinésio.

E a megera insistindo:

– Mas eu sou a Francismênia, aquela que por ti suspira! É lógico que você não está me reconhecendo. Sabe por quê? Não é que na minha precipitação, em vez do meu retrato, eu mandei o daquele bofe do cinema italiano, uma tal de Sílvia Cossina? Venha comigo, meu amor! Vamos tecer o nosso ninho de venturas!

Nisso os motores do avião puseram-se a roncar. Num solavanco que lhe arrancou a gravata, Azarino conseguiu safar-se daqueles braços de tamanduá-bandeira e se pôs em disparada na direção do aparelho prestes a decolar.

Francismênia, ao ver fugir o seu amor, envenenada por brutal despeito, pôs-se a gritar histericamente:

– Socorro! Polícia! Pega ladrão de retrato! Pega!

Dois guardas, que se achavam de serviço, foram ao encalço do Azarino, o qual, aquecendo as turbinas, ainda chegou a triscar, com as pontas dos dedos, a cauda do avião que acabava de levantar voo.

No distrito policial aonde fora levado para os devidos esclarecimentos, ao ser registrado o fato nas ocorrências do dia, verificou Azarino que, além de uma sexta-feira, aquela era a data de seu aniversário: 13 de agosto. Fora fatal! “Mactube”. Estava escrito.

Chiquita Bacana



Talvez porque não tivesse sido anunciado na secção de “achados e perdidos”, muita gente, ali no lugar, não sabia que o fiscal aposentado, Orizontino Feitosa, havia perdido a vergonha.

É bem verdade que ele já havia estudado o Decálogo até o oitavo mandamento; mas, dali pra frente, resolveu empacar. Nem mesmo dona Gerobalda, sua piedosa mulher, conseguiu fazê-lo tomar conhecimento do restante das sagradas jurisprudências. Se, pelo menos, ele tivesse soletrado o item seguinte da preciosa constituição, muita coisa danosa teria sido evitada na tranquila Paróquia de Santa Rosa dos Ventos.

Em se tornando um Don Juan movido a cipó-cravo, Orizontino ia consumindo as solas das botinas à procura do amor proibido, ensilibrinado que estava por mulher de papel passado. E não era com muitas reservas que confessava aos seus amigos que, com relação à “costela-de-Adão”, o que ele possuía já não era mais uma estrela: era um cometa! E acrescentava com filosófica safadeza:

– Um cometa com um rabo desta idade, seu compadre! E, se a gente não leva a vida no pagode, nunca vai saber se tem açúcar no bigode...

Com essas e outras tendências inspiradas na enciclopédia do cinismo, o galã de Santa Rosa dos Ventos foi perdendo, aos poucos, a ponta da corda; daí, para a farrá grossa, foi um pulo.

Faltavam, ainda, duas semanas para o carnaval, quando o impetuoso resolveu que iria rebocar, pelas ruas do lugar, as suas cinco

décadas de senvergonhagens, debaixo de uma fantasia de “Chiquita Bacana”.

E não lhe foi muito difícil burlar a curiosidade da esposa, enfiando nos bolsos algumas peças imprescindíveis ao vestuário da “Chiquita”, uma vez que ele já havia atirado pela janela, num matagal próximo, os dois travesseiros que, afinal, seriam necessários para rechear um sutiã pilhado aos pertences de dona Gerobalda.

A seguir, levou tais objetos para a casa do presidente do Bloco do Pé-Quente, um certo Zé Couro de Gato, uma de suas mais recentes amizades.

Nesse ínterim, dona Gerobalda, que nunca houvera suspeitado das intenções do marido, ao dar por falta de suas coisas, ficou tão acabrunhada de mistérios que saiu à procura do seu compadre Benedito e pediu-lhe que fizesse um responso, a fim de apurar quem teria sido a ladra que entrara em sua casa. Após mexer nos pauzinhos, o mandingueiro pediu-lhe que entregasse o caso às almas, porque, se ela visse o que ele estava vendo, seria capaz até de pedir desquite.

Não precisava ser mais claro; já havia injetado o soro da verdade na veia do ciúme de dona Gerobalda, a qual, tão cedo não se convalesceria de tão duro infortúnio; muito embora ela tivesse prometido entregar o caso às almas, como lhe sugerira o mandingueiro.

Enquanto o processo tramitava no tribunal do além, o Feitosa ia lubrificando as cartilagens, adquirindo notável flexibilidade nos moles e uma irrepreensível personificação da “Chiquita Bacana”. E era com a cara mais lavada que ele entrava em casa por volta das madrugadas, dizendo à mulher que ele havia sido nomeado pelo vereador Alicentino Flor para fiscalizar os ensaios e os festejos carnavalescos, razão pela qual ele seria obrigado a chegar àquelas horas.

Entretanto, no primeiro dia de Momo, a paróquia quase veio abaixo, quando, empunhando o estandarte do “Pé-Quente”, trajado, simplesmente, com as peças mais secretas do vestuário de dona Gerobalda, o ex-respeitável fiscal, Orizontino Feitosa, ganhou as ruas, à frente do Zé-Couro-de-Gato e sua elite de foliões.

Pouca gente acreditava no que via, uma vez que o marido da Gerobalda nunca havia demonstrado vocação para tal coisa. Vestir-se de mulher! Era só o que faltava. E, ainda, requebrando e cantando: – “Chiquita Bacana lá da Martinica, se veste com uma casca de banana nanica...” “Era o fim do mundo!

Mas estavam redondamente enganados os que assim pensavam; aquele foi o meio mais seguro que ele encontrou para despistar os maridos ciumentos. Afinal, ninguém poderia suspeitar de uma inofensiva Chiquita Bacana.

Assim foi que, logo mais à noite, ele foi exibir sua fantasia no “Clube dos Respeitos”, ocasião em que sua mão boba andou fazendo várias viagens de circunavegação pelos macios de uma madama de papel passado. E já andava ele no auge das “inocências” quando, ao se dirigir à sua mesa, verificou que, debaixo do seu copo, havia um bilhete que assim dizia: “Chiquita, não registro o desejo de encontrar com você. Peço perdão pelo tratamento, é que eu não quero complicar a sua graça; sei que tu é home pra valer. Se quiser, pode me encontrar, dentro de meia hora, debaixo do jenipapeiro da ponte. Aguardo, com paciência, o momento de apertar você em meus braços. Marina”

Orizontino não pestanejou. Partiu ao encontro da misteriosa Marina, que, no seu entender, não passava de mulher de marido vivo e que se apaixonara por ele, seduzida pelos seus requebros durante as evoluções do bloco. Sim; só podia ser mulher de muito recato. Em assim pensando, viu-se de repente no local do encontro, onde, sem muita dificuldade, conseguiu divisar um vulto feminino debaixo do jenipapeiro.

Um rastilho de prazer percorreu todas as instalações do Feitosa, que se aproximou com um trêmulo sussurro:

– Quem está aí?

E uma voz, estranhamente velada, respondeu nas sombras:

– Sou eu. Marina.

Orizontino não precisou de melhor apresentação; foi, logo, se atracando com o vulto, cobrindo-o de beijos e carícias, ansioso por se

ver fortemente enlaçado pelos braços cálidos e sensuais da dita Marina. Mas ao passar-lhe as mãos pelo quadris, foi repellido por um violento safanão, enquanto uma voz máscula, carregada de veneno, trovejou dentro da noite: -Tira a mão daí, “seu”... Tira a mão!

Feitosa estremeceu. Não esperava pela “zebra”. Quem estava ali para apertá-lo nos braços não era nenhuma Marina, e sim, o Juca da Muribeca, marido da tal madama a quem, há poucos minutos, ele bolinava no clube dos respeitos.

– Então é tu que anda paquerando muié de home? – esbravejou o Muribeca. E sacudiu-o com tanta força contra o tronco do jenipapeiro que uma chuva de jenipapos caiu sobre os dois. – É tu que é o bão, é? – vociferava o Juca, soltando serpentinas pelos cantos da boca.

E o Feitosa, gaguejando, todo trêmulo, quase asfixiado pelos tentáculos do Muribeca:

– Eu não, seu moço. Juro que sou donzelo! Eu sou a Chiquita, uma criaturinha de Deus.

Apelação frustrada, complicação dobrada. O outro era ateu. Viu-se, então, totalmente frito o Feitosa.

Porém, diante de tamanha covardia, o marido frustrado, temível, vigia de área do Bode Azul Futebol Clube, famoso pela potência de seu chute cavalariço, optou por incrementar ainda mais a fantasia do folião: após aplicar-lhe meia dúzia de sapeca-iaíás, colocou-o de quatro, afastou-se para impulso e, após contar as passadas regulamentares, anunciou que iria cobrar uma falta na meia lua.

Acabaria ali o carnaval do Feitosa. Já era bem tarde da noite quando ele conseguiu se livrar do emaranhado de unhas-de-gato, em cuja moita ele havia caído, no outro lado do riacho.

Horas depois, em estado bastante deplorável, ele entrava em casa, dizendo que havia sido atacado por um bando de mafiosos.

Logo mais, à tardinha, quando o bloco do Pé-Quente saiu às ruas, dona Gerobalda, que estava a lhe colocar umas compressas, abriu as cortinas do quarto e perguntou-lhe, com uma ponta de ironia se ele não iria “fiscalizar” os foliões.

Feitosa pediu-lhe que fechasse imediatamente a janela, porque, afinal, ele ainda não estava livre das perseguições da Máfia. Mas foi obrigado a fingir um longo desmaio, quando a mulher lhe sugeriu que fosse pedir asilo na embaixada da Martinica. Não era ele a Chiquita Bacana? E então?

O repentista



Leleu Ibernoso, mecânico de lambretas em Santo Ambrósio do Alto, desgostoso com a profissão, resolveu encostar sua caixa de ferramentas onde, longe de alicates, chaves de fenda, buchas de estopa e parafusos, entregar-se-ia, de mente e alma, ao seu novo ofício de “praticante de poeta por conta própria”.

E foi soltando rimas por todos os parafusos, que, em pouco tempo, ele viu prosperar sua lavourinha de versos. Zeloso com a inspiração, preservava-a com “água-que-passarinho-não-bebe”, a qual, além de ativar as labaredas do amor, era, também, salutar preventivo contra uma possível desidratação do gênio.

Assim, bem guarnecido, terno de linho branco, gravata-borboleta e cabeleira engomada, ele estava sempre presente às festas de batizado, casamentos e aniversários, ocasiões em que, não raro, uma estrofe clandestina de sua lavra não vilipendiasse a inocência dos “oito anos” de Casemiro de Abreu ou denegrisse o patriotismo de Olavo Bilac; isso, sem falar das vezes em que alguém batia as botas, quando, então, a coisa ficava por conta do Augusto dos Anjos.

E era manquitolando de rima em rima que o vate de Santo Ambrósio do Alto ainda tentava angariar as simpatias das moças do lugar, a fim de encontrar entre elas a sua musa definitiva.

Já estava cansado dos tantos “inutilmentes” quando, lá numa bela manhã, tardos querubins boêmios, não escutando as trombetas da aurora, deixaram de voltar à “edênica” morada. Foi quando ele

viu, pela primeira vez, a menina Setembrila e por ela se encalistrou de amores, passando, então, a olhá-la com olhar de cachorro-de-porta-de-açougue.

Com poucas semanas de hibernação, o poeta Ibernoso já havia combinado várias resmas de rimas, em louvor da Setembrila, a musa fatídica, que lhe chamuscaria o estro, pois que era o bem-querer de um certo Agradino Rosa, considerado assustadora fogueira de ciúmes.

Apoiado nos versos de sua inventiva, cruzados com algumas estrofes de Castro Alves e de outros poetas de sua predileção, iniciou ele suas investidas líricas contra a dita menina. Não demorou muito, aquelas homenagens começaram a desagradar o Agradino que, despejando mais lenha na caldeira do ciúme, resolveu bagunçar o Parnaso do Leleu: – “Se quisesse fazer suas rimage, que fizesse, lá no papel, mas não pra cima das coisa dos outros. De mais a mais, a menina Setembrila já estava até ficando abestajada com aquelas farolage.”

Em assim pensando, acompanhado de sua amada, ele foi à procura do Ibernoso e pediu-lhe que parasse com aquelas “poetage”, se não quisesse rimar com ele nas escritas do pau de fogo.

Leleu sentiu-se como atirado acima do Círculo Polar Ártico; mas respondeu com dignidade poética:

– Neste mundo, nem mesmo chumbo de canhão pode calar de um poeta o coração.

Estava desmantelada a Arcádia de Santo Ambrósio do Alto. Agradino arrepiou os bigodes e, levando a mão à cinta, sacou de um quarto-de-porco metálico, enquanto a menina Setembrila, possuída da palidez das folhas outonais, rodopiou nos eixos dos tornozelos e caiu, desmaiada, sem nenhum ruído, como deve convir às musas que se prezam.

Agradino já estava com sua ferramenta fumegante pronta para a desova quando Ibernoso, todo trêmulo, ainda encontrou alento para aproveitar o embalo do poeta Francisco Otaviano e parodiou com este canto do cisne:

– *“Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu,”
Quem não sentiu o cheiro da fumaça,
Levou um tiro e não correu,
Foi um bagaço de home; Não foi home.
Foi morto matado; não morreu.*

E, como não queria ser morto matado, o que poderia deslustrar sua glória de poeta, enquanto o Agradino se embasbacava com o seu repentismo, ele não esperou pelos aplausos: desabriu-se numa carreira espetacular rimada a tiros, e, por ser poeta à prova de chumbo, embarcou no trem-bala e escafedeu-se no vento da tarde.

Procura-se O Ovídio



...e cheio de bazófias e mumunhas, Noquinha Tisiu foi outro que optou por desfolhar sua antologia de mentiras no pacato vilarejo de Santo André das Lajes.

Falando corretamente o pernambucano e outros idiomas correlatos Noquinha curtia, além de outras marolas, a onda de piloto de avião, deixando muita gente encucada com as peripécias por ele inventadas.

Mentiroso como todo bom caçador, ele gostava de passarinhar avulso pelas capoeiras do lugar, férteis em todo o tipo de caça miúda: tatu, paca, inhambu, cotia, macucos...

Todavia, certa tarde, algo, no seu entender, tinha espantado a caça. Já havia esgotado, com tiros perdidos, toda a munição de sua lazarina, uma espingardinha pica-pau com a qual ele jurava que em sua terra, nunca havia perdido o rastro de onça graúda, visto que a dita arma era, também, boa farejadora.

Mas... naquela tarde, os ventos sopravam para ouros lados. Ele ainda não havia escutado sequer um pio de macuco. E já voltava, frustrado, para casa quando, súbito, aquela farandolagem de pena e bico no meio de uma clareira: um bando de vistosos e succulentos macucos ciscando e se espojando festivamente.

– Qui banquete! –monologou ele. – E, sem mais delongas, avançou, silencioso, lazarina em riste na direção da macucada.

Todavia, por falta de munição, garantia ele, meteu o dedo no gatilho, e, autoritário, intimidativo, em bom estilo de faroeste, surpreendeu o incauto bando:

– Mãos ao alto! Todo mundo! Mão pra riba, senão eu atiro.

Segundo ele, os macucos obedeceram e levantaram as asinhas, e ele acabou de se aproximar: -Isso! todo mundo aparado aí, do jeito que tá. Aquela que avuá vai levar chumbo fino na cabeça de matar passarim. Isso aí... quetim... não precisa afadigar... assim... muito bem...

E, desse modo, sem efetuar um só disparo, sem estragar uma única pena, ele foi catando, uma a uma, todas as aves e enfiando-as, vivas, no embornal:

– Sangre conto mais quente, mais mió pro môio pardo, ensinava ele, uma vez que, de uma só tacada, garantira o jantar daquela tarde e, de quebra, o almoço do dia seguinte.

E, como o papo era de bico, pena e asa, ele resolveu incrementar o tema.

Já que também curtia marola de piloto de avião, saiu com mais essa: certa vez estava ele em serviço de pilotagem num filhote de teco-teco, transportando panfletos políticos de um certo coronel Xenô, quando, lá pelas altitudes dos muitos graus, foi atropelado por um rabo de vento grosso. Entre os pescoções da intempérie, ele conseguiu manobrar o aparelho em voo de ponta, baixando sobre um roçado de milho verde, de sorte a ser recebido por uma saraivada de balas que, por pouco, não esquartejava a sua maquinária. Antes de fazer meia-volta, ele viu, agachado atrás de uma moita, um apavorado casal de lavradores com espingardas disparativas contra o aparelho. Baratinado pela artilharia, achou de provar que avião não era passarinho ou bicho desconhecido; e despejou uma chuva de folhetins sobre o milharal. Foi quando – afirmava ele – antes de escapar por outras rotas, ainda conseguiu captar pelo rádio do teco-teco, este diálogo do casal:

– “Matou o bicho, Joaquim?”

– “Matar, não matei não, Joana. Mais arranquei um punhado de pena do rabo dele!”.

E era por essas e outras que muita gente já não estava dando crédito à sua garganta, ficando os vitupérios por conta dos preconceituosos mais radicais:

- “Preto num pode tê vêiz!”
- Se soltar a ponta da corda...

Coisas bem piores deveria pensar a menina Rinocerosa de Mendonça, por quem ele havia entrado em pane sentimental; tanto assim que, todas as vezes em que ela se via assediada por ele, passava fieiras de dias acometida de sobressaltos.

Contudo, não se desanimaria o Tisiu. Entre “umas” e “outras”, permaneceria em Santo André das Lajes, esperando que a dita menina se acostumassem com sua fuliginosa presença.

E, nisso de esperar, encontrava-se ele aquecendo as turbinas no Bar Bem-Te-Vi, quando um tal de Bastião-Pé-de-Porco que, além do pé, justificava o seu espírito de suíno, azucrinou-lhe com debochadas indiretas:

– É isso aí, pessoal. Só tava fartano aparecer pur aqui o tal do Zipilino, que é a mesma coisa do avião sem asa.

Entre as galhofas dos presentes, o apelido pegou. E todos passaram, a chamá-lo de “avião”.

Tal destrato acionou os brios do Noquinha, que, naquele mesmo instante, resolveu se promover a avião a jato: trepou no balcão, abriu os braços, soltou dois esguichos de gasolina de cana pelas orelhas e, para espanto de todos, decolou na direção de uma agitada mesa de sinuca, indo aterrissar, exatamente, entre a ponta de um taco e a bola-sete, o que lhe valeu uma tremenda tacada na parte inferior da hélice esquerda, de modo a ficar fornecido de avarias auditivas durante uma pilha de semanas.

Restabelecido do acidente, ele foi à procura da menina Rinocerosa, a fim de se definir, moral e sentimentalmente; mas nem chegou a fazer proposta de panela e travesseiro.

A pretendida, perdendo a ponta da corda, sacou de sua abominável carteirinha de racista e descascou-lhe a lataria com essa palavras descascativas:

– Vê se mim erra, aribu! Se eu gostasse de fumaça de carosena, eu andava com uma lamparina no pescoço!

Foi a conta! Tisiu ficou branco, entrou em combustão, ficou preto novamente e, ante a impassibilidade da Rinocerosa, berrou: – Quero morrer! Vô virá Karmincaze do amor aviativo! – E oferecendo à dita menina o espetáculo de um suicídio aviatório, correu até a beirada de um barranco e, como não era hidroavião, supôs que as caudalosas águas do Córrego Seco o arrastariam, com sua paixão, pro beleléu. Fechou os olhos, abriu as asas, girou em folha seca e despiruetou-se no precipício.

Dado o alarma de que o “avião” tinha caído no rio, o cabo Geremildo, que se achava de plantão numa rinha de galos, escachou sua autoridade no lombo de uma bicicleta e, esporeando nos pedais, soltou rédeas rua afora, fonfoneando a sirene do seu veículo.

Assim, businativo, ele chegou ao alvoroçado local do acontecimento onde, a repiques de cassetete, cuidou logo de estender um cordão de isolamento, a fim de comandar as operações de resgate dos possíveis sobreviventes do sinistro.

Horas depois, como não houvesse encontrado nenhum indício de vítimas e muito menos de avião, entendeu ele que as buscas só deveriam continuar sob o comando de autoridades especializadas. E já se retirava, quando um tal de Chico Sapo, voltando de um mergulho, sacudiu a multidão:

– Óia ele ali, minha gente! Óia ali o avião! – e apontou pra cima.

Efetivamente, com a fuselagem bastante danificada, Noquinha Tisiu ali estava, pendurado pelo suspensório num galho de ingazeira.

Foi então que o cabo Geremildo, dando-se por conta da mancada, ajeitou o binóculo no cavalete do nariz, focalizou o “piloto” e berrou intimativo: – Teje preso!

– Preso eu já tô, seu capitão – gemeu o Tisiu – Só quero saber quem vem me tirar dessa desgraça!

A Viagem espacial



Lunibécio Revoredo era um desses indivíduos a quem se podia considerar autêntica antologia de mentiras, razão pela qual, apesar de não ser inimigo do trabalho, nunca conseguira firmar-se num emprego ou profissão definida. Cronologicamente, ele já havia sido boré de circo, ajudante de padeiro, aprendiz de alfaiate, vaga-lume do Cine Danúbio Azul, e, finalmente, camelô de vastas prosopopeias engambelatórias, tendo percorrido meio mundo interiorano, divulgando os miraculosos efeitos do Óleo de Peixe-Elétrico.

Mas, dos baldes de massa e das padiolas de tijolos das construções até a rica panaceia, Lunibécio, em todo o seu cosmopolitismo, ainda não havia encontrado estabilidade compatível com a sua intrínseca mania das inverdades. Por isso mesmo, raríssimas vezes ele era alvo das atenções durante um papo demorado.

Aconteceu, porém, que, lá num belo dia, ocorreu-lhe a lembrança de montar uma barbearia através da qual poderia unir o útil ao agradável. Aí sim; esticaria os seus relatos enquanto fosse capinando os padecentes. Em assim pensando, cuidou logo de enveredar-se no novo ofício. Após um rápido aprendizado, durante o qual quase decapitou um tal de Ipotenúcio Costa, ele firmou a munheca na profissão, transferindo-se, a seguir, para a freguesia de Traíra Seca, onde instalou, por conta própria, o Salão Navalha Mansa.

Já com poucos dias de permanência na praça, havia conseguido boa clientela, que, a despeito das penosas fisgadas, se via

recompensada pelas suas mirabolantes narrativas de fígaro parlador.

Todavia, com o decorrer do tempo, esgotou-se-lhe o repertório e, conseqüentemente, ressurgiria a onda dos cabeludos.

Lunibécio, solitário, sentado à porta da barbearia, tinha perdido a clientela. Já estava para desistir do ofício, quando, numa noite, andando a esmo pelas ruas desertas, dirigiu-se à pracinha da igreja, à procura de maior solidão onde pudesse bolar nova remessa de mentiras.

Já estava ali, há muito tempo, quando, de repente, o mundo azulou. No silêncio da noite, um intenso clarão se espalhou sobre Traíra Seca. Ele quis correr, mas parecia que suas pernas tinham virado língua, e ele ficou ali mesmo, colado ao banco; tentou gritar; suas cordas vocais se desatarraxaram numa mudez cadavérica. Também não teve forças para desmaiar, quando um objeto de bom tamanho, muito parecido com uma enorme panela de pressão, soltando chispas e fumaça pelas tubulações, deslizou, silenciosamente, pela encosta do cemitério e parou a alguns metros do lugar onde ele se encontrava.

Nisso, o misterioso clarão desapareceu, ficando apenas uma luzinha azulada em torno do estranho objeto, enquanto um cheiro ativo de querosene “Jacaré” inundava o ambiente. Novo e barulhento ruído. Abriu-se uma portinhola do aparelho, por onde saiu um homenzinho bizarramente vestido, e que, em passos de ganso, se movimentou na direção do trêmulo barbeiro, que, a essas alturas já se sentia transformado em picolé, tão despropositada era a friagem provocada pelo medo.

Passado o grande torpor, Lunibécio conseguiu decifrar alguns gestos do homenzinho que apontava para o aparelho, convidando-o a umas voltinhas por espaços nunca dantes navegados. Apesar de toda a relutância, uma força irresistível impeliu o barbeiro para bordo. De repente, um baque surdo, e o aparelho, soltando chispas pelas dobradiças, decolou, levando o passageiro terrestre através de estranhos mundos coloridos, cujos habitantes possuíam as mais variadas e bizarras aparências.

Lunibécio não chegou a calcular, precisamente, há quanto tempo se achava dentro da caranguejola quando, novamente, outro baque surdo e ele, misteriosamente, se encontrou no mesmo local e no mesmo banco. Esfregou os olhos. O aparelho havia desaparecido.

Lunibécio até que teria imaginado que tudo aquilo não tivesse passado de um sonho, se um cheiro de querosene não infestasse ainda o lugar.

Dias depois, restabelecido do resfriado interplanetário, ele reabriu a barbearia e, ao primeiro freguês, relatou a sua estranha aventura a bordo do disco-voador.

A notícia se alastrou pelos rodapés das orelhas e, mais cedo que se esperava, desencadeou, de novo, grande afluência ao Salão Navalha Mansa. Até os imberbes e carecas fazia questão de ocupar a cadeira horas a fio, só para ouvir a peripécia do fígaro voador. Ocasão, aliás, bastante favorável ao Lunibécio, que tratou, logo, de majorar os preços do “cortume” de cabelo e do “façume” de barba, como dizia ele.

O negócio até que lhe poderia ter sido dos mais lucrativos não fosse a incredulidade que agora voltava a tomar conta dos moradores de Traíra.

– Esse barbero tá inventando história de cinema pra prender a friguísia. – diziam uns.

– Ele só pode tá biruto da cabeça. – asseveravam outros.

Ante tamanhas descrenças, Lunibécio resolveu levar o pessoal ao local dos acontecimentos. Ao ouvir o relato do que o objeto rolara pela encosta do cemitério, o vereador Necromédio Silva chegou a aventar a hipótese de algum fogo-fátuo rolante, fazendo com que a rezadeira dona Libória, tomada de esconjuros, se retirasse do local.

Por mais que afirmasse, por mais que jurasse por todos os santos, Lunibécio não conseguiu convencer a multidão de incrédulos, que se dispersou. Uns, achando graça; outros, penalizados com tamanha demência.

Temendo que estivesse mesmo com os pinos da cachola fora do lugar, para espantar tão inquietante depressão, Lunibécio andou sor-

vendo bons goles da purinha até altas horas da noite, quando retornou à pracinha da igreja, no mesmo local dos acontecimentos. Solitário, no silêncio da madrugada que chegava, ainda contemplava os últimos vaga-lumes, quando o fenômeno se repetiu: rolando pelas barrancas do cemitério, soltando chispas e fumaça pelas tubulações, o aparelho parou na sua frente, e o mesmo homenzinho, abrindo a portinhola, dirigiu-se para ele.

O barbeiro não conteve a alegria; correu para o visitante, a fim de lhe pedir que permanecesse ali, por um instante, enquanto ele ia despertar o povoado. Todos, enfim, iriam presenciar a verdade. O homenzinho até que teria aquiescido, se o próprio Lunibécio não tivesse posto tudo a perder. O cheiro da cachaça, expedido pelo barbeiro, obrigou o dito homenzinho a enfiar dois dedos nas narinas, a fim de neutralizar o desagradável e estanho odor.

Ao passo que o Lunibécio ia se aproximando dele, mais ele se afastava, regressando, rapidamente, na direção do aparelho onde se refugiou, batendo a portinhola, temeroso da ação destruidora dos vapores etílicos.

Enquanto Lunibécio gritava, desesperadamente: – “Espere, por favor! Espere!” o aparelho se derretia, impiedoso, como um bolo de sorvete sobre uma chapa quente, sem, pelo menos, deixar algum vestígio que pudesse comprovar o inusitado fato!

Agora, sim. Estava tudo perdido! – conscientizou-se o Lunibécio. Se ele dissesse que tinha feito derreter, a bafo de cachaça, um disco voador com tripulação e tudo, eram capazes até de trancafiá-lo numa camisa de força.

Não voltou mais ao Salão Navalha Mansa. Dali mesmo, ele partiu naquela mesma madrugada, sem nunca ter compreendido porque aquela gente de Traíra Seca durante tanto tempo acreditara em suas mais ingênuas mentiras e agora não aceitaria uma exagerada verdade.

A empresa



...e, quando menos esperavam, um tal de Xibanildo Gomes, o maior cara de pau do Arraial das Maitacas, acabava de receber de seus correligionários políticos um providencial presente: uma possante bicicleta de pneus “balão” com a qual ele deveria incrementar a sua profícua profissão.

Tal veículo chegara em boa ocasião, não só como prêmio pela sua temerária função de cabo eleitoral, mas, também, como recompensa pelas tremendas surras com que ele era recepcionado ao aliciar eleitores em redutos oposicionistas.

E foi na garupa da tal bicicleta, que ele deu de transportar material feminino para os comícios que, todas as noites, se realizavam naquelas adjacências.

Inicialmente, foi um custo convencer os marmanjos, que, também, queriam uma carona. O seu veículo, afirmava ele, só se prestava mesmo ao transporte do pessoal de saia, desprovido das comodidades de se agrupar em coletivos puxados por juntas de bois.

Com essas e outras evasivas, todos os dias, logo ao escurecer, lá ia ele, escanchado na bicicleta, levando uma pequena na garupa.

Todavia, um porém: ele fazia que ia, mas não ia. Tomava outros rumos, desviando-se do burburinho dos palanques, onde os candidatos lascavam capina grossa na vida privada dos adversários.

Monopolizando o transporte do gênero, o terrível Xibanildo, depois de muito assédio, acabou fretando a menina Jurisdéia Feitosa, que era noiva de um tal Pestilato Morais, indivíduo que, em

criança, enquanto os outros de sua idade iam ao catecismo, ele partia para os matos à procura de ninhos de cascavel cujos filhotes ele vendia para o Butantan, lá em São Paulo. Não era, portanto, sujeito de bons bofes; tanto assim que, agora, por falta de motivação, ele desertara da Polícia do Piauí para voltar ao predileto passatempo de sua infância, razão pela qual, ele se aportara ali, em Maitacas, cujos arredores eram ricos em materiais para o seu arriscado ramo de negócio.

Era justamente nesses intervalos, enquanto o caçador de cobras se encontrava nos ermos, incrementando o seu ofício, o Xibanildo ia pedalando os sentimentos da menina Jurisdéia, longe de pensar que estivesse transportando um balaio de cobras.

A essas alturas, a população de Maitacas já começava a cacarejar suas suspeitas contra o estranho comportamento do ciclista, que agora dera de se prender, exclusivamente, às preferências da dita menina. – “E o pior: Bicicleta sem farol!” – observação essa a que o Xibanildo retrucava, citando o exemplo do vaga-lume, que, segundo ele, era uma ave noturna, com um farolzinho muito mixuruca; o qual, apesar de só acender para trás, nunca havia atropelado ninguém e muito menos trombado com coisa alguma.

E era se justificando ante o moribundo tremeluzir de um ínfimo pirilampo, que ele ia se desviando dos óbices que lhe apareciam, até que um dia... o destino colocou em seu caminho um prego, daqueles bem pontudos.

Pestilato, o mercador de ofídios, inteirara-se da maracutaia e, após tomar uma bebedeira descomunal para afugentar a frustração, chacoalhou, mais uma vez, o chocalho, apanhou seu samburá de “mercadorias” e foi à procura do intruso, a fim de um bate-papo informal.

Movido a vapor de canavial, ele ganhou a estrada do Capinzal-de-Baixo, onde, à luz de lampiões, a massa votante ouvia, bestificada, dos prodígios da injeção até o fenômeno da luz elétrica, benfeitorias essas que em nada interessavam ao Pestilato, uma vez que o seu objetivo era se encontrar com o Xibanildo, a fim de se cascavelarem.

Xibanildo, que também acabava de chegar, encostou sua bicicleta e subiu ao palanque. Como era de costume, face, talvez, às suas outras ocupações, ele chegava sempre ao final dos comícios para, também, dar o seu recado.

Dessa vez, porém, ele não conseguiria transmitir sua mensagem, que era sempre uma insinuação às fraquezas femininas.

Pestilato, lá do meio da multidão, avistou-o através de uma cortina de revolta; com ofídica rapidez, ele deslizou entre os circunstantes e aproximou-se do palanque.

Quando o ciclista abriu os braços para saudar o seu público, foi que se deu o maior pandemônio: frente a frente com o seu rival, Pestilato não vacilou: sacudiu o samburá e arremessou-o contra o larápio de sua felicidade. Uma chuva de cobras desabou sobre o palanque.

Foi um quebra-ossos das arábias; mas, apesar dos lucros e perdas, não deixou de ser um espetáculo indescritível; pena que o vereador Olefantino Marambaia não tivesse sido muito feliz na exibição do seu primeiro número de acrobacia: ao voar do palanque na direção de um galho de gameleira que ficava próximo, ele falhou nos cálculos e esborrachou o nariz contra a testa de um cavalo. Enquanto a costureira, dona Maria Tubaroa, mal acabava de engolir duas caixas de alfinetes pelas orelhas, o pescador Juca Xenxém, mesmo não sendo eleitor, requisitaria a benesse de uma boa cabeçada na caixa do peito, ficando totalmente isento de uma incômoda bronquite chiadeira, fato devidamente contabilizado no setor dos lucros e benefícios.

No meio da multidão que se dispersava aos pulos e gritos, Xibanildo se viu encurralado pelo Pestilato, o qual exigia que ele o ajudasse a recolher suas mercadorias, peça por peça, sem faltar uma, pois já estavam vendidas e pagas adiantadamente.

Ante a imperiosa exigência, Xibanildo se meteu capoeira adentro, onde, a despeito da escuridão, escarafunchou tocas e tocos, moitas e buracos, deixando, inclusive, o caçador de cobras encantado com sua perícia na arte de recapturar ofídios desertores.

Até hoje, não se sabe, ao certo, qual o acordo havido entre os dois naquela noite memorável. Mas, dias depois, o pacato Arraial das Maitacas se via beneficiado pelos primeiros sintomas do progresso com o surgimento de uma empresa bastante original, cuja razão social aparecia estampada em letras bem vistosas no frontispício do estabelecimento: “PESTILATO & XIBANILDO – EXPORTADORA DE CASCAVÉIS LTDA”

Assim, todos os dias, sob os olhos espantados da laboriosa população de Maitacas, lá ia o Xibanildo, transportando um balaio de cobras à garupa de sua bicicleta; rastreado por Pestilato, naturalmente.

E, como nem todo mal é mau, tempos depois desaparecia o pacato Arraial das Maitacas, surgindo, em seu lugar, a próspera Vila da Cobras; devendo-se o surto do progresso à nova empresa, que botou jovens, velhos e crianças a catarem cascavéis e outros ofídios peçonhentos de alta periculosidade, invadindo, inclusive, municípios vizinhos.

Nunca um artigo tão temido e desprezível foi tão disputado, atingindo, com isso, as raias do inusitado:

– “Pra dondé que tá ino com esse balaião todo, cumpade?”

– “Vô intregrar essa mercadoria, ali no Intreposto das Serepente”.

Realmente, muitos espécimes raros, catalogados e não-catalogados se desenroscavam em nossas plagas para, novamente, voltarem a se enroscar em vitrines do exterior quando, então, com fino trato, se tornavam as mais charmosas vedetes dos serpentários internacionais onde, também, se prestavam a arriscadíssimas experiências científicas.

Assim, enquanto o sucesso varava o mundo lá fora, aqui mesmo, ali, na pracinha do mercado, em dia de feira movimentada, o azáfama era cruel:

– “Tô de ôio n’ocê; larga, aí, minha cascavele. Bot’ela no lugá dela”.

– “Eu só tava oiano” ...

Mas nem sempre se estava apenas “oiano”:

– “Epa! Sigur’ele aí! Dexa fugi não. Pega! Pega ladrão de jararaca! Pega”! Ou, ainda, em disputadíssimo leilão, com presença de gente de todo lugar, inclusive um gringo oriundo da Noruega, o leiloeiro Chico-Moita

com uma tremenda serpente enrodilhada em volta do pescoço, os dedos cravados na traqueia do animal que já botava um palmo de língua para fora:

– “Quem dá mais”? Tá pôco. Tá pôco. É jaracuçu-pitinga. Peça rara! Quem dá mais? Tá pôco! Dô-lhe uma... Dô-lhe duas... É serepente sassina, carregada de piçunha malfazeja até na ponta do rabo! Vale ôro! Quem dá mais? Dô-lhe uma... Dô-lhe duas... e... Dô-lhe... Três! Vendida, ali, pro cidadão do bigode vermêio!”

E, às vezes, por falta de assunto:

– Comprou alguma coisinha, seu Juca?

– É... é. Comprei. Vou tirar o chucai, mode fazer um chazim. Ali, naquele balai, o preço da cascavel tá bem mais em conta; de já o da jararaca tá pelas hora da morte.

Contudo, no bom diálogo das propostas civilizadas, dependendo da peçonha e da raridade do produto, principalmente se estivesse cotado nas cifras astronômicas do euro, nunca faltavam os espertalhões e os espertinhos bem-informados:

– “T’ái! Oferto uma caninana mojada e duas jibóia graúda nesse fiote de surucucu. Atopa?”

– “É runho, siô! Jibóia é papa-pinto, e cãinanha nunca foi cobra. É minhocão do Itu. Só japonês compra, mode fazê xunxim.

Com isso, ali no Arraial das Maitacas, hoje Vila das Cobras, nunca mais se ouviu falar de eleições.

E era sempre entusiasmado com a realidade de tal progresso que o ex-cabo eleitoral, Xibanildo Gomes, toda vez que despejava nos caixotões o samburá de ratos para engorda de suas serpentes, afirmava com sabedoria de empresário bem-sucedido:

– Inhante é muito mais lucrave infrentá cobra braba, que é vendave, do que se arriscar nas promessa desses candidato, cujo é bem menasmente rendave do que calqué tipo de cumerço.

E justificava o seu sucesso nos negócios com um comercial bastante chamativo:

– Tombém... nossas cobra é as mió cobra do mundo. A murdida mortifa pode inté matá. Mais o preço é bão.

O interrogatório



...e para todas as causas e efeitos, chamavam-no de Tolô.

Mas... Tolô é nome? Tolô... Tolô de quê? Nem ele próprio o sabia. Não tinha prenome nem sobrenome. Atendia por esse vulgo, o qual, também, ele já não tinha mais lembrança de quando ou de quem assim o chamara pela primeira vez. Ficou Tolô, e, atolado ele ficou, sempre crivado pelos olhares preconceituosos e contraditórias conjecturas da tacanha população de Serrinha das Jabiracas.

Para muitos, que já não guardavam mais a memória de sua presença ali no lugar, não passava ele de um desvalido, abandonado, em criança, por um bando de ciganos que, há tempos, havia acampado naquelas paragens; outros já achavam que não passava de cobra mandada que ali crescera e se criara para finalidades malfazejas.

Contudo, apesar de tanto tempo decorrido, nada do que se cogitava em torno dele vinha correspondendo à realidade. O lugarejo vinha se mantendo na tranquilidade, sem nenhuma alteração no cotidiano.

Desapontando os maus oráculos, Tolô, profundamente amargurado pela sua exclusão da vida social do lugar, foi se isolando em seus trabalhos braçais até se tornar, definitivamente, um indivíduo de poucas palavras e, por consequência, sem nenhum amigo. Enclausurava sua misantropia no mais gritante silêncio da religiosidade e da fé, onde, desde muito cedo, por analogia às suas raízes, tornara-se, com exacerbada submissão, um retinto devoto de São Benedito, de quem

trazia uma minúscula e inseparável imagem de chumbo, presa por um ensebado barbante enrodilhado em volta do pescoço.

Mandingueiro, como não podia deixar de ser, nessa exígua parafernália, portanto, consistia o seu único patuá de fé, utilizado tanto nas rezas e oblações como, eventualmente, nos esconjuros, descarregos e despachos.

Emudecera, por conveniência, é claro; mas não ficara surdo. Ouvia sempre falar de outros santos, mas a nenhum deles dava crédito, por se tratarem, no seu entender, de “visages” arrumadas por carolas e beatas da freguesia, uma vez que ali no lugar, cada pessoa tinha o seu santo de devoção para quem apelava, nas mais variadas atribulações. Era um santo para cada caso.

– Prá quê tudo isso, meu santim? – indagava ele, a mão à altura do pescoço, acariciando entre os dedos magros a preciosa imagem do seu protetor. – Prá quê tanto santo? Um só num basta pra todo mundo e pra toda sorte de desgraça? Eu cá, de minhas parte, só fico c’u sinhô, meu Biniditim do céu. – E jurava, silencioso e contrito, que jamais trairia ou negaria o seu único protetor. Era fidelidade sacramentada; entregar-se-ia, resignado, a qualquer sorte de castigo se, algum dia, por acaso, o contrário acontecesse.

Mas... deixa estar que, nesse ínterim, o delegado Increspôncio Dias mais alguns detetives voluntários já vinham dando tratos à bola ante as inúteis pesquisas e andanças no sentido de deslindarem um misterioso crime ocorrido naquelas grimpas.

Um tal de Zé Vaqueiro havia sido morto, e não se sabia o nome ou paradeiro do responsável pelo hediondo acontecimento.

Mal a notícia se espalhara, um suposto e denegrado currículo do Tolô voltava a dar novas versões à sua tenebrosa biografia:

– “É bicho curtido nas mardade.”

– “Mata só pra vê o tombo”.

– “Sangra e beb’o sangue!”

– “Cujo vi dizê, a ponta da faca dele nem hispitale dá: é do nin-cotere pro sumintero”.

Vai dali, pula pra cá, aperta um parafuso aqui... desata um nó acolá... e o balaio-de-gatos, cada vez mais complicado, só esbarrava no Tolô. E ele sempre negando a autoria do delito, enquanto os detetives voluntários sherloquiavam suas suspeitas:

– “Simpres, meus caro cumpade. Muito simpres. Basta oiá na cara dele”.

– “Só no ter ele batido na porta do Zé Vaquero nas calada da noite cuma dizem”...

– Num adianta iscarafunchar mais nada – concluiria, exausto, o delegado Increspôncio. – Todos caminho já dero na venda. Só há um culpado.

E como, por falta de provas, não pudesse engaiolar o suspeito antes de encaminhá-lo ao juiz, convidou-o a comparecer no distrito para um bate-papo informal.

Com a serenidade peculiar dos inocentes, Tolô se aproximou da mesa da autoridade:

– Cá tô eu, dotore Increspônces...

O delegado, que já não suportava a obsessão de obrigá-lo a confessar nos moldes da casa, segurou as pontas de sua convicção e encarou-o:

– Seu Tolô, seu Tolô... Não me faça perder a tramontana. Bom para a Justiça e melhor para o senhor.

– Pur conta disso, aqui tô eu, seu dotore.

– E então? Vamos com calma. De que arma se utilizou o senhor para matar Zé Vaqueiro?

– Arma? Nunca fiz uso de arma nenhuma, não sinhere. Só pissôio essa faquinha sem ponta mode picá fumo de rolo e cortá paia de pito. Dispois, nos conforme qui vi dizê, Zé Vaquero num morreu c’u faca nem c’u tiro. Foi c’u mindioca.

– Seje. – concordou o Increspôncio. – Com uma mandiocada na nuca. Ali, naquele canto, a arma n do crime.

– Vixe! – escandalizou-se o Tolô!

Intencional, o delegado voltou a fitá-lo:

– O senhor, que trabalha por aí nas plantações de mandioca, já viu alguma outra igual?

– C’aquele tamãe e grussura, não sinhore. – Coitado do Zé!

– E sabe o que andam dizendo? Que o senhor estava com ele na noite do crime.

– Eu!? Eu nunca S’imbenguei cum Zé Vaquero. Cunvessa fiada dessa gente. Se nem leite ô carne de vaca eu apreceio, pra que hovero eu de m’impencar com Zé Vaqueiro?

O delegado começava a ganhar terreno:

– Nada de evasivas inúteis, seu Tolô. Há quem afirme ter visto o senhor em companhia dele naquela noite. Testemunhas não faltam.

– Qui tistimunha, dotore? Eu só tem uma tistimunha nessa vida: É o meu São Benedito. É só cum ele qui eu ando por aí tudo. Só cum ele e mais ninguém. Num tiro ele do meu pescoço nem condo vô drumi. Só ele é minha tistimunha.

Foi então que, num feliz reflexo, o delegado apontou para um crucifixo na parede:

– E... por falar em testemunha, sabe quem é aquele ali pregado?

– Vi dizê, sim sinhore.

– Sabe o nome dele?

– Sei sim sinhore. Mim falaro.

– Sabe, também, quem o colocou naquela cruz? Dois de seus melhores amigos; os mais fiéis. Um, por tê-lo traído com um beijo; o outro, pelo vacilo de lhe haver negado três vezes.

– Tombém já vi dizer.

Sentindo que trilhava rumo certo, o delegado se encheu de capciosidades filosóficas e argumentou:

– Ali está, portanto, o preço da confiança ultrajada; a vergonhosa herança da traição e do perjúrio! Eis, enfim, ali no madeiro, o que resultou de um falso juramento.

– Tombém já mim falaro – tornou frio, o Tolô.

– E então, jura por aquele homem que você não matou Zé Vaqueiro?

Ante a expectativa da autoridade, Tolô levou dois dedos em cruz sobre os lábios e respondeu com firmeza:

– Juro, sim sinhô. Juro qui num matei!

Nem assim o Increspôncio se deu por convencido da inocência do suspeito. Encarou-o com olhar inquisitório e arriscou sua última cartada:

– E esse seu colega... Esse tal de Benedito...

– “Tale” de Binidito, dotore? Qui pecado! É “São” Binidito dos preto! O santim de minhas orige.

O delegado exultou:

– Pois é. São Benedito! Esse mesmo. – E flechou: – Jura, também, por ele que você não matou o Zé Vaqueiro?

Tolô estremeceu. Uma gota de suor gelado escorreu-lhe da testa e foi parar na ponta do nariz.

– Seu dotore... Gemeu ele.

– Jura?

– Eu num posso...

– O quê!? Você não jura por São Benedito, desgraçado? Vamos! Jura! Não Jura?

Tolô acabava de se atolar até o pescoço. Os dedos nervosos, suplicantes, mas convictos da absolvição divina, agarrados à preciosa imagem do seu santinho:

– O sinhore vai mim disculpá eu, seu dotôre; mais eu num vô farsia c’u meu santim não sinhore.

– Abissínio das arábias! – vociferou o Increspôncio. – Não jura? Pois vai jurar na marra! – E levantou-se, já disposto a atracá-lo pela garganta: – Jura ou não jura?

– Num juro!

– Jura, filho da puta!

– Neeiim!...

– Pois vai jurar. Juro que vai. Jura ou eu juro que lhe enfio aquela mandioca até tu soltar um saco de farinha pelas orelhas.

E o Tolô todo trêmulo:

– Jurá, eu num juro, seu dotore. Mais confesso qui matei Zé Vaquero. Matei. A mode qui ele dibicava do meu santim, eu sapequei a mandioca nele. Agora pode mim prendê; vou pra cadeia c’u todo gosto; filiz só no pensar qui num caí im vacilo adiante do meu Biniditim, justo o qual eu num farseio nem c’a mindioca atochada na gaiganta!

Nota do Autor:

Esse causo pitoresco foi inspirado em um fato verídico ocorrido com o ilustre e saudoso Juiz de Direito, Dr. Martiniano Lintz, ao tempo em que ele, em início de magistratura, empunhava a espada da Justiça na defesa das nobres causas em nosso bucólico interior espírito-santense.

Os nomes do lugar e dos personagens são fictícios, mas, invertendo o dito pelo não dito, preferimos dizer que, com relação a eles, qualquer coincidência terá sido autêntica semelhança.

Caifás

Século XX



Tendo feito o seu acidentado giro, a bola do juízo espirrou na ponta de um taco descalibrado e se foi encaixar exatamente dentro de um palco, onde o Grupo Teatral Amador “São Vicente de Paulo”, de Colatina, desenvolvia suas atividades cênicas no ramo de chanchadas e dramalhões, muito ao estilo e ao gosto daquela época.

Resistindo, heroicamente, ao descaso dos Poderes Públicos, um grupo de abnegados idealistas mambembava na base da improvisação e dos aplausos de uma fiel plateia que, durante a década de 60 até metade dos anos 70, superlotava o vasto auditório do Cine Idelmar em noites de representações.

Raça, coragem e entusiasmo levariam o grupo a encenar, razoavelmente, dentro de suas limitações, peças de altissonantes renomes e de atrevidas montagens (“Conde de Monte Cristo”, “Sinhá Moça Chorou”, “O Mártir do Calvário” e muitas outras). Tudo isso sob as batutas dos mestres Filó e Cornélio de França Mello, “O Homem dos 7 instrumentos e das 14 necessidades”, como ele próprio se havia cognominado, uma vez que, dentro do grupo, ele desempenhava inúmeras e exaustivas funções: ator, contrarregra, eletricista, maquiador, maqui-nista... Os outros cargos e encargos (direção, cenografia, ensaios...) ficavam por conta do mestre Filó, que, também, dava “uma” de ator.

E não vá alguém pensar que o Teatro teria sido apenas mera brincadeira. Pelo contrário, era, também, uma espécie de encantamento que, além de atividade lúdico-cultural, se desdobrava para um ar-

raigado psiquismo denominado “Cachaça dos Palcos”. Não confundir com “Palco das Cachaças”, muito embora, na moita de seus camarins, alguns atores e atrizes se valessem do capitoso líquido para encorajamento diante da plateia.

Todavia, se aplausos e elogios compensavam o esforço do trabalho realizado, muitas vezes o pânico rondava os bastidores, especialmente quando imprevistos de última hora ameaçavam boicotar o espetáculo, com, por exemplo, a ausência inesperada de algum ator. Isso, para não falar da incrementação do nervosismo, quando por lá aparecia aquele tipo de batráquio que, mesmo sem ter assistido a nenhum ensaio, pegava vigilância descuidada e entrava pela porta dos fundos, invadindo camarins, azucrinando atores e atrizes, oferecendo seus préstimos ou perturbando o diretor para que lhe desse um papel, ainda que fosse uma “pontinha”, função essa, desempenhada com cabal perfeição por um tal de Zé Matias que, em hora de espetáculo, sempre aparecia por lá, atrás do palco.

E tudo isso, dentro daquela azáfama! No corre-corre mais crucial que antecede a uma representação teatral: a batalha dos bastidores!

E foi justamente aí que a perversa Bola do Juízo achou de causar, também, mais um de seus estragos:

Era noite de apresentação do monumental drama sacro “O Mártir do Calvário”.

Cine Idelmar lotado! Espectadores vazando pelas passarelas; palco e camarins em alvoroço...

Corre daqui, corre pra ali... Notou-se de repente, a falta do ator que interpretaria o papel de Anás, sogro do Caifás, sumo-sacerdote dos Judeus! Caifás já estava ali, desde cedo, dando andamento aos preparativos para o esperado acontecimento: era o mestre Filó. E o Anás? O que fazer sem ele? Transferir o espetáculo, só pela falta de um único personagem cujas falas, na peça, poderiam ser preenchidas pelo próprio Caifás? Mas... Seria prudente deixar o Caifás sozinho dentro do palco, sem a sombra protetora do seu sogro? Quem, pois, iria substi-

tuir o dito-cujo? Todo o elenco já estava comprometido, cada um com seu respectivo papel.

Consultado, o Cornélio apresentou logo a solução:

– Bota o Matias. Roupa e barba postiça do Anás tão ali, no camarim.

– Ah! Não. O Matias...

– Ora, Filó – sugeriu o Cornélio. – Já que ele não vai falar nada, coloca a barba em cima da boca dele. Pelo menos, ele não vai dizer besteira que possa comprometer a seriedade da peça.

Ótima ideia. O Anás entraria mudo e sairia calado.

Mas... Quem disse que o Matias iria concordar?

– Não, Seu Filó. Eu só entro se tiver que falar alguma coisa.

Como não houvesse mais tempo para que o dito decorasse alguma fala, acertou-se que ele acompanharia o Caifás em todos os seus movimentos dentro do palco e, sobretudo, com ouvidos bem atentos, a fim de captar alguma coisa soprada pelo ponto.

Aí, sim, foi que não houve mais sossego nos bastidores: enquanto não entravam em cena, para aonde ia o Caifás, o Anás seguia atrás dele, cutucando-o e indagando a todo instante:

– Quer dizer que eu sou o Anás?

– Isso mesmo, Matias.

– E o senhor...

– Caifás, eu já lhe disse. Caifás.

– Eu sei. Caifás... E então? Meu sogro.

– Genro – corriji. – Lá na peça.

– Eu sei. Mais... Aqui, eu sou o... o...

– Anás, Anás.

– Ta bom, Seu Filó. O Senhor é o Caifás e eu, o Ananás.

– Que Ananás, rapaz?

– Ah! é... pois é. O Anás. Certo, seu Filó. Tudo nos trinquês – e saiu monologando: – “Caifás, Anás... Anás, Caifás” ... e adentrou porta descuidada de um camarim feminino, onde foi energicamente repellido por uma atriz que cuidava de seus últimos retoques para o desempenho do papel da Virgem Maria:

– “Por favor! Dá licença, seu Matias. Preciso trocar minha roupa. Cai fora!”

– “Tudo bem, Dona Piedosa. Sem bronca, sem bronca. Já tô saindo – desculpou-se ele, voltando na minha direção: – Já tá na hora?”

Assim, embutido numa escorregadia túnica de cetim, a cabeça afunilada num turbante oriental e uma barba postiça que fazia lembrar o Almirante Tamandaré da antiga nota de um cruzeiro, o batráquio de bastidores pisaria num palco pela primeira vez.

No transcurso da peça, solene e compenetrado, ele não desviava os olhos do ponto, enquanto o Caifás ia juntando às suas as falas que deveriam ser dele.

De vez em quando ele cutucava o Caifás com o cotovelo e cochi-chava disfarçadamente:

– Deixa uma pra mim.

E o Caifás, sem descuidar do bom andamento dos diálogos, respondia-lhe, entre os dentes, no mesmo tom:

– Aguarde; já vem uma cortinha por aí. Segura!

Mal a tal “cortinha” chegava aos ouvidos do Matias, o Caifás, para não deixar cair a peteca, salvava a cena, açambarcando-lhe a fala.

Era só o Matias abrir a boca, o Caifás logo lhe enfiava uma bucha na toca do vocábulo, deixando-o totalmente calado. E ele já se achava todo em desalinho, de tanto imitar os gestos e mímicas do “genro”; a barba em frangalhos pendurada numa das orelhas, quando, finalmente, a inoportuna Bola do Juízo entrou em cena:

O Mártir do Calvário, magistralmente interpretado pelo saudoso Álvaro Antolini, é levado à presença do Sumo-Sacerdote.

Tensão no Sinédrio! Por mais que Caifás insista em perguntas capciosas, o “Nazareno” se mantém em longo e angustiante mutismo. Anás, então, se inquieta; calafrios invadem o Filó, temeroso de alguma ação intempestiva da parte do dito-cujo.

O silêncio do “Rabino”, no entanto, começa agora, a irritar visivelmente o Sumo-Sacerdote. Matias, mesmo sem saber do que se trata, também fica mais atento.

Depois de certo tempo, o “Mártir” dá, finalmente, uma resposta lacônica, a qual ao invés do Sumo-Sacerdote, parece ter desagradado mais a um soldado romano, que dele se aproxima irritado:

– Então? Ao Pontífice dá-se resposta desacertada? – E bate, pesadamente, com o dorso da mão na face do “rabino”. – Toma! Nesta bofetada, justo castigo terás!

– Nossa! ... – exclama, horrorizado, o Matias, levando as mãos à cabeça depois de benzer-se por três vezes: – “Vige Santa! Cruz im credo”.

Risadinhas discretas na plateia.

O Antolini, com toda a mansidão do “Cordeiro”, volta-se para o romano que acaba de agredi-lo:

Marcos... Se mal hei falado... Se ofendi... Rogo-te... Suplico-te: em quê? – e oferecendo o rosto ao soldado, conclui: – E, se não basta, aqui tens a outra face.

Caifás se exaspera e, nos paroxismos da ira, rasga suas próprias vestes. Depois avança na direção do “rabino” e, com a mão ameaçadoramente levantada, num ímpeto de cólera, brada:

Se não fosse por clemência, justo seria que a quebrasse!

Aí, a ficha caiu: com força inusitada, Matias se atracou furiosamente no meu braço e clamou em desespero:

– Manera, Doutor Caifás! Quem te pede é o Ananás!

Nem seria preciso dizer que a cortina se fechou imediatamente, pondo fim ao espetáculo.

o improviso



Nada de pensar que o Grupo Teatral Amador “São Vicente de Paulo” atuasse apenas em Colatina. No andar da carruagem, recebíamos convites de várias comunidades vizinhas e até mesmo de cidades mais distantes, ao longo da via férrea da Vale do Rio Doce. Uma peça teatral não saía de cartaz sem antes palmilhar por esses rincões em volta.

Assim estava acontecendo agora com “O Segredo do Ferreiro”, dramalhão do Teatro Português, cuja ação remontava aos meados do século XVIII.

Acabávamos de estrear a peça em Colatina e partimos em busca do Velho Itinerário.

Navegando em fios de aço sobre leito de dormentes, por plagas sempre d’antes navegadas, em suas cabotagens terrestres pelos flancos do rio Doce, lá ia o Grupo Teatral de Colatina, conduzindo o hermético segredo de ferreiro, embutido num dramalhão da pátria de Camões.

Dessa vez, o ancoradouro seria a vizinha e hospitaleira cidade de Aimorés.

Acontece que, como em recentes excursões anteriores, levávamos, também, a bombordo, um tal de Tanajura, o qual, por não ser chato, nem batráquio de bastidores, vinha sendo até bem tolerado pelo grupo. O seu “fraco’ eram as viagens. Se o vento lhe soprasse nas antenas que a troupe ia viajar, era sempre o primeiro a chegar na estação, onde comprava logo a sua passagem.

Durante as encenações, em algumas vezes ele ficava na plateia e, em outras, saía à procura de algum boteco, visto ser usuário de uma sacarose mais concentrada.

Nesse vai-e-vem, já bastante familiarizado com a turma, ele colaborava no transporte de malas e de outros apetrechos teatrais como cenários, cortinas, vestimentas etc. Enfim, um indivíduo superprestativo, incapaz de negar algo que lhe fosse solicitado.

Acontece, porém, que, naquela linda manhã de sábado, na hora da partida, o pânico voltou a rondar a plataforma da estação: Cornélio acabava de fazer o “confere”:

– Tá faltando o Expedito – Informou ele. – Aquele pingüço irresponsável!

Clamor geral! – E agora?!...

Como sempre, o Cornélio encontraria a solução:

–Ele não vai fazer falta nenhuma. Um “papelzinho besta” daquele qualquer um pode fazer.

Realmente. Qualquer “um”, desde que, tivesse uma boa memória para, em tempo “record”, enfronhar-se no pequeno texto destinado ao criado da peça, o tal de Expedito.

Complicação à vista: – Quem faria, então, o criado?

–Olha aí, o Tanajura. – Tornou o Cornélio. – Dá o papel prá ele.

É verdade que ninguém viu os olhos surpresos e esbugalhados do dito cujo, vedados pelos tremendos óculos pretos de aros brancos; mas deu para se ouvir a sua exclamação de espanto:

– Eu?!... Logo eu?!

– Você mesmo Taná – intervim, apoiando a indicação do Cornélio. – É coisa pouca e fácil. Rapidinho, você aprende.

– Será?! – indagou ele, mais para “o querer” que pelo “não-aceitar”. – Num vô intrapaiá a brincadeira d’ocêis?

– Atrapalhar nada. Você vai ajudar – procurei sensibilizá-lo. – Então?

Ele pensou por uns segundos e respondeu:

– Vô inspromentá. Que qui eu tenho qui fazer?

– É fácil. Você entra no palco e diz: “Mestre Euzébio, venho informar da parte do Comendador Vilela que o alcaide acaba de chegar”. Só isso.

– Só? Esses nome difíce que eu nunca vi. Vô esquecer tudo.

– Esquece não. É só lembrar que o Mestre Euzébio sou eu. Os outros nem aparecem. Você vai falar só comigo.

– Tá bõ, seu Filó.

– Mas só lhe peço uma coisa muito importante – lembrei-me. – Até a hora do Teatro nada de bebida. Cachacinha, nem pensar, – Dá para aguentar?

Ele coçou a cabeça:

– Dá sim. Vai dar.

– Combinado?

– Combinado, seu Filó.

Rápido, então, antes que o trem chegasse, escrevi numa tira de papel o pequeno texto para que ele fosse decorando durante a viagem.

É verdade que ele atropelava o vernáculo, mas conseguia ler alguma coisa. Quanto a decorar... Só o tempo iria dizer.

Partimos. Ele, com a tirinha de papel presa entre os dedos, foi sentar no último banco do vagão onde, em voz sussurrante, se pôs a ler e a gesticular com notória desconexão entre as mímicas e as palavras, o que acabou atraindo a atenção de alguns passageiros:

– “De premero, esse trem num carregava doido”.

A composição já havia passado pelas estações de Santa Joana e de Itapina quando, de repente, lá detrás, os gritos do Tanajura me chamando:

– Mestre Euzébio! Mestre Euzébio! Corre aqui!

Lavantei-me, às pressas e fui até ele:

– “Mestre Euzébio” é só no palco – lembrei-lhe em voz baixa. – Aqui eu sou Filó.

– É sim... eu sei. Mais... . Vê se eu já aprindi alguma coisa.

– Fale.

Ele dobrou a tira de papel entre os dedos e soltou essa:

– Mestre Alcaide, venho informar da parte do Comendador Euzébio...

– Nada disso – corriji novamente. – Vá com calma. Continua lendo; até a noite, você já estará no ponto.

Voltei para meu lugar, deixando-o às voltas com sua leitura até chegarmos em Aimorés.

A apresentação seria num colégio de freiras, onde fomos muito bem recebidos pela diretora que, além de outros suportes logísticos, deixou à nossa disposição um zelador do próprio educandário para nos auxiliar no que preciso fosse.

Tudo resolvido, tudo e todos acomodados, passamos ao reconhecimento do terreno, através das marcações do palco para posicionamento, entrada e saída dos atores.

Tanajura faria um ensaio à parte. Por incrível que se possa acreditar, ele já havia decorado o papel, de cor e salteado. E, como iria contracenar apenas comigo, ficamos os dois lá no palco, quando, então, passamos e repassamos, inúmeras vezes, a mesma cena, ocasião em que lhe pedi para retirar aqueles óculos pretos tão destoantes do seu papel e da época em que o drama era vivido.

Imagine-se: um criado do século XVIII com aquela anacrônica cangalha em cima da cara!

Ele, então, esquivou-se, alegando que os fortes reflexos da ribalta estavam perturbando, dolorosamente, as suas vistas; mas, logo à noite, no momento de sua cena, ele os tiraria.

Encerrados os preparativos para a representação, o que fazer, agora, para matar o tempo?

Ocorre que no grupo havia, também, bons farejadores. Descobriram que o tal zelador do colégio conservava, amoitada, em seus guardados uma garrafa da preciosa cachaça “Tabaúna”, também conhecida na região com “Néctar dos deuses do rio Doce”.

E, por ser a dita relíquia de leveza e sabor incomparáveis, não foi pesado nem amargo para boa parte do grupo mandar a falsa moderação para os bastidores e esvaziar todo o conteúdo do “divino” invólucro.

Em abstinência induzida, o Tanajura havia ficado lá no pátio, deitado à sombra de um oitizeiro, onde, cômico da responsabilidade do seu papel, monologava com as folhagens: “Mestre Euzébio, venho informar, da parte do...”

Enquanto isso, a descoberta da cachaça não poderia ter sido mais oportuna: como nossas gustativas papilas ainda absorviam aqueles saborosos eflúvios dos alambiques, entendemos de suplementar a coragem e debandar a timidez na base da dita “Tabaúna”.

O zelador ficou de trazer uma nova garrafa, logo à noite, na hora do “Segredo do Ferreiro”.

No entanto, chegou a noite, e, com ela, a hora do espetáculo; mas nada do zelador e, muito menos, da “Tabaúna”.

Inquietei-me, evidentemente. Cornélio e outros membros da confraria também resmungavam, contrariados:

– “Enrolo daquele cara!”

Foi então que, adveio o Tanajura, dizendo que o homenzinho estava demorando porque tinha ido buscar o produto lá no Bairro da Igrejinha, bem longe dali, no fim da cidade. E, como não havia charrete de passageiros àquela hora, ele teria ido a pé e só voltaria no mesmo veículo.

O jeito era começar o espetáculo a seco. Mesmo porque a plateia já estava ansiosa por conhecer o “Segredo do Ferreiro”.

Como Tanajura só entrava no fim do terceiro ato, determinei que ele ficasse na porta dos fundos, aguardando a volta do zelador.

Passaram-se algumas cenas, com sucessivas entradas e saídas de atores. Alguns ainda resmungativos. Também eu, quando saía do palco, olhava lá para os fundos, e, nada de “Tabaúna”. Só o Tanajura, de costas, com a tira de papel entre os dedos e gesticulando para a porta fechada: – “Mestre Euzébio, venho informar...”

Aproximei-me dele:

– Nada? – Perguntei-lhe, impaciente.

– O home foi buscar. Já vem. Quando chegar eu aviso.

Voltei à cena. Caiu a cortina ao final do primeiro ato e... nada!

Tanajura veio ao meu encontro:

Já deve tá chegano pur aí. Fica no sussego, seu Filó, e iscuta só mais essa.

Raspou a garganta e, como papagaio declamador soltou o verbo: – “Mestre Euzébio, venho informar, da parte do Comendador Vilela, que o Alcaide acaba de chegar”.

Graças! Aquela já era uma preocupação a menos. O Homem estava tinindo! O papel decoradinho, na ponta da língua. E acreditem: sóbrio como todo abstêmio!

Mas... E a “Tabaúna”?

Abriu-se a cortina para o segundo ato. Agora, a minha parte, em cena, seria, ainda mais demorada.

Lá pelas tantas, sozinho, mergulhado nas amargas abstrações do Mestre Euzébio; um ferreiro malhando um ferro em brasa e suando por todos os poros, remoía o seu recôndito segredo, ante tensa expectativa da plateia.

Súbito, uma estrondosa gargalhada. Olho para um lado, e o que vejo? Aquela marmota!

Era o Tanajura. Haviam-lhe arranjado um camisolão de mangas fofas que lhe engoliam as mãos; um pimpão de cetim listrado, preso aos joelhos pelos meiões encardidos que deixavam à mostra toda a cambotice de suas pernas magras sustentadas por um robusto par de botinas; isso para não falar daqueles indefectíveis óculos pretos de aros brancos que ele se esquecera de retirar antes da cena, conforme prometido. Coisa macabra!

Uma criança amedrontada se esgoelou lá no auditório; a plateia se desmanchava em gargalhadas.

Trôpego, mas serelepe, depois de uma desengonçada reverência coreografada por ele mesmo, Tanajura atirou o boné por cima da plateia e, soltando um bafo de tigre na minha direção, foi logo dizendo:

– Mestre Filó...

Senti o cheiro da “Tabaúna”. Só aí, então, percebi que havia deixado um macaco tomando conta de um cacho de bananas. Reproativo, encarei-o:

– O quê?! Mes-tre-Fi-ló?!
– Oh! Não – corrigiu-se ele, após os risos da plateia. – Mestre Euzébio, quero dizer.

– Ah! Muito bem. Então?

Tanjura ajustou os óculos sobre o nariz e falou:

– Venho informar, da parte do senhor contraventor Euzébio... .

Gelei, confesso. Mais risos no auditório.

Jamais eu teria imaginado que, algum dia, fosse passar tamanho aperto dentro de um palco. Enfim... ossos do ofício!

– Eim ?! Como? – indaguei novamente. – O que foi mesmo que o senhor disse?

E ele, cada vez mais embaraçado:

– Pois é... acaba de chegar.

Tentei ajudá-lo sem que a plateia percebesse:

– Já sei. O senhor quer dizer que alguém acaba de chegar.

– Isso mesmo, mestre Vilela – balbuciou ele.

– Ótimo! Já sei de quem se trata. Se for quem eu estou pensando...

Ele soltou uma risadinha idiota:

– É isso mesmo, Mestre Euzébio. Acertou inribita da pinta! Acaba de chegar.

– Sim... mas... afinal, quem acaba de chegar?

– A Tabaúna, respondeu ele, com a voz já bastante pastosa.

Era preciso aguentar as pontas:

– Ah! Sim! Bravo! – exultei, aliviado, cuidando que me houvesse ocorrido uma ideia repentina que sanasse de vez, a crucial situação: – Madame Tabaúna... É isso! – improvisei – Já sei de quem se trata. Irei vê-la num instante.

Mas, para evitar dúvidas e assegurar melhor compreensão da plateia e, mesmo sabendo que, em certos casos, um “improviso” pode salvar toda uma representação teatral como também provocar uma catástrofe, resolvi, por medida de segurança, arriscar mais um “caco”: encarei o Tanajura, que me olhava com olhos de caburé na escuridão, diante dos faróis acesos de um carro. E ordenei:

– Pois vá e peça a madame Tabaúna para...

– Que madame, seu Filó? – Atalhou ele. – É a pinga, que acaba de chegar. A “Tabaúna” que o senhor pediu! Ta lá dentro. Vai dipressa, Sinão acaba!

Não só a “Tabaúna” estava acabando. Tudo, ali, teria que acabar naquele exato momento. Não havia mais clima para espetáculo, já que a plateia naufragava em gargalhadas.

Pedi, então, que fechassem, imediatamente, a cortina, bem antes do tradicional “THE END”.

Surpreendentemente, para alívio do grupo e consagração da performance do Tanajura, o público, agora, aplaudia de pé.

Enquanto boa parte dos espectadores confessava ter adorado o final da peça, outros, acreditando que tudo aquilo fizesse parte do “Script”, apostavam que o único segredo do ferreiro, revelado pelo criado, estava, indubitavelmente, ligado aos insondáveis mistérios dos canaviais.

Cão *versus* cachorro



Com o correr dos anos, mais precisamente nos meados da década de 60, passamos, também, a alambicar a “Cachaça dos Palcos” no recôndito dos freixos do rio Doce, mais precisamente na Escola Agrotécnica Federal de Colatina, hoje Instituto Federal do Espírito Santo-Campus Itapina.

Ali, por se tratar de um educandário, era apenas “Cachaça dos Palcos”. Nada de “Palco das Cachaças”.

Licenciado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina, eu me tornei professor daquela casa de educação, onde passei a atuar em tempo integral, no regime de 40 horas semanais.

E, como não me houvesse curado da “Síndrome das Ribaltas”, ali passei por longos trinta anos entre disciplinas curriculares e atividades extraclasse, conseguindo montar inúmeras peças e vários grupos teatrais, sempre renovados, uma vez que, a cada três anos, com o final do Curso para os alunos do terceiro ano, dissolviam-se os conjuntos já formados. Ocasão em que se repetia a árdua tarefa de garimpar novos talentos e notáveis canastrões oriundos da ganga bruta do primeiro ano, que, agora, se incorporava ao quadro estudantil da Agrotécnica.

Bom número de alunos adorava participar do teatro. Alguns deles, beneficiados por proveitosa “chantagem” pedagógica: a de não ter nota reprovativa bimestral em nenhuma das disciplinas do currículo.

Veza por outra, professores e professoras também mostravam seus talentos no desempenho de algum papel. Destaque para o profes-

sor Pinotti, sem dúvida um insofismável talento, violentamente atingido pela tal “Síndrome das Ribaltas”.

Versátil, por excelência, ele encarnava, de maneira convincente, diversos tipos de personagens em suas mais variadas linhas de ação.

Era daqueles a quem se podia confiar qualquer papel, embora, em algumas vezes, ele fosse até meio desligado em cena, como ocorreu por ocasião da estreia da peça “Rosas de Santa Terezinha”.

Com aquele seu jeitão mineiro, nascido no Espírito Santo, mas honrando o sotaque italiano de seus ancestrais, dessa feita ele desempenharia o papel de um rústico aldeão, patologicamente apaixonado por uma bela e delicada camponesa.

Carrapiço era seu nome na dita peça e Águeda, o nome de sua distante e intangível amada, a qual mantinha em segredo suas preferências sentimentais por um fidalgo rico e mal-intencionado.

No triângulo amoroso circunscrito na periferia da trama, Carrapiço descobre que o tal fidalgo vem raptar a sua amada na calada da noite.

Mesmo na condição de preterido e, para evitar tal desatino, ele se põe de atalaia, a fim de sustar a ação do malfeitor.

E é exatamente aí que a perversa “Bola do Juízo” entra, intempestivamente, em cena:

Acontece que, na peça, o Carrapiço, escondido em sua tocaia, sofrido, preterido, amargurado, depois de um longo suspiro, avança alguns passos e, soluçante, fala para a porta fechada da casa de sua amada: – “Águeda! Águeda! Apesar de tudo o quanto me tens feito sofrer, aqui estou para guardar-te a honra como um cão guarda a casa do seu dono”.

Tudo muito bem. Até mesmo na sucessão de ensaios, o Pinotti já vinha vivendo, com tocante realismo, o papel do sofrido aldeão, e, de quebra, com o seu texto decoradinho, dispensando a ajuda do ponto.

Entretanto, uma contundente disфонia vinha agredindo a sonoridade dos seus monólogos, o que sempre provocava discretas chacotas entre alguns componentes do próprio elenco.

Apesar de sua excelente dicção, ao pronunciar o vocábulo “cão”, o Pinotti, então, dizia “com”, como diriam alguns italianos de determinadas regiões do nosso estado... “como um “com” guarda a casa de seu dono.” Era assim que ele falava. Um “com”. Mas... de cachorro, mesmo, nada!

Aquilo, também, já começava a incomodar-me. Mas... Como pedir-lhe que corrigisse a tal pronúncia?

Ético, zeloso em não provocar constrangimentos em conversas informais e, com cuidadosa sutileza, eu o induzia a repetir vocábulos terminados em “ão”.

E ele, em boa e sonora fonação, sem perceber as estratégias, ia expressando, de maneira límpida, vocábulos contidos em frases com: “frango da “Perdigão”, piadas de “Salão”, gols do “Vascão”... por ser ele vascaíno... Nesses termos, nada de perdigom, nada de vascom.

Mas... o tal ininteligível “com” do cão... sempre presente nos ensaios.

Já que o meu atalho didático estava bloqueado e que a mim não competia dar “uma” de ortolaringologista, o que, certamente, não seria o caso, tocamos os ensaios e deixei que a coisa continuasse daquele jeito. Possivelmente, nem o público iria perceber, considerando o bom número de italianos esperados para a estreia da peça.

E chegou, finalmente a hora da apresentação da dita peça.

Auditório da Agrotécnica superlotado!

Corre-corre silencioso nos bastidores.

Pinotti, concentradíssimo, entrava em cena e dela saía sob calorosos aplausos da plateia.

Contudo, ainda não havia chegado o crucial momento da fala tirânica: “... Aqui estou para guardar-te a honra como um cão guarda a casa de seu dono!”

Foi então que me ocorreu a palavra salvadora. Fui até o Pinotti, que aguardava o momento de retornar à cena e falei-lhe, quase numa súplica: – Rapaz, tive uma ideia! Troca aquela palavra “cão” por “cachorro”. Vai ficar melhor. Ele concordou com um movimento de cabeça:

– Tá bom, professor.

Senti-me aliviado. Havia tirado um osso da garganta.

Pinotti voltaria à cena e, por ser ele muito distraído, lembrei-lhe mais um vez: – “Cachorro, eim, Pinotti!

Com um novo “sim-senhor”, ele penetrou na penumbra noturna do palco. De um rompimento lateral, eu observava seus movimentos dentro da cena: primeiro, ele engatilhou a espingarda e conferiu apon-taria; depois, olhou, misteriosamente, em torno e, sob intensa expecta-tiva da plateia, voltou-se para a porta fechada da casa de sua amada, a fim de reafirmar a promessa de sua zelosa guarda.

Ainda uma vez, sussurrei num cochicho, por trás do cenário:

– Cachorro, Pinotti... Cachorro!

E ele, enfatizando as palavras, liberou seu dissabor no tal monólogo:

– Águeda! Águeda! Apesar de tudo o quanto me tens feito sofrer...

E eu, aflito, lá atrás:

– Cachorro, Pinotti. Cachorro...

E ele, continuando:

– Aqui estou para...

E eu, já engatinhando, quase num gemido:

– Cachorro, Pinotti... Agora!

Quando ele, então, completou:

– Aqui estou para guardar-te a honra como um cachorro guarda a casa do seu “com”!

A plateia que já se comovia, às vésperas das lágrimas, retroagiu seu sentimento de dor numa benéfica e explosiva gargalhada.

Quanto a mim, confesso que também achei muita graça no mo-mento; mas fiquei com o osso do tal “com” na garganta.

O apito de OURO



Após sucessivos tropeços na tentativa de uma profissão dos seus agrados, Bilinho Rosa entendeu que o que lhe estava faltando era o aceno de uma vocação. E, ali mesmo, em Tatu Assado, foi consultar uma cartomante.

As cartas espalhadas sobre a mesa, a mulherzinha de olheiras encarvoadas, após fitá-las, detidamente, pôs mistério nas palavras ao voltar-se, novamente, para ele;

– Meu filho! Vejo um futuro brilhante a lhe acenar: Você será juiz de futebol.

Bilinho, que nunca havia entrado num campo de futebol, estremeceu:

– Cuma?!... Juiz? Eu? De futibole?

– É o que lhe afirmo – respondeu a cartomante. – Siga em frente e verás que as carta não mente jamais.

Cheio de crenças, Bilinho já saiu dali para dar tratos à vocação. Comprou, logo, um apito e saiu apitando pelas ruas do vilarejo de Tatu Assado. Começou como grilo de fresta de parede e, após pegar embocadura, já estava soprando forte, como guarda de trânsito de cidade grande.

E, tanto soprou, tanto apitou que, certo dia, de passagem por ali, o fazendeiro Castorino Piedoso se impressionou tanto com sua arte que, por considerá-la oportuna, dele se aproximou:

– Taí, seu artista! Agradei do seu apitar. É um subio cumprido, maci, e de bão escutar; entra num ovido da gente e sai na oreia do outro lado sem ranhá.

– O sinhô gostô? – indagou o Bilinho. – Fico sastifeito que o sinhô valorizô.

Pois é... num ranha. A mod’isso, muita gente aqui, no Tatu Assado, até já mim agarantiu que um dia eu vou ganhá um apito de oro.

– E muito bem miricido. – Apoiou o Piedoso. – Eu, cá de minhas parte, apriciei bastante. – E contratou-o como juiz, para desescalacrar umas “inhanhas” futebolísticas em sua fazenda de Casa Caiada, na região inóspita do Palmital do Bugre.

Estava em pandemônios a cachola do Piedoso! Tais “inhanhas” sempre empatadas por hiperbólicas goleadas, de há muito vinham sucedendo entre as rusguintas equipes do Bode Azul Futebol Clube, das terras do seu vizinho Duquinha Chaves e a do Casa Caiada Esporte Clube, com sede do mesmo nome e da qual ele era presidente fundador.

As eleições se aproximavam, e os dois fazendeiros, que também eram candidatos, procuravam, a todo custo, uma solução para a “inhanha” e, assim, assegurarem a confiança de seus angustiados eleitores, cujos comentários já começavam a preocupar:

– “Só voto no candidato do time que ganhar.”

– “Eu tombém. Seje Casa Caiada, ô qui seje Bod’Azule. O que ganhá.”

– “Agora – pensava o Castorino Piedoso, de regresso a Casa Caiada. – Com a contratação de um juiz sem partido, a “coisa” disincalacra ô s’incumbuia d’uma vez!”

A notícia da contratação de um juiz da FIFA (Formação Iscrusive de Futebole Arretado), entidade fundada pelo próprio Bilinho Rosa, incrementaria ainda mais, o interesse pelo desempate entre as duas agremiações, bem como as expectativas da grande massa de torcedores. Por isso, cada time procurou reforçar, ao máximo, e seu elenco, através de sigilosas contratações de impacto.

O Bode Azul já havia atraído para suas cores a competência de um certo Chico Tobias, um crioulo nas medidas de um guarda-roupas de casal, e com o peso de uma caçamba de fenemê carregada de parale-

lepípedos e, cuja especialidade era o uso da patada cavalariça na cobrança de faltas a longa distância. Pênalti? Nem é bom falar. A bola, quando saía do seu pé e passava pelo goleiro, a rede nem tremia; constatava-se a feitura do gol através, apenas, do rombo nela deixado.

– “Penas cuchicutubia bate ninguém pega!”

– “Nem rede de arame frepado segura as bola dele! – comentavam.

E as unhas formidáveis! Semelhantes as duas grossas e retorcidas cascas de jacarandá incrustadas nos dedões dos pés e vazando pelas biqueiras das botinas? Eram, de quebra, assustadoras verrumas das quais se dispunha ele para extrair tornozelos adversários.

Contudo, a parafernália apresentava, ainda, uma séria problemática: todas as vezes em que o chutador atuava, as partidas eram sempre interrompidas pela ausência da bola, que desaparecia nas distâncias da guaximba. Mesmo com o revezamento de duas ou mais bolas, maior ainda se tornava o atraso; problemática que levou a mente precavida do fazendeiro Duquinha Chaves a introduzir uma inovação no Futebol: “o gandula montado” ; função para a qual foi designado o vaqueiro Geraldo Paco-paco, que era quem melhor montava na região. Era o Tobias soltar a botina, lá ia ele, a todo galope, rastreando a trajetória da “gorduchinha” que, logo, era reconduzida ao gramado, onde voltava a receber os mimosos tratos do tal Tobias.

Assim, com a formação da poderosa dupla, estava engendrada a supercatapulta com a qual o Bode Azul iria descascar os rebocos do Casa Caiada Esporte Clube.

Mas, deixe estar que, ali, em Casa Caiada, astúcias forasteiras nem sempre passavam pelas cancelas sem, antes, tropeçarem nas astúcias de quem ali morava.

O fazendeiro Castorino Piedoso também já havia providenciado a arma secreta com que iria recepcionar o adversário: acabava de requisitar os préstimos de um tal Crispim Pé de Galo, que não era de ciscar perdido em disputas de bola, uma vez que, nem para dormir, ele se separava de um estraçalhante par de esporas com as quais ele domava burros xucros para fazendeiros na região e, ocasionalmente,

se requisitado, com elas participava de várias rixas futebolísticas, das muitas ali realizadas.

– “Qui ele vai distrinchar as canela do Chico Tubia, isso vai. Presta assunto no cotô falano.”

– “Lascôs’s’ o Bod’azule!”

– “Pode qui sim, pode qui não. Nos conforme cotô sabeno, o juiz c’aqui invem mod’apitá o jogo, num é de froxá as corda.”

– “Bagunçô cum ele... tá fora!”

– “Já ganhô até apito de oro!”

– “Falaro que ele é diplomado. – Da Fifa!”

– “Quem falô?”

– “Ora quem! O véi Castorimo. É ele qui tá ispaiando por aí. Com essa história de apito de oro. Ele inté pidiu mode nós tudo chamá o juiz de “incelença”.

– “Vê só.” Seu incelença”... da Fifa.”

– “Qui Fife ? Di Fife ô não cum Fife, aqui, ele vai tê c’andá na linha.”

– “Justo! Mode qui el’apitá fora dos rejume, nós invira a bunda dele pra frente.

E dentre os curiosos:

– “Ispia lá, Esperantino; quem é aquela veiona gorda que acaba de chegar muntada em riba de um animale?”

– “É a dona Iscolata, a madrinha do Bode.”

– “Huuuumm”!

– “E aquela jarrona de metale de baixo do braço dela?”

– “Eta munhê instupe! Aquilo é o trofele. E ela que vai entregar pro time que ganhá.

– “Huuuumm! Trofele. Pensei que era água benta mode batizá o bode.”

E já choviam as apostas. Inclusive, o fazendeiro Duquinha Chaves enviara, com antecedência, um representante do Bode Azul para, junto ao Castorino Piedoso, formalizar, também, a sua aposta.

Era a “fezinha” da peãozada miúda atrelada à “fezona” dos manda-chuvas graúdos. Todos em busca de um mesmo objetivo: des-

cobrir quem tinha mais poder; se as esporas dilacerantes do Crispim Pé de Galo, ou se as alucinógenas cascas de jacarandá incrustadas nos dedões do tal Tobias. Fato era que a desavença não poderia mais ficar no empate. Era decisão final a ser confirmada nas urnas.

Foi esse o clima encontrado pelo Bilinho Rosa naquela tarde de sábado, tão logo ele desembarcou do carro de boi no terreirão do Castorino Piedoso; o qual, após ligeira confabulação de pé-de-orelha, arrastou-o para dentro de casa, deixando do lado de fora as conjecturas de alguns torcedores desconfiados.

– “Viu essa?”

– “Vai comprar o juiz”.

– “Se num já comprou, vai comprar.”

– “Ah isso já. Num aduvido nada. Aquilo é véi véiaco. Só é “piedoso” no nome.”

– “Ta querendo ganhá eleição. Será que ganha?”

– “Sei lá... mintiroso, eu sei que ele é. Bota butina no pé de vento.

– “Joga capuera com macaco inriba dos gai sem caí no chão.

– “S’inhante, o véi Duquinha Chave num passá a perna nele.”

– “C’o quê! Ali é raposa caçano raposa.”

Enquanto isso, Castorino e o juiz continuavam enfurnados. Aventou-se até a possibilidade de que se enviassem espiões ao interior da residência, a fim de captarem o “papo” dos dois. Negativo. Um peão que havia passado por trás da casa, regressava para informar que o fazendeiro fora apenas mostrar o banheiro ao chegante.

– “Num sei mode quê tanta demora!

– “Cum tanta moita desacupada aí, nos camim.

– “Ele foi, tombém, beber um refresquim de jinipapo e botar vistuare própis. Mas já ta vino.

Realmente. Bermudão quadriculado descido sobre os joelhos e nivelados às bordas dos altos meiões zebrados, camisa de cetim brilhante, gravata borboleta pintadinha, boné xadrez, chuteiras de travas altas, apito pendurado no pescoço, reapareceu, sob aplausos dos presentes, a ínclita figura de “seu incelença, o arbitro”; o qual, logo

de cara, escamoteou, acintosamente, os dois cartões disciplinares que acabava de tirar do bolso traseiro.

– “Tô falano? – cochichou alguém. – Ispia lá, o vermeio!

– “É ali que mora o pirigo!”

– “Óia lá, dipindurado no pescoço dele. “Que cô falei? O apito de ouro. Vale uma nota roxa!”

– “Dessa veiz, o véi Castorino num mintiu pra nois.”

Preocupado, Castorino perguntou: – E os banderinha, seu juiz?

– “Num faiz deferença – respondeu o dito. – Já to di ôio im tudo.

Então, sob tremendo foguetório, dirigiram-se ao local da contenda, onde, desde cedo, as duas equipes faziam o preaquecimento nos vários butecos improvisados às margens do gramado.

Reunidos no centro da cancha, Bilinho convocou, também, a presença dos presidentes das duas agremiações quando, então, em exaustiva preleção, alertou a todos para sua imparcialidade, enfatizando a serventia do cartão vermelho e do seu imoderado uso. Ato contínuo, trilou o apito e deu por iniciada a contenda.

Adrenalina no varzedo! Nos meados do primeiro tempo, a “coisa” já estava em oito a oito; seis gols do Tobias em cobranças de faltas a longas distâncias.

Ao canhoneio da contenda, Geraldo Paco-Paco, o gandula montado, cumpria, zeloso, sua árdua missão em lombo de pangaré: ia à guaximba e dela voltava, a todo galope, reabastecendo a famigerada metralha do Tobias, que ia deixando a rede do Casa Caiada mais esburacada que tábua de pirulito.

Uma devastação para se apreciar de longe. A cada chute do “chutador”, o Castorino Piedoso tapava os olhos com o chapéu para não ver o estrago.

– “E óia qu’ele ainda num viu os penes cuchicutubia bate.”

– “Se ele vesse, aí é qui ele nunca mais abria os zói. Nem dibaixo da terra.

Do lado oposto, também, as esporas do Crispim Galo iam provocando grandes baixas na defesa do Bode Azul.

Uma balbúrdia! O “juiz”, por sua vez, já havia perdido o controle da partida: corria pra lá, voltava pra cá, soprava pra dentro, apitava pra fora... e ninguém lhe dava ouvidos.

Súbito, um gol contra! Mais uma vez o Casa Caiada explodiu de contentamento: – Mais um! Mais um!

A turma do Bode Azul protestou:

– “Nada disso! Gol contra num vale!”

– “Vale!” – “Num vale!” – E correram para o juiz:

– “Cumé qui fica, seu juiz? – “Cumé qui fica?”

Bilinho gaguejou antes de responder:

– “Cumé qui fica...” qui eu dô o gol pro Bode Azul.

– “Cuma pr’o Bod’azule? Cuma, seu incelença? Cuma, pel’amô de Deus!”

– “Foi gol contra, seu incelença. Foi eles mesmo que fez!”

– “Será qui o sinhô num viu ?”

– Vi, sim! – Afirmou o Bilinho. – E entonces ? Se foi eles que fez o gol, o gol é deles. Faz pr’ocês tombém... e acabou.

O Bode Azul voltou a comemorar. Aí, foi a vez da primeira surra; sob auspícios do Casa Caiada Esporte Clube, é claro.

– “Faiz el’inguli o apito!” – “Inxot’ele pro Tatu Assado! – “Rach’as venta dele.” – Dá mais parriba, nos zói, mode ficar roxo. Isso.”

– “Dex’os zói de cá pra mim, Ocride!” A mode eu sô canhoto.

Todavia, para salvar o que ainda lhe restava da pele e para fazer valer a sua imparcialidade, o “arbitro” reverteria sua decisão: deu ganho de causa ao Casa Caiada Esporte Clube.

Resultado: apanhou dos dois lados. A torcida do Bode Azul invadiu o campo, disposta a pepiná-lo. Pelo menos era que revelavam as ameaças mais extremas:

– “O cê apita nos rejume, ô nóis t’insbudeguemo!” – “Impustore!” – “Discrasina as incelença dele!”

– “Nóis mat’ocê, xujeitim! Nóis mata!”

– “Si num morrê, nóis capa.”

Foi quando, então, surgiu, não se soube de onde, uma vaca desembestada, distribuindo patadas, cabeçadas, rabadas... dispersando, em atropelante correria, as alvoroçadas torcidas e respectivos jogadores.

– Um abissurde! – Clamava o presidente do Bode Azul. – Cadê o juiz?

– Ói el’ ali, seu Duquinha! Perdeu o boné, mais é ele! Ia subir na trava, mais refugô; já tem dois inriba dela.

– Cham’ele aqui. Vai lá.

– Num sô doido. Ispia só quem invém ali.

Realmente. A vaca, que acabava de expulsar o último jogador, voltava, agora, para o centro do gramado, de onde, nem mesmo as dilacerantes esporas do Crispim Galo e nem as verrumas do Chico Tobias conseguiram arrancá-la.

A dita havia cismado de não dividir com os “penetras” aquela pequena extensão de sua sala de jantar. Dali, ela se pôs a catar nos quatro cantos a possibilidade de alguma presa descuidada; quando então, ela se deparou com o Bilinho, cujas pernas possuídas de imensa tremedeira, haviam-no impedido de que também fugisse.

E a multidão frenética, possessa:

– “Bot’essa vaca pra fora, seu juiz!” – “Manda pras linha de fundo, lá pras guaximba!”

– “Inspus’ela!” – “Bota pra fora!” – “Sai, vaca!”

– “Apara de bulir c’a vaca, minino.”

– Num adianta – comentou alguém. – Iss’é é tramóia do véi Castorino!

– “Só pode sê. Sortar o gado, justo agora...”

– “É assim que ele faiz, toda veiz q’um time de fora aqui vem jogá. Se o time dele ta ganhano, ele manda soltá aquela vaca mais braba, só mode acabá o jogo.”

– Isso num pode! Povidença, seu juiz! – Clamava o fazedeiro Duquinha Chaves. – Providença!

A multidão vociferando, e a vaca se aproximando do apavorado e estático “juiz” mais branco que macarrão de hospital!

Bilinho tremendo; a vaca, quase a toca-lo: as ventas dilatadas, as passadas regulamentares bem calculadas, encurtando a distância para a pegada.

– “Bota pra fora, seu juiz!” – “Inxot’ela!” – “Cadê o apito de ouro? Cadê?”

– “Medroso!” – “Cagão!”

Bilinho encheu-se de moral e resolveu dividir caminho com a fera.

– “Isso, seu incelença! Mostr’ela que tu é macho!”

Bilinho Rosa, arbitro “deplomado por FIFA própria”, por haver negligenciado o código de arbitragem, entendeu que a matéria poderia, também, ser aplicada a bovinos intransigentes e malcomportados.

Assim, perante o estarecimento geral dos espectadores, muitos deles refugiados em galhos de árvores, ele estufou o peito e, cheio de autoridade, sacou do cartão vermelho, apontou-o na direção no indisciplinado vacuum e ordenou, cheio de rompante:

– Boi fora!

Pra quê! Foi a conta. A vaca, não só pelo ultraje ao seu respeitável gênero, acabava de encontrar motivação maior para justificar, ainda mais, a sua fúria: a repelente cor do cartão! Partiu para cima do desavisado, e a única porta aberta que ele encontrou para a fuga foi o gol vazio, escancarado, no qual ele se meteu, seguido pela vaca, que com ele se embaraçou na rede, onde os dois acabaram se embrulhando na maior rebordosa, aos quiques e esperneios, empacotados na esfarrapada tralha.

Já começava a escurecer, quando um peão aflito correu na direção do decepționadíssimo presidente do Casa Caiada:

– Acode lá seu Castorino! A vaca tá imbostejando ele todo!

– Pois deixe que lá bosteije! Retrucou, contrariado, o fazendeiro: – É o que ele merece: morrer inтраiado e bosteijado em titica de vaca. Enganador! Apito de barro! Juiz de vaca! Também não pago! Morre, coisa ruinha! Morre!

Morrer... dessa vez, o Bilinho não morreu. Ficaria à disposição dos dois fazendeiros até o dia seguinte quando, então, ainda que fosse

com apito de canudo de folha de mamoeiro, ele daria continuidade à partida, conforme entendimento entre o Duquinha Chaves e o Castorino Piedoso.

Afinal, foi o único acordo por eles encontrado no sentido de assegurarem a confiança dos seus eleitores, já bastante abalada àquela altura do campeonato.

Assim, sob rígida vigilância de dois carrancudos capangas, “seu incelença, o árbitro” passaria aquela noite amarrado ao tronco de uma jaqueira, enquanto os jogadores dos dois times mais uma multidão de torcedores munidos de lanternas e de velas, escarafunchavam o local da contenda à procura do suposto “apito de ouro” desaparecido na refrega:

– “Se, dessa veiz o véi Castorino num mintiu pra nós, quem achar, tará feito!” – pensava um .

– “É dinherama viva! – monologava outro.

– “Vai di aculá, Ocride; qui, di cá, vô ino eu. Se achá, nós arreparte.”

– “Aqui, Juana! Eta munhé sonsa! Parece até que tá na pucissão! Aluméia aqui c’a vela; aqui, nessa moita. Sigura c’a mão e acisca c’os pé. Cum os zói, já zóio eu.”

Fato é que o “precioso” instrumento nunca foi encontrado. E... se acaso, algum “sortudo” o encontrou naquela noite, guardou “segredo de achado” para, depois, bem longe d’ali, submetê-lo à perícia de algum ourives profissional, capaz de atestar a real especificação da matéria prima nele utilizada.

Também é fato que do tal “apitador” nunca mais se teve notícia.

Mas, até hoje, decorridos, embora, tantos anos, muita gente daquelas bandas, confiante nas bazófias do próprio Castorino, já bastante avançado em idade como também nas mentiras, ainda afirma escutar, em noites de sossego, um assobio fininho “mais qui num é do vento furando foia de mato: – É um subio cumprido e maci; cujo, sem ranhá os ovido da gente, passa e desaparece lá pros lado da guaximba.”

A raposa encantada



Filipe
3/2012

Não que pudesse vir a ser elemento nocivo aos muitos dotes da menina Virgenilda Barbalho, que um tal de Charmozildo Dias, por várias vezes se vira obrigado a refugar diante dos temíveis bigodes do fazendeiro Juquita Barbalho.

Era que, para compartilhar dos muitos apanhados de terras que, medidas a metro frouxo, não davam para ser medidas, o candidato a genro do velho Juquita teria que possuir, no mínimo, o dobro ou igual quantidade dos apanhados da dita menina; caso contrário, nem seria de bom alvitre o patriota tentar se aproximar da Fazenda Meio Mundo com intenções casamenteiras.

Mas o Charmozildo era teimoso. A menina Virginete não ficava atrás. Amavam-se. Amor de paixão roxa.

Por isso mesmo, o velho Barbalho já havia posto a barba de molho:

– Ufa! Já tô inzuclinado! – Remoía ele – e foi de muito bão juízo da cabeça dele o ter sumido daqui. Parece até que ele divinhô. Eu já tava que tava pra dizer pra ele quantas pinta tem gambá.

Ainda assim, como seguro morreu de velho, tranquilizar-se-ia ainda mais o fazendeiro, redobrando vigilância em torno de sua intocabilíssima prenda: instalara postos de observação belicamente guarnecidos em todas as entradas e pontos estratégicos da fazenda e, completando a segurança, enviou para as bandas das capoeiras um certo Chico Farejador, raposista profissional, diretamente contratado das inóspitas caatingas dos longínquos Cariris.

Assim, separados, os namorados buscavam dar tempo ao tempo, sufocando suas paixões, cada qual à sua maneira:

A Virgete, tentando acabar com toda munição da fazenda, praticava tiro ao alvo, onde, após o extermínio de muitas pólvoras, acabou trocando a cestinha de bordados e demais prendas caseiras por uma carabina “Papo Amarelo”, transformando-se, em pouco tempo, numa exímia atiradora. Atirava de não errar nem mosquito no escuro. Já estava até causando inveja e respeito à jagunçada contratada pelo pai.

Quanto ao Charmozildo, davam conta de que frequentava um povoado vizinho a que denominavam “Subaco Moiado”, onde vinha ele derruçando das prateleiras tremenda estocagem de derivados de cana.

Com isso, folgava o velho Juquita. E com o passar do tempo, julgando que a filha tivesse esquecido o pobretão ou que ele houvesse desaparecido da região, resolveu promover um comemorativo em sua casa. Para tanto, convidou a dita menina a acompanhá-lo ao povoado, a fim de orientá-lo na escolha das novidades para a festança.

Em lá estando, a Virgete pegou vigilância descuidada e foi dar de cara com o seu inesquecível Charmozildo, que esguichava cachaça pelas gretas da dentadura.

Foi então que o inusitado aconteceu: diante de sua amada, o dito reaprumou-se, a cachaça perdeu a pressão, e ele, miraculosamente, ficou sóbrio ao ponto de reconhecê-la para com ela se entender.

Ela, por sua vez, não negaria fogo; um rastilho de uma doce labareda percorreu-lhe as entranhas, como consequência da luminosa ideia que acabava de lhe brotar na cachola.

Conversaram ligeiramente, entenderam-se e, sem menor suspeita da parte do Juquita, separaram-se novamente.

Logo mais, à noite, no casarão da fazenda, a festança pegava fogo. Enquanto o Barbalho, sentado a um canto da sala, na retranca de uma sanfona, soltava “vivas” à menina, ela, descontraída e animada, caía no forró, revezando-se nos braços dos jagunços que, a essas alturas, já haviam sido dispensados e abandonado seus postos por ordem do próprio fazendeiro.

Já ia alta a madrugada, quando, repentinamente, no terreiro ao lado, os cachorros se inquietaram com grande alvoroço. O Juquita fechou a sanfona e aguçou os ouvidos; a menina correu à janela e gritou com os tais cachorros, que, logo, se acalmaram, recolhendo-se debaixo da varanda.

No interior da casa, silêncio absoluto; expectativa dominante. Apenas olhares receosos se cruzavam indagativos. Por um momento, um latido roufenho, distante, se fez ouvir.

Chico Farejador, narinas latejantes, após farejar, detidamente, o recinto, botou uma orelha no soalho e, numa fração de minuto garantiu:

– É latido de raposa! Oxente!

– É verdade, papai! – reafirmou a Virginete, agarrando a carabina pendurada na parede. – Eu conheço latido de raposa. Não vai ninguém! Fica todo mundo aqui! – autorizou ela. – A caça é minha. Vou pegar a danada! – E saiu na escuridão do terreiro, enquanto o pai, orgulhoso de sua coragem, comentava com estardalhaço:

– Se o barro não racha na hora da feitura, o diabo dessa menina tinha nascido muleque macho!

Momentos depois, ao ouvirem o estampido da carabina, aguardaram, ansiosamente, a volta da Virginete ostentando o troféu da sua coragem como prêmio de sua infalível pontaria.

Sim; aguardariam alguns minutos; depois, algumas horas. E aguardariam, em vão, muitos dias, semanas, meses e anos.

Charmozildo desempenhara, com perfeição, o seu papel: latira de raposa.

E a caçadora, ao encaço da dita cuja, pegou chão desguarnecido e, ao redor de muitas, muitas léguas de sertão e ainda bem mais longe do captador audiolfativo do Chico Farejador, nunca mais tiveram notícia dos dois.

O pescador de TOTU



...e enganou-se quem disse ou pensou que, algum dia, pudesse dar certo um casamento entre a verdade e a mentira.

Tamanha incongruência ocorreria num pacato lugarejo denominado São Bonifácio, mais precisamente numa bucólica região, pródiga em riachos piscosos, onde a pescaria era o passatempo favorito de dois grandes amigos e fiéis compadres: Malaquias e Zé Pereira. Fiéis na amizade e compadres na pia do batismo, mas totalmente desligados um do outro, conforme opinião pública do lugar, em termos de credibilidade no que diziam.

Nesse contexto, era imensurável a distância entre os dois: O primeiro, o tal do Malaquias, ainda que inofensivas, era, em carne e osso, uma vasta antologia de mentiras; o outro, o Zé Pereira, aquilo a que se podia chamar de verdade em forma de gente. Era o conceito da população.

– Você não mente, cumpade Zé? – sempre lhe perguntava o Malaquias. – Nunca mentiu?

– Não. Nunca! – respondia ele. – É pecado, e Deus condena.

E, por ser ele cristão de vida reta, intrinsecamente compromissado com a verdade, sempre confirmada na janelinha do confessionário, o padre da região acabou lhe confiando o cargo vitalício de porta-estandarte de São Bonifácio nas procissões do padroeiro.

Enquanto isso, o herege do seu compadre estava sempre a induzi-lo a uma mentira, ainda que fosse a mais ingênua, como agora estava acontecendo, ali, na beira do riacho, onde realizavam uma pescaria:

– Uma mintirica tola, cumpade, num tira pedaço.

– Num tira, aqui, na terra – catequizava o Zé. – Mais na hora das prestação de conta... no Juiz Finale...

– Num inzeste nada disso, cumpade Zé. Iss'é curvessa, mode as pessoa andá nos rejume.

– É... mais eu só sei qui siguro morreu de véi.

E o compadre, insinuante, sempre instigando-o:

– Nem tudo que é mintira é mintira; e nem tudo qui é verdade é verdade. Tem coisas qui parece qui é, mais num é.

– Num atenta, cumpade... – tornou o puritano, levantando-se para se retirar.

– Já vai imbora?

– Tem um poço ali pra baxo. Vô pricurá mió sorte. Aqui num tá dano nada.

– Intonce vai. Vai cumpade. Vai lá já e vorte já cá .

– Tô ino. – Tornou o Zé. – Vô já lá e vorto cá já, mode curvessá mió.

– E desceu a margem do rio, indo sentar-se à sombra de um ingazeiro, à beira do tal poço.

Todavia a brisa fresca, ventilando a sugestiva paz do local, era oportuno convite a deleitoso sono. E, para que o seu tempo fosse melhor aproveitado, ele tirou uma botina, amarrou uma ponta da linha no dedão do pé e atirou o anzol dentro d'água. Se o peixe beliscasse, ele acordaria, e estaria garantido o seu jantar.

O compadre, que o espreitava por trás de uma moita, ao vê-lo se aprofundar em sono de querubim, cuidou logo de pôr em prática a brincadeira que, há dias, vinha pipocando em sua mente: o tatu que acabara de arrancar do buraco já estava dominado e bem seguro em suas mãos. Pé-ante-pé, ele se aproximou do dorminhoco, que já roncava a bom roncar. Cautelosamente, ele puxou a linha do anzol, físgou o tatu e colocou-o dentro d'água, refugiando-se, a seguir, atrás do ingazeiro.

Não demorou nada, e a água estremeceu com alvoroço. Com os solavancos do tatu, o compadre acordou num sobressalto e, ao puxar a linha, qual não foi o seu espanto!

– Pelas barba de São Bonifácio! – exclamou ele. – Socorro! Acode aqui, cumpade Malaquia! Acode, pel’amô de Deus!

O compadre veio correndo: – O qui foi, cumpade Zé? O qui tá acuntecendo?

– O fim do mundo! – gaguejou o dito, todo trêmulo. – Ispia só! Ali, na ponta da linha.

O tatu se debatia, a água borbulhava e se espadanava por todo lado.

Malaquias se aproximou e ajudou o compadre a arrastar o tatu pra terra firme.

– Tem razão, cumpade – fingiu-se ele, horrorizado. – Agora já cumeço creditá nos final do mundo. Bem falava meu avô qui muito abissurde tava pra acontecê.

– Tá no Impocalipe! – choramingava o Zé.

– E agora, cumpade? – indagava o Malaquias. – Num vamo inspaiá isso pra ninguém. Já maginô ? Vai tudo dizê qui ocê ta doido!

– Doido, eu?!... Cuma ? Ocê tombém num tá veno?

– Sei... tô veno. Um cepa tatu! Um femônimo! Num sei cuma num pocô a linha.

– Mais distroncou meu dedão do pé. E intonce, como posso tá eu doido?

O Malaquias foi incisivo:

– Doido... doido até qui num vem nos causo. O qui pioréia é eles achá que ocê tá mintino.

Zé Pereira gelou até a medula:

– Vige Santa! Valei-me São Bonifácio! Já pensou, cumpade? cinquenta ano de cumprimisso c’a verdade... uma vida inteira derrotano a mintira! Agora... sê chamado de mintiroso...

– E intonce? O povo é assim mesmo. Mais eu só te pido uma coisa, cumpade: num mim bota nessa história não.

E o Zé, ainda estarecido:

– O quê qui eu vim fazê nessa pescaria, meu Deus? Logo hoje, qui o Demo s’inscapuliu da inspada do Arcanjo!

– Pois é... e vei cair, reto, no seu anzole.

– E agora? Que qui eu faço cum isso? Jogo outra vez dento d'água?

– Nada disso, cumpade – obstou o outro. – Ele vai iscurraçar os peixe tudo.

– E entonce? Fazê o quê?

Malaquias coçou o queixo, deu um tapa numa orelha para espantar uma mutuca e filosofou:

– Bão... quer dizer qui tudo que cai no anzole é peixe. Levo ele pra casa; minha véia vai aperparar um bão guisado. Vi dizê qui é uma carne de muito bão apreçoio.

O Zé fez uma careta e se benzeu:

– Cruz im credo! Carne de capeta!

Realmente, era de se estarrecer que, no reino animal, pudesse existir algum anfíbio da ordem dos desdentados.

– Nunca vi, cumpade Malaquia! Nunca vi tatu vivente qui mora inriba da terra e, tombém, dibaixo d'água. Nunca vi!

– Pra esse aí, tanto faz, cumpade. Isso num é peixe nem animale; é um mamife, cujo veve tanto dento cuma fora d'água. É da natureza dele.

– Natureza dos demõe!

Malaquias tentou acalmá-lo: – Sussega, cumpade. Calminha... num afadigue ... esse é deferente, meu cumpade. Esse é o tale do tatu do brejo qui meu avô sempre falava. É muito difice aparecê um da raça dele. Só nos causo de “um” pra dez mile. E óia lá. E quem pesca ele tem qui sê bão pescadô. Só o mió pescador é capaz. Só o mió! O mais difice é achá o mió pescadô. Adondé qui tá ele? Ainda tá pra nascer.

Estas palavras do Malaquias, indiretamente, atingiram o ponto mais oculto, porém o mais sensível do Zé Pereira: a sua vaidade!

E ele, ainda um pouco trêmulo, olhando para o tatu que o compadre acabava de libertar do anzol e enfiava, amarrado, no embornal, balbuciou:

– Pois é, cumpade... as veiz a gente num fala, mode num falá...

– Cuma num falá? Falá o quê?

–Coisas, cumpade... coisas... divacilo de minhas parte... se afadi-guei atoa ... deixa pra lá.

Diante de tanto mistério, intrigou-se o Malaquias, começando a pensar que o companheiro já estivesse entrando nas vascas do delírio:

– Óia, óia, cumpade! Cumpade, óia, óia. Ocê tá inscondendo algum malfeito. E o sinhô num é home de mintira.

Zé Pereira pensou... pensou e, por fim:

– Posso falá? O sinhô jura qui num vai inspaiá?

– Claro! Dô minha palavra – garantiu o Malaquias. – A mode o quê nós é amigo e cumpade? Fala!

O pescador de tatu olhou, desconfiado, para os lados; voltou-se para o Malaquias e soltou o verbo:

– Eu, de minhas parte, juro por São Bonifácio qui num vô contá pra ninguém. Num quero passar por doido, nem por mintiroso; mais pro sinhô, qui é meu amigo de fé, eu cunfesso. – E, apontando para o embornal onde o tatu ainda se debatia, ele confessou. Em tom confidencial:

– Desse aí, já é o terceiro que eu pesco essa sumana – E sem perceber que o Malaquias tentava prender uma risadinha marota, concluiu:

– E só mandei de vorta pra água, a mode qui nela deva ficar o qui dela é.

Faltava um João



Aconteceu nos idos de 80.

E foi naquele lugarejo enfurnado num buraco de sertão que o homem do Censo, mal tendo iniciado o seu trabalho, constatou que, ali, toda a população masculina tinha o nome de João.

Por toda parte, morros, becos e vielas, empanturrando a demografia do lugar, era João se embaraçando em João.

Coincidência ou não, para evitar possíveis equívocos, a população havia adotado, para cada um, uma marca registrada análoga e plenamente justificável, em função das causas ou circunstâncias que deram origem às ditas marcas, democraticamente aceitas por seus donos. Por isso, João Farinha, João da Pinga, João Bigorna, João Boi, João Coité, João Tucano, João Prego, João Boca de Bode, João Encrenca, João da Pólvora, João Bocão, João Peidim, João Zoião, João Coruja, João Sanfona, João de Baixo, João de Riba, João Pé de Chumbo, João Cebola, João Funga Funga, João da Cova, enfim, para não falar de outra extensa feira de Joões não catalogados, por não se acharem, ainda, fora das fraldas.

O homem do Censo, bloquinho do IBGE engasgado com tanto João, ainda não havia percorrido todo o vilarejo, quando se deparou com João da Pólvora, um maluco que se instalara numa esquina, onde, dançando e, a toques de sovaco, executava partituras musicais de sua lavra.

Aproximando-se do doido, o recenseador achou de puxar assunto:
– Bom dia. O senhor é daqui mesmo?

O “músico” interrompeu seu recital axilar; retirou a mão da cova do braço e sacudiu para um lado o suor da axila:

– Inhor sim. Sim sinhô. Sô daqui sim. O sinhô num tá mim veno ieu aqui?

– Sim, estou. É outro João, com certeza.

O doido encarou-o:

– Grandes prodíjo! Aqui, todo mundo é João. Isso, mode num falar do inxame de minino de cuero, que só tá esperano calibrar idade. Só o sinhô que não sabe.

– Eu sei. – Tornou o chegante. – Já andei por aí tudo e só encontrei João. – E perguntou a origem de tantos apelidos. – Eu gostaria que o senhor me explicasse. João da Cova, por exemplo. Por quê “da Cova”?

– E daí ? retrucou o biruta. – Pruquê? Já morreu aigum parente seu? O sinhô tem difunto na famia?

– Naturalmente. Claro que sim.

– E intonces? Ele foi interrado adonde? Dibaxo d’água? No oco do pau? Adonde?

– É... – respondeu, sem graça, o curioso. – É... foi na cova.

– E intonces? – idagou o doido, forçando-o a acompanhar o seu raciocínio analógico. – Quem fez a cova? Foi o João. João de quê? Do Brejo?

O homem se entaliscou:

– É... é... foi é... da Cova! O coveiro. É... é isso mesmo. João da Cova.

–E intonces?

Desconfiado, o chegante, que acabava de olhar para um lado, deparou-se com outro indivíduo sentado na calçada, entretido com um curioso afazer.

– E aquele ali, quem é? – perguntou. – É, também, outro João?

– E entonces? – tornou o maluco. – É o João da Gota.

O impertinente sorriu num murmúrio:

– Da gota... é cada uma! Mas... por que “da gota”?

O mentecapto sacudiu, negativamente, a cabeça e voltou a encarar o amolante:

– O sinhô num tá veno? Sab’o quê qui ele tá fazeno?

– É... é... não sei bem. Mas parece que ele está ali, aparando, naquele canequinha, as gotas d'água que caem daquela pingueira. Da chuvarada desta noite, com certeza. Estive observando. Mas só não compreendo por que, quando a canequinha já está quase cheia, ele derrama toda a água na calçada e, por várias vezes, repete a operação. Por que será?

Incrédulo, o doido, um olho fechado, o outro aberto, voltou a fitá-lo:

– O sinhô é mesmo intupido, eim? Ainda num manjô nada?

– Bem... é... – balbuciou o bolha. – parece que ele quer encher aquela canequinha.

– É da natiureza dele. Toda vez que chove, é assim – explicou o maluco.

– Mas... daquele jeito? Gota por gota e, ainda, por cima derramando tudo? Não vai encher nunca!

– Justo! – concordou o doido. – Justo certo! E num vai encher mesmo, a mode qui é ele que já tá chei. E sab'ó sinhô a mode qui ele já tá chei? Arrepara bem; presta assunto. Tá veno, lá, aquela pução de gente na bera dele?

– Sim. Estou veno. Mas por que tanta gente?

O maluco procurou trincar uma resposta mais compatível com o grau de compreensão daquela mente obstruída:

– Óia, meu sinhô: Indesde minhãzinha aquele moço tá ali, conta-no quantas gota dá, mode inchê aquela canequinha. Mais condo já tá parriba das metade, chega um chato e pispia pringuntá contas gota ele já contô, ou contas ta fartano. Ele, intonces, s'imbaraiia nos carco, perde as conta... s'imputece, disvazeia a canequinha e começa tudo outra vez.

Só aí, então, o homem do Censo caiu em si:

– Agora sim! Já começo a entender o porquê de João da Gota!

O maluco olhou-o num rabo-de-olho: – Disintupiu, né?

Mas o homem do Censo queria saber mais:

– Agora, só mais unzinho, por favor! E João Peidim? Tão engraçado! Por quê “Peidim”?

O demente fitou-o por baixo das espessas sobrancelhas e ironizou:
– Pru quê? Numa adivinha? Ele vende perfume na feira. Água de chero; só coisa cheirosa.

– Mas... como? O que tem uma coisa a ver com a outra?

O maluco foi sarcástico:

– Perfume fed'ô chera?

– É... é. Chera.

– E pêdio?

O obtuso sorriu, desconcertado:

–É... é. Fede.

O analogista concluiu:

– Já sabe, agora, pru quê.

Depois da sabatina esclarecedora, o curioso ainda não estava satisfeito. Resolveu ir mais fundo:

– Como pode o senhor saber de tantas coisas? O senhor não é doido?

O biruta, que já estava de medidas cheias, respondeu, ofendido:

– Óia aqui, meu sinhô:Doido eu sô, mas num sô burro não sinhô.

Desmoronado, o homem do Censo entregou os pontos:

– Boa resposta – concordou. – Muito boa! Só o que me intica as ideias é pensar de onde saiu tanto João!

O doido, que já ia recomençar o seu recital interrompido, acrescentou:

– É. Tem muito João, sim. E não é só aqui não. O qui tem de Juão isparramado nesse Brasilão doido já passa da conta de muitas balaia-da. Qué vê só? Quem é o mais maiorale do nosso Brasile? O chefão de nós tudo. Quem é?

– O nosso Presidente – respondeu o curioso.

– E cuma ié o nome dele?

– João Figueiredo.

O biruta soltou um guincho:

– Aí! Tai! Óia só o qui q'ô falei! Tudo Juão! Aqui e no arintimbódo juda! E óia qui, pur aqui, ainda tá fartando mais um.

– O quê !?... Outro João?
– Cuma não? Óia só! Ele já ta chegano. E... se mal progunte,
Cuma ié a graça do sinhô?
– João – respondeu o bisbilhoteiro. – Meu nome é João Teixeira.
– Texera?! – Assustou-se o maluco, dando um salto para trás. –
Num brinca! Texera!?
– Sim – confirmou o chato. – Falo sério. Eu sou Teixeira. João
Teixeira. No cartório e na pia do batismo.
– Epa! Lá! – retrucou o biruta. – Texera, aqui, pra nós, é apilide.
O sinhô é o qui tava fartano: O Juão Saci!
O homem do Censo sorriu num deboche:
– Saci? Essa não! Saci só tem uma perna e anda pulando. Eu não
pulo.
– E quem falô qui num pula? – contestou o doido. – Pois vai pulá
já! – E, sem pestanejar, sacou de uma garruchinha enferrujada, deu um
tiro num pé do enxerido e gritou:
– Pula, agora, Juão Saci! Pula!
E, enquanto o novo João gemia de dor e pulava numa só perna, o
maluco aplicou o tiro de misericórdia no assunto:
– Assim, o sinhô num precisa nem priguntá. Já fica sabeno, por
conta própis, a mode que o meu nome é João da Porva.

Epílogo

Assim, após completar o seu acidentado giro, a inconsequente “Bola do Juízo” encontra-se em suspenso, entalhada, por aí, numa velha caçapa da vida, definitivamente esquecida num porão do tempo.

Filogônio Barbosa Aguilár | Colatina, Novembro de 2011



Filogonio Barbosa de Aguiar

Nascido em 10 de junho de 1934, em Malacacheta, Minas Gerais. Formado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina. Foi professor de Língua Portuguesa, Redação e Expressão, Literatura Brasileira e Educação Artística durante 30 anos na Escola Agrotécnica Federal, hoje Instituto Federal do Espírito Santo, onde se aposentou.

Alem de peças teatrais, contos e poesias, publicados em jornais, já escreveu quatro romances: Náufragos da Esperança, Os Tripulantes da Noite, Cinderela dos cafezais e O Diamante Azul.

Como artista plástico, já executou mais de três mil trabalhos entre telas e murais, sacros e profanos.



“Mas falar de Filogônio e sua arte é muito fácil, porquanto, nele, a criatividade e a perfeição são dignas de nota. Nesta obra, inédita na sua concepção e execução, o grande mestre alia a sua veia de grande escritor à de inigualável artista plástico.”

APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO

SECRETARIA
DA CULTURA

